



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

CARLA PEREIRA MINELLO

**A AQUISIÇÃO DA VOZ PASSIVA NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO: DA SINTAXE PARA A MORFOSSINTAXE**

**CAMPINAS,
2017**

CARLA PEREIRA MINELLO

**A AQUISIÇÃO DA VOZ PASSIVA NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO: DA SINTAXE PARA A MORFOSSINTAXE**

**Dissertação de mestrado apresentada ao
Instituto de Estudos da Linguagem da
Universidade Estadual de Campinas para
obtenção do título de Mestra em
Linguística.**

Orientadora: Profa. Dra. Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes

**Este exemplar corresponde à
versão final da Dissertação da
aluna Carla Pereira Minello,
orientada pela Profa. Dra. Ruth
Elisabeth Vasconcellos Lopes.**

**CAMPINAS,
2017**

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CAPES

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Crisllene Queiroz Custódio - CRB 8/8624

M662a Minello, Carla Pereira, 1987-
A aquisição da voz passiva no português brasileiro : da sintaxe para a morfossintaxe / Carla Pereira Minello. – Campinas, SP : [s.n.], 2017.

Orientador: Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Aquisição de linguagem. 2. Língua portuguesa - Brasil - Sintaxe. 3. Língua portuguesa - Brasil - Morfologia. 4. Língua portuguesa - Brasil - Voz passiva. I. Lopes, Ruth Elisabeth Vasconcellos, 1960-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: The acquisition of passive voice in Brazilian Portuguese : from syntax to morphosyntax

Palavras-chave em inglês:

Acquisition of language

Portuguese language - Brazil - Syntax

Portuguese language - Brazil - Morphology

Portuguese language - Brazil - Passive voice

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestra em Linguística

Banca examinadora:

Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes [Orientador]

Elaine Bicudo Grolla

Ana Paula Scher

Data de defesa: 30-06-2017

Programa de Pós-Graduação: Linguística



BANCA EXAMINADORA

Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes

Elaine Bicudo Grolla

Ana Paula Scher

**IEL/UNICAMP
2017**

**Ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros
encontra-se no SIGA – Sistema de Gestão Acadêmica.**

As pessoas só têm charme em sua loucura, eis o que é difícil de ser entendido. O verdadeiro charme das pessoas é aquele em que elas perdem as estribeiras, é quando elas não sabem muito bem em que ponto estão. Não que elas desmoronem, pois são pessoas que não desmoronam. Mas, se não captar aquela pequena raiz, o pequeno grão de loucura da pessoa, não pode amá-la. Não pode amá-la. É aquele lado em que a pessoa está completamente... Aliás, todos nós somos um pouco dementes. Se não captar o ponto de demência de alguém... Ele pode assustar, mas, a mim, fico feliz de constatar que o ponto de demência de alguém é a fonte de seu charme.

– Trecho de entrevista dada por Gilles Deleuze à Claire Parnet, em 1988.

Agradecimentos

Não me demorarei nesse trecho pois, para quem me conhece, sabe sobre minha capacidade de ser lacônica.

Primeiramente, agradeço à Ruth E. V. Lopes, por todos esses anos de orientação – desde 2011. Agradeço aos professores Ana Paula Scher e José Ferrari Neto, pelas contribuições durante a qualificação. E agradeço também aos membros da banca de defesa, as professoras Elaine Grolla e Ana Paula Scher, que trouxeram contribuições pertinentes a este trabalho e a trabalhos futuros. E por fim, à CAPES, pelo financiamento.

Agradeço às escolas e aos pais que permitiram a participação de seus/suas filhos/filhas nesta pesquisa e aos adultos que compuseram o grupo controle, sem os quais a realização deste estudo seria impossível.

Agradeço também à Janayna Carvalho e ao Maurício Resende, pelas contribuições feitas ao trabalho.

Agradeço também ao pessoal da Clínica MCM, na qual estou atualmente trabalhando e que aguentaram e se divertiram com as minhas sagas durante o mestrado.

Agora, agradeço às seguintes pessoas: Adelaide Camilo, Aline Pires, Antonio Codina, Fernanda Mendes, Letícia Kolberg, Ruan Mariano e Williane Côroa – cada um com sua participação durante o processo de realização deste trabalho e de sua escrita.

E por fim, agradeço ao Harley Toniette, por esses nove anos e alguns meses de muita conversa, companheirismo, discussões e brigas, junto com nossas felinas, as quais diversas vezes contribuíram para adequar este trabalho a uma formatação nada convencional...

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo observar e discutir a aquisição da voz passiva por crianças falantes do português brasileiro (PB), a partir de dados de compreensão, produção eliciada e produção espontânea. Parte-se de perspectivas gerativistas, contudo, adotam-se pressupostos da Morfologia Distribuída (HALLE & MARANTZ, 1994; MARANTZ, 1997) e as propostas desenvolvidas por Embick (2004) e Alexiadou & Anagnostopoulou (2008) sobre os processos morfossintáticos existentes na derivação dos participios. Assume-se que a dificuldade da criança com passivas eventivas não se deva à dificuldade desta em realizar movimento do argumento interno (BORER & WEXLER, 1987; WEXLER, 2001; HYAMS & SNYDER, 2005; 2014; entre outros), mas sim com a derivação do participio passado, especificamente, o participio eventivo. Os traços de telicidade, duratividade e estatividade aparentam possuir um papel determinante na compreensão de passivas eventivas pelas crianças no processo de aquisição, o que foi observado a partir dos resultados obtidos no primeiro estudo experimental discutido nesta dissertação: as crianças compreenderam melhor passivas eventivas télicas, durativas e não-estativas (passivas de *accomplishments*) do que passivas em que a combinação desses traços era diferente (passivas de *achievements*, estados e atividades). Não foi observado nenhum efeito quanto à ausência ou à presença do *by-phrase*, nem com relação ao verbo ser de ação ou de não-ação. Considera-se também que os estudos anteriores que verificaram que a criança tem dificuldades para compreender passivas não se atentaram para propriedades como a acionalidade. Com relação ao segundo estudo experimental, que investigou a produção eliciada de passivas, foi observado que a passiva eventiva não é a estrutura sintática escolhida pela criança. Já com relação aos dados de produção espontânea, os resultados mostram que a passiva estativa é a primeira passiva produzida pela criança, seguida da passiva resultativa e depois da passiva eventiva (que foi produzida em poucos casos). Vale ressaltar que as passivas estativas e resultativas só são permitidas com verbos considerados de *accomplishment*, ou seja, verbos que possuem tanto um estado quanto um resultado em seu evento.

Palavras-chave: Aquisição da Linguagem; Morfossintaxe; Voz passiva; Acionalidade.

ABSTRACT

This work aims to observe and discuss the acquisition of the passive voice by Brazilian children, based on comprehension, elicited production and spontaneous production data. It is based on the Generative Theory; however, we adopt the assumptions of Distributed Morphology (HALLE & MARANTZ, 1994; MARANTZ, 1997) and the proposals developed by Embick (2004) and Alexiadou & Anagnostopoulou (2008) on the morphosyntactic processes in the derivation of participles. It is assumed that children's difficulty with an eventive passive is not due to their difficulty to move the internal argument (BORER & WEXLER, 1987; WEXLER, 2001; HYAMS & SNYDER, 2005; 2014), but to the derivation of the past participle, specifically, the eventive participle. The features of telicity, durativity and stativity seem to play a decisive role in children's comprehension of passive events in the acquisition process, as was observed in the results obtained in the first experimental study discussed in this dissertation: Children understood telic, durative and non-stative passives (accomplishment passives) better than passives in which the combination of these features were different (passives of *achievements*, states and activities). No effect was observed on the absence or presence of the *by-phrase*, nor on the verb being an action or non-action one. It is also considered that previous studies that verified that the child has difficulties to understand passives did not pay attention to properties like aktionsart. Regarding the second experimental study, which investigated the elicited production of passives, it was observed that the eventive passive sentence is not the syntactic structure chosen by the child. Nonetheless, regarding the spontaneous production data, the results show that the stative passive is the first passive construction produced by the child, followed by the resultative passive and afterwards the eventive passive (which was produced in a few cases). It is noteworthy that stative and resultative passives are only allowed with verbs considered as *accomplishment* verbs, that is, verbs that have both a state and a result in their event.

Key words: Language Acquisition; Morphosyntax; Passive Voice; Aktionsart.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. AQUISIÇÃO DA VOZ PASSIVA	15
1.1. Propostas e hipóteses sobre a aquisição da voz passiva	16
1.1.1. A aquisição da passiva em Borer & Wexler (1987)	16
1.1.2. A proposta de Fox & Grodzinsky (1998)	21
1.1.3. A aquisição de sentenças passivas em Babyonyshev et al. (2001) e em Wexler (2004)	23
1.1.4. A aquisição de passivas em Hyams & Snyder (2006) e em Snyder & Hyams (2014)	25
1.2. A aquisição da voz passiva translinguisticamente	29
1.3. Algumas considerações finais	34
2. DE OLHAR A SINTAXE PARA OLHAR A MORFOSSINTAXE	36
2.1. A morfologia	37
2.1.1. A Morfologia Distribuída	37
2.2. O particípio passado	40
2.3. Os particípios no português brasileiro	47
2.4. Estrutura argumental e particípio passivo	52
2.4.1. Estrutura argumental e acionalidade no particípio passado	53
3. MÉTODOS E RESULTADOS	62
3.1. Estudo 1: produção espontânea de passivas	63
3.2. Estudo 2: compreensão de <i>ser</i> e <i>estar</i>	67
3.3. Estudo 3: produção eliciada de voz passiva	72
3.3.1. Apresentando os resultados do estudo experimental de produção eliciada de voz passiva	75
3.4. Estudo 4: compreensão de passivas eventivas	80
3.4.1. Materiais e métodos	80
3.4.2. Resultados	85
3.4.2.1. Compreensão de ativas e passivas eventivas	85

3.4.2.2. Compreensão de passivas eventivas e sua relação com a acionabilidade	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS	102
ANEXOS	108

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem por objetivo estudar a aquisição da voz passiva no português brasileiro (daqui em diante, PB), tendo como hipótese que os traços de acionalidade terão papel essencial na aquisição da passiva eventiva (por exemplo, *O menino foi molhado* (pelo pai)). Não se assume que o atraso observado na aquisição dessas sentenças se deva a alguma dificuldade no movimento do argumento interno para a posição do sujeito, conforme as hipóteses de Borer & Wexler (1987), Wexler (2004), Hyams & Snyder (2005; 2014), entre outros. Parte-se, portanto, de uma hipótese distinta das que têm sido discutidas na literatura de forma geral.

Para investigar a hipótese defendida pelo presente trabalho, foi realizada uma série de estudos experimentais, assim como foram levantados e analisados dados de produção espontânea. Serão discutidas a compreensão e a produção de sentenças passivas através de duas metodologias experimentais, respectivamente, uma tarefa de Seleção de Figura e uma tarefa de Produção Eliciada¹ e serão analisados dados naturalísticos de duas crianças no processo de aquisição da linguagem, em que foi observada a produção espontânea de sentenças passivas. Investigou-se também a compreensão dos verbos *ser* e *estar*, com o objetivo de discutir se a criança compreendia e diferenciava tais verbos, uma vez que a distinção superficial entre a passiva eventiva e a passiva estativa é marcada por esses verbos.

Estudos que investigaram a aquisição de voz passiva em diversas línguas observaram a ausência dessas construções na fala infantil e a dificuldade na compreensão desse tipo de sentença por crianças no processo de aquisição da linguagem (cf. MARATSOS ET AL., 1985; BORER & WEXLER, 1987; FOX & GRODZINSKY, 1998; O'BRIEN ET AL., 2006; entre tantos outros). De acordo com O'Brien et al. (2006), crianças adquirindo o inglês, por exemplo, raramente produzem passivas com *by-phrase* (passivas com o sintagma preposicionado agentivo ou passiva longa) (ver 1), na fala espontânea, e as passivas sem *by-phrase* (sem o sintagma agentivo preposicionado ou passiva curta) produzidas pelas crianças possuem uma interpretação adjetiva nas línguas em que a passiva adjetiva e a passiva verbal são homófonas. Nesses casos, exemplos como (2) teriam a interpretação presente em (2ii).

¹ As metodologias experimentais serão apresentadas detalhadamente no Capítulo 3 desta dissertação.

- (1) The cat was washed by the kid
O gato foi lavado pela criança
- (2) The book was written
i. Interpretação passiva: *O livro foi escrito*
ii. Interpretação adjetiva: *O livro está escrito*

Dentre outras dificuldades relacionadas à compreensão de sentenças passivas, há a observação de que passivas não-acionais (passivas com verbos não-acionais, exemplificada em 3a) são compreendidas mais tardiamente que as passivas acionais (passivas com verbos acionais, como em 3b). O melhor desempenho das crianças com as passivas de verbos acionais seria explicado pela compreensão da passiva acional como sendo uma passiva adjetiva, o que não é possível com passivas de verbos não-acionais (BORER & WEXLER, 1987; BABYONYSHEV et al. 2001; ORFITELLI, 2012; entre outros).

- (3) a. O menino foi visto
b. A menina foi penteada

A principal discussão por parte dos trabalhos realizados no âmbito da gramática gerativa sobre aquisição de voz passiva dá-se em torno da existência de um *delay*² na aquisição destas estruturas por crianças (cf. ESTRELA, 2013, entre outros) e de quais hipóteses³ mais bem explicariam como esta estrutura é adquirida. Das principais hipóteses de base sintática, destacam-se aquelas que apontam que a dificuldade da criança em compreender sentenças passivas estaria relacionada com uma inabilidade em realizar movimento do argumento interno para a posição de sujeito, como será discutido no Capítulo 1.

² Neste trabalho, optou-se por utilizar o termo *delay* para indicar quão tardia é a aquisição de sentenças passivas em comparação com a aquisição de outros fenômenos, não remetendo em momento algum a questões relacionadas com aquisição atípica ou atraso na aquisição da linguagem.

³ Dentre as hipóteses que explicariam o *delay* na aquisição de passiva, podem ser citadas as propostas de Borer & Wexler (1987), Fox & Grodzinsky (1998), Babyonyshev et al. (2001), Wexler (2004), Hyams & Snyder (2005), Orfitelli (2012) e Hyams & Snyder (2014). Há outras hipóteses que explicam o atraso na aquisição de sentenças passivas, as quais não serão discutidas por este trabalho.

Entretanto, as hipóteses que explicariam o *delay* na aquisição de sentenças passivas tomando como base o movimento do argumento interno não serão adotadas por este trabalho. A proposta a ser desenvolvida olhará o processo de derivação do particípio passivo, assumindo que são processos morfossintáticos envolvidos na derivação deste que serão responsáveis pelo *delay* na aquisição das passivas.

Primeiramente, parte-se de uma tipologia tripartite (cf. EMBICK, 2004) para os particípios passados, ao contrário da divisão tradicional em termos de passivas sintáticas/verbais e passivas lexicais/adjetivas; a saber, aquela que toma os particípios como eventivos (4a), resultativos (4b) e estativos (4c). A discussão sobre a natureza dos particípios pode ser encontrada no Capítulo 2.

- (4)
- a. A menina foi penteada pela mãe
 - b. A menina ficou penteada
 - c. A menina está penteada

As discussões e previsões deste trabalho se inscrevem dentro dos pressupostos teóricos do Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995) e adotam alguns dos desenvolvimentos da Morfologia Distribuída (HALLE & MARANTZ, 1993). A pergunta que norteia os desenvolvimentos apresentados nesta dissertação é: *qual ou quais processos poderiam explicar o conhecido delay na aquisição de sentenças passivas com particípio eventivo, ou seja, as passivas eventivas?*

Defende-se que o *delay* observado na aquisição de passivas eventivas é justificado pelos processos morfossintáticos envolvidos na derivação do particípio passado, formado a partir da combinatória de traços ou feixes de traços que irão determinar as camadas que alojam suas propriedades funcionais: *Asp*, *Voice* e *v*, tal como presente em Embick (2004) e em Alexiadou & Anagnostopoulou (2008). Esses particípios serão formados por um conjunto de propriedades selecionadas do Léxico Estrito⁴ (MARANTZ, 1997) associadas com feixes de traços responsáveis por codificar informações relacionadas com traços de telicidade, duratividade e estatividade. Assume-se neste trabalho que os traços de acionalidade terão papel fundamental na

⁴ A Morfologia Distribuída se baseia na existência de três listas: a lista 1 (léxico estrito), diz sobre os feixes de traços morfossintáticos e as raízes acategoriais, que serão combinados na computação por meio da operação *merge*; a lista 2, responsável pelo conteúdo fonológico, contém os itens de Vocabulário; e a lista 3, contém a informação enciclopédica, conforme Marantz (1997).

aquisição da passiva eventiva, e que a criança realizará primeiro os participios em que há uma possibilidade menor na combinação entre esses traços, conforme será discutido nos capítulos 2 e 3.

Este trabalho organiza-se da seguinte forma: no Capítulo 1 são apresentadas propostas encontradas na literatura da área para explicar a aquisição da voz passiva e os pressupostos teóricos adotados por este trabalho; no Capítulo 2 serão apresentadas as discussões referentes à natureza do participio passado e a proposta adotada por este trabalho; no Capítulo 3 serão apresentados os resultados obtidos no estudo de produção espontânea, seguido da apresentação dos três estudos experimentais realizados por este trabalho, assim como as discussões realizadas; e no Capítulo 4 serão apresentadas as considerações finais e conclusões a que se chegou.

1. A AQUISIÇÃO DA VOZ PASSIVA

Neste capítulo serão apresentadas as propostas desenvolvidas em Borer & Wexler (1987), Fox & Grodzinsky (1998), Babyonyshev, Ganger, Pesetsky & Wexler (2001), Wexler (2004) e Hyams & Snyder (2005) e Snyder & Hyams (2014), propostas essas que assumem a existência de um *delay*⁵ na aquisição de sentenças passivas. Esse *delay*, ou atraso universal, na aquisição de passivas quando comparado com a aquisição de outras estruturas, seria explicado por uma dificuldade para lidar com os mecanismos necessários à formação da passiva verbal, mecanismos que serão acessíveis pela criança a partir de determinada faixa etária. A seguir serão apresentados alguns dos estudos sobre a aquisição da voz passiva que investigaram o delay observado em sua aquisição e olharam para a compreensão da passiva verbal com verbos de ação e de não-ação, a saber, Hirsh & Wexler (2006) e Liter (2016), para o inglês, Terzi & Wexler (2002) e Driva e Terzi (2007), para o grego e Estrela (2013), para o português europeu (PE)⁶. Essas propostas serão discutidas com base em evidências sobre a sua aceitabilidade e com base nos achados experimentais de tais estudos, levantando-se os pontos em que há falhas ou não nas generalizações propostas.

O capítulo, portanto, encontra-se dividido conforme apresentado a seguir: na seção 1.1, serão apresentadas as propostas sobre a aquisição de sentenças passivas acima citadas. Na seção 1.2, os estudos experimentais citados

⁵ Há também na literatura sobre a aquisição de sentenças passivas outras propostas que não assumem a existência de um delay na aquisição dessa estrutura, como os trabalhos de Demuth (1989) e Kline & Demuth (2010), que tratam a aquisição de sentenças passivas com base na presença dessas sentenças no *input* linguístico, sendo que a presença de sentenças passivas na fala direcionada à criança diria sobre a capacidade desta em compreender e produzir sentenças passivas. Há também os trabalhos de O'Brien, Grolla & Lillo-Martin (2006) e Crain, Thornton & Murasugi (2009), que discutem a adequação experimental dos experimentos, defendendo que sentenças passivas serão compreendidas pelas crianças se determinados aspectos pragmáticos fossem controlados. A discussão sobre esses dois trabalhos será retornada na seção 1.1.4.

⁶ Para o PB, existem os trabalhos de Gabriel (2000), Rubim (2009) e Lima Júnior (2012; 2016). No estudo de Rubim (2009), a autora investiga a aquisição da voz passiva por crianças com Síndrome de Down. Já Gabriel (2000) e Lima Júnior (2012; 2016) olham para a aquisição da passiva verbal por um viés de modelos de processamento linguístico. Como esses três trabalhos não possuem como foco discutir os mecanismos linguísticos envolvidos na aquisição da passiva verbal, esses trabalhos não serão apresentados. Para maiores detalhes, conferir os estudos dos autores.

anteriormente serão apresentados; e, por fim, na seção 1.3 será realizada uma discussão e síntese dos estudos apresentados.

1.1. Propostas e hipóteses sobre a aquisição da voz passiva

Nesta seção, serão apresentadas as hipóteses desenvolvidas por Borer & Wexler 1987 (*A-Chain Deficit Hypothesis* ou *Hipótese do Déficit de Cadeia-A*), Fox & Grodzinsky (1998) (*Hipótese da Transmissão do Papel Temático*), Babyonyshev et al. 2001 (*External Argument Requirement Hypothesis* ou *Hipótese do Requerimento Universal do Argumento Externo*), Wexler (2004) (*Universal Phase Requirement* ou a *Hipótese do Requerimento Universal de Fase*), Hyams & Snyder (2006) (*Universal Freezing Hypothesis* ou *Hipótese do Congelamento Universal*) e Snyder & Hyams (2014) (*Pure Minimality Hypothesis* ou *Hipótese do Efeito de Minimalidade*)⁷.

1.1.1. A aquisição da passiva em Borer & Wexler (1987)

Uma das hipóteses formuladas para explicar a dificuldade de compreensão da passiva verbal e sua baixa ocorrência na fala da criança antes dos cinco anos de idade é a hipótese defendida por Borer & Wexler (1987), nomeada Hipótese do Déficit de Cadeia-A (*A-Chain Deficit Hypothesis* – ACDH).

No trabalho desenvolvido pelos autores, as crianças adquirindo o inglês teriam dificuldades com sentenças passivas e inacusativas em decorrência de uma inabilidade da criança em lidar com a formação de cadeia-A. Essas duas sentenças possuiriam um comportamento sintático semelhante, em que um constituinte em posição A (o objeto) se move para uma outra posição A (posição de sujeito), formando uma cadeia entre o constituinte movido e o vestígio que permanece no local em que esse constituinte foi gerado, levando à atribuição não-local do papel temático do objeto. De acordo com os autores, a dificuldade da criança seria em lidar com a atribuição não-local do papel temático de objeto. A exemplificação da derivação para

⁷ Há também a *Argument Intervention Hypothesis*, desenvolvida por Orfitelli (2012), na qual a autora afirma que o delay na aquisição de sentenças de alçamento e de sentenças passivas é explicado pela dificuldade da criança em lidar com estruturas que requerem movimento do argumento interno sobre um interveniente. Para maiores detalhes, cf. Orfitelli (2012).

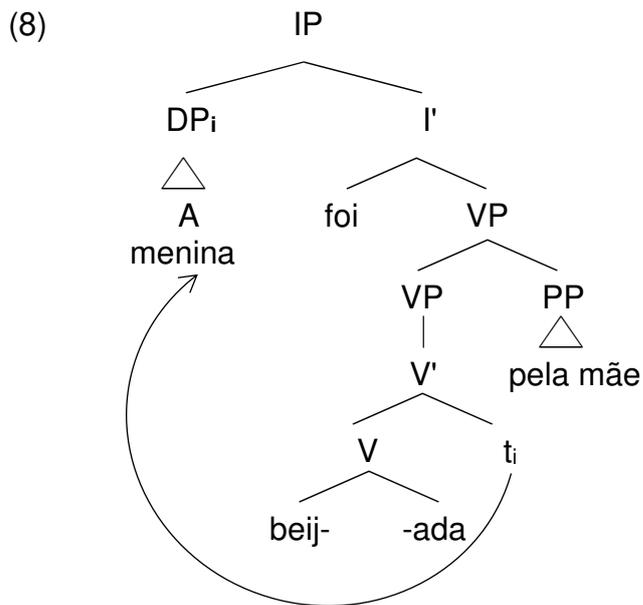
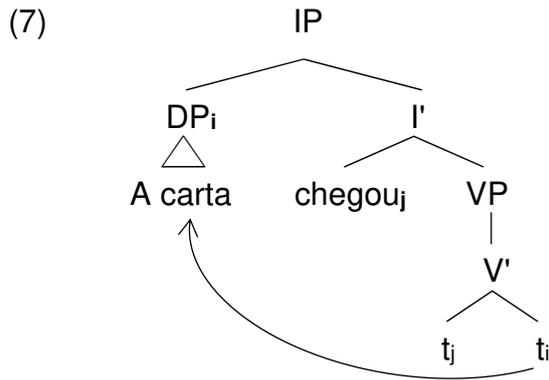
as sentenças passivas verbais e sentenças com inacusativos será apresentada abaixo.

Tanto nas sentenças passivas, quanto nas sentenças com verbos inacusativos, apenas o argumento interno seria selecionado pelo verbo principal. Nas sentenças com verbos inacusativos em (5), o DP é selecionado pelo verbo e se une a ele na posição de complemento, recebendo um papel temático. Por serem inacusativos, o verbo em (5) não consegue atribuir um Caso ao DP, o qual deve se mover para a posição de SpecInfl para receber seu Caso (nominativo)⁸, movimento denominado de movimento de cadeia-A. A forma superficial resultante após o movimento do argumento interno pode ser vista em (5b). O funcionamento das passivas em (6) é tratado como sendo semelhante ao processo de derivação das sentenças com verbos inacusativos, com o DP subindo para a posição de SpecInfl e recebendo Caso nominativo.

- (5) a. Chegou a carta
 b. A carta chegou
- (6) a. Foi beijada a menina
 b. A menina foi beijada (pela mãe)

A derivação se daria tal como se observa em (7), para uma sentença inacusativas, e em (8), para uma sentença passiva.

⁸ Burzio (1986) notou que existe uma relação entre a capacidade do verbo em selecionar um argumento externo e a atribuição de caso acusativo, relação nomeada de Generalização de Burzio, definida a seguir: (i) um verbo sem um argumento externo falha em atribuir caso acusativo e (ii) um verbo que falha na atribuição de caso acusativo falha na marcação temática de um argumento externo. Ou seja, em sentença como representada em (5), o argumento interno não receberá caso acusativo da raiz do verbo, pois essa raiz não é capaz de atribuir tal caso.



A justificativa para sentenças passivas serem tratadas como inacusativas pode ser encontrada em Jaeggli (1986) e Baker *et al* (1989). De acordo com os autores, a motivação para a passiva verbal funcionar tal como um inacusativo se deve ao particípio passivo perder a capacidade de atribuir caso acusativo, contraste que pode ser observado em (9).

- (9)
- a. A Maria o comprou
 - b. *Foi comprado-o

Conforme Jaeggli (1986) e Baker *et al* (1989), essa impossibilidade da atribuição de caso acusativo por sentenças passivas se deve à absorção ou à eliminação do caso acusativo pela morfologia passiva. Tal absorção resultaria em uma aproximação de sentenças passivas com sentenças com verbos inacusativos, pois, em ambas, o núcleo V não projetaria a posição SpecVP. O argumento selecionado

pela passiva e por verbos inacusativos é interno, o qual deve ser movido para a posição SpecInflP para receber caso nominativo, como pôde ser observado nas derivações em (7) e (8), acima.

Para Borer & Wexler (1987), as crianças teriam dificuldades em compreender tanto sentenças passivas quanto sentenças com verbos inacusativos pela dificuldade em atribuir o papel temático de objeto não localmente, conforme apresentado acima. Como base nas previsões da ACDH para as sentenças passivas verbais, a criança só conseguiria lidar com os mecanismos necessários para a derivação das sentenças passivas após os 5 anos de idade, idade qual esses mecanismos já estariam maturados. Com isso, a cadeia formada em (8) para a derivação das passivas verbais, não seria formada antes da maturação de tais mecanismos, resultando em dificuldades para compreender sentenças passivas. Sem a formação de uma cadeia-A, a criança não teria meios sintáticos para atribuir o papel temático correto para o objeto deslocado (HIRSCH & WEXLER, 2006).

Outro ponto na proposta desenvolvida por Borer & Wexler (1987) se refere à interpretação da passiva verbal como sendo uma passiva adjetiva. A passiva adjetiva, por não possuir cadeia-A, seria adquirida mais cedo do que a passiva verbal. Os autores assumem que as passivas adjetivas seriam formadas no léxico e não envolveriam a formação de cadeia-A, ao contrário das passivas verbais, que seriam formadas na sintaxe. A aparente compreensão de passivas verbais com verbos de ação pelas crianças apontada pelos autores é explicada pela homofonia existente entre essas passivas e as passivas adjetivas. Ou seja, a criança estaria compreendendo a passiva verbal como se fosse passiva adjetiva. A interpretação dada pela criança para a sentença (10) é aquela presente em (10b), ou seja, uma interpretação adjetiva.

- (10) The door was broken
 a. The door was broken
A porta foi quebrada (passiva verbal)
- b. The door was [ADJ broken]
A porta está quebrada (interpretação adjetiva)

De acordo com os autores, a criança não interpretaria passivas verbais com verbo de não-ação (11) como passiva adjetiva, pois no inglês não é possível realizar passivas adjetivas com verbos não-agentivos, como em (11b) e nem passivas longas (12) como passiva adjetiva, por serem passivas adjetivas com *by-phrase* agramaticais nesta língua (ver 12b).

- (11) The boy was seen
 a. The boy was seen
O garoto foi visto (passiva verbal)
- b. *The boy was [ADJ seen]
 **O garoto está visto* (a interpretação adjetiva não seria possível)
- (12) The cup was broken by the boy
 a. The cup was broken by the kid
O copo foi quebrado pela criança (passiva verbal)
- b. * The cup was [ADJ broken] by the kid
 **O copo está quebrado pela criança* (impossibilidade de interpretação adjetiva)

Em línguas em que a passiva adjetiva e a passiva verbal são homófonas quando o verbo é de ação, como no inglês, a boa *performance* de crianças com passivas verbais de verbo de ação encontrada em alguns estudos se deveria ao fato de a criança compreendê-las via estratégia de adjetivação, ou seja, como uma passiva adjetiva (TERZI & WEXLER, 2002). Essa estratégia somente seria possível para as passivas verbais de verbos de ação que são superficialmente idênticas às passivas adjetivas, sendo que a previsão é que a compreensão da passiva verbal de verbo de não-ação ou com o *by-phrase* só seria possível após a criança ter meios para lidar com movimento-A.

Entretanto, há um problema teórico com a ACDH, que diz respeito à existência do movimento-A em estruturas que são adquiridas muito cedo pelas crianças, tal como as sentenças ativas, e que a impede de ser adotada. Koopman &

Sportiche (1991)⁹ trazem evidências de que o sujeito das sentenças ativas seria gerado internamente ao domínio do VP e, posteriormente, se moveria para a posição de SpecInfl, configurando a formação de uma cadeia-A. Adotando a hipótese do sujeito interno ao VP, nas sentenças ativas ocorreria formação de cadeia-A e, dessa forma, a criança adquiriria sentenças em que há este movimento muito cedo, tal como é a aquisição de sentenças ativas.

1.1.2. A proposta de Fox & Grodzinsky (1998)

Outra proposta que tem por objetivo explicar o *delay* observado na aquisição de sentenças passivas verbais foi desenvolvida por Fox & Grodzinsky (1998). Em seu estudo, os autores defendem que crianças adquirindo o inglês não teriam dificuldade com passivas truncadas (ou passivas curtas) com verbos de ação (13) e de não-ação (14) e com passivas não-truncadas (ou passivas longas) com verbos de ação (15), mas teriam dificuldades com passivas não-truncadas com verbo de não-ação (16)¹⁰, dada a uma dificuldade na transmissão do papel temático do verbo de não-ação para o complemento do *by-phrase*.

(13) The rock star was chased
O astro do rock foi perseguido

(14) The boy is seen
O garoto foi visto

(15) The rockstar is being chased by the koala bear
O astro do rock foi perseguido pelo urso coala

(16) The boy is seen by the horse
O garoto foi visto pelo cavalo

⁹ Para maiores detalhes sobre a hipótese e evidências levantadas, cf. Koopman & Sportiche (1991).

¹⁰ Exemplos extraídos de Fox & Grodzinsky (1998), p. 317.

Para Fox & Grodzinsky (1998)¹¹ a dificuldade não estaria na ausência ou não de movimento de cadeia-A, mas sim na transmissão de papel temático, que é problemática para as crianças testadas.

Durante a aquisição da língua, o verbo não conseguiria atribuir um papel temático diferente do papel temático de agente para o complemento do *by-phrase*, pois esse processo, denominado de transmissão de papel temático, ainda não estaria maturado. O único papel temático atribuído seria o da preposição *by*, que atribui um papel temático *default* de *affector* (agente) ao seu complemento. Em passivas não-truncadas com verbos de ação, como em (15), a preposição *by* atribui um papel temático de agente para o DP *the koala bear*, e dessa forma, as passivas não-truncadas com verbos de ação seriam compreendidas. Já as passivas não-truncadas com verbos de não-ação, como em (16), não seriam compreendidas, pois o papel temático que o complemento do *by* requer não seria o papel temático *default* de agente, e sim o papel temático de experienciador, conforme explicado pelos autores. A criança, então, falharia na interpretação da passiva somente quando o processo de transmissão do papel temático pelo verbo é obrigatório, uma vez que o papel temático requerido é diferente do *default* atribuído pela preposição *by*.

A impossibilidade de atribuição do papel temático explicaria, para os autores, as dificuldades que as crianças participantes de seu estudo têm em compreender passivas longas com verbo de não-ação – ver (17), retirado de Fox & Grodzinsky (1998, p. 317).

(17) The boy is seen [by the horse] [*O garoto foi visto pelo cavalo*]
 Impossibilidade de transmissão de papel temático

Hartman (2013) mostrou dados de que crianças teriam dificuldades em compreender sentenças passivas com verbos de não-ação em passivas com *by-phrase* ou sem o *by-phrase*. Para o autor, a compreensão de sentenças passivas com verbos de ação só foi possível porque, no inglês, a criança no processo de aquisição, compreenderia a passiva verbal com verbo de ação via estratégia de adjetivação, ou seja, a passiva verbal seria compreendida pelas crianças como sendo passivas

¹¹ Hirsch & Wexler (2006) tecem críticas ao trabalho de Fox e Grodzinsky (1998), argumentando sobre a falta de evidências para a existência de uma dificuldade na transmissão de papel temático e sobre a necessidade de se realizar réplicas dos experimentos realizados por aqueles autores.

adjetivas. Como não é possível a realização de passivas adjetivas com verbos psicológicos, a criança não conseguiria interpretar passivas verbais com verbos psicológicos via estratégia de adjetivação e, dessa forma, a hipótese de Fox & Grodzinsky (1998) não se sustentaria.

1.1.3. A aquisição de sentenças passivas em Babyonyshev et al. (2001) e em Wexler (2004)

A proposta desenvolvida em Babyonyshev, Ganger, Pesetsky & Wexler (2001) prevê que o atraso na aquisição de passivas e inacusativas seria explicado pela ausência do argumento externo a partir da *Hipótese do Requerimento do Argumento Externo* (External Argument Requirement Hypothesis - EARH). Os autores, partindo de Chomsky (1995), assumem que a falta do argumento externo nas construções passivas e inacusativas é explicada pelo fato de o núcleo de *v* ser defectivo, ou seja, não há a projeção da posição de argumento externo. Segundo os autores, a gramática da criança não permitiria que o *v* fosse defectivo e, como consequência, a aquisição de estruturas em que há a falta do argumento externo se daria posteriormente, pois para a criança, até determinado momento da aquisição da linguagem, todo verbo precisaria ter um argumento externo na posição de especificador de *v*. Os autores assumem também que a compreensão de passivas acionais e a não compreensão de passivas não-acionais por crianças falantes do inglês se deveria à compreensão das primeiras como passivas adjetivas, tal como na ACDH, mas que as passivas adjetivas seriam agora geradas na sintaxe, assim como as passivas verbais¹².

Entretanto, Babyonyshev *et al.* (2001) observaram que há sentenças, em que há falta de argumento externo, que são compreendidas pela criança tal como sentenças com expletivos (HIRCSH *et al.*, 2007) e passivas de verbos acionais.

Orfitelli (2012) mostra que a EARH é inadequada ao verificar que as crianças não possuem dificuldades em compreender sentenças em que falta um argumento externo, conforme o exemplo em (18), presente em Orfitelli (2012, p.35). Observe-se que, como afirmado acima, o argumento externo está ausente, sendo o

¹² Na hipótese desenvolvida por Babyonyshev *et al.* (2001), os autores passam a assumir que tanto os particípios das passivas verbais, como os particípios das passivas adjetivas seriam gerados na sintaxe.

expletivo *it* inserido tardiamente, para satisfazer o princípio de projeção estendida (EPP), conforme hipótese adotada pela autora.

(18) It seems that Brent is smart

Wexler (2004) parte da Condição de Impenetrabilidade de Fase (Phase-Impenetrability Condition – PIC)¹³ proposta em Chomsky (2001), para explicar por qual motivo crianças não compreendem passivas verbais. De acordo com Wexler (2004), passivas, inacusativos e estruturas de alçamento são gramaticais na fala porque o vP dessas construções não define uma fase forte, ou seja, trata-se de um v defectivo, ao passo que as construções transitivas possuem um v não-defectivo (CHOMSKY, 2001).¹⁴

Para Wexler (2004), a criança até os cinco anos trata o v defectivo das passivas e inacusativos como o v *phi*-completo¹⁵ dos verbos transitivos (com traços não interpretáveis em uma sonda, por exemplo).

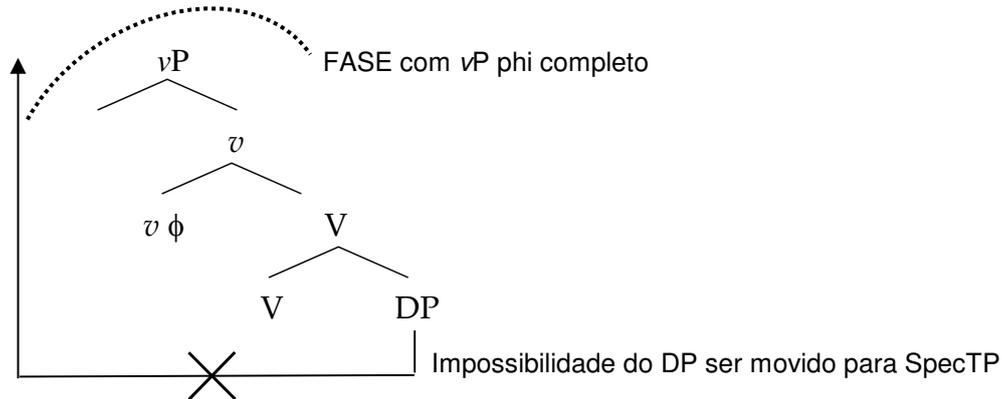
A consequência de a criança tratar o v das passivas como sendo *phi*-completo é a não possibilidade do movimento do argumento interno das passivas para a posição de sujeito (SpecTP), pois a derivação seria enviada para Spell Out antes que esse argumento pudesse ser movido para essa posição, conforme em (19).

¹³ A Condição de Impenetrabilidade de Fase é definida como “the domain of H is not accessible to operations outside HP; only H and its *edge* are accessible to such operations” (CHOMSKY, 2001, p.13).

¹⁴ De acordo com Chomsky (2001, p.9), a menos que seja selecionado por um v*, um v *phi*-completo, V será defectivo, tal como nas sentenças passivas e inacusativas. Ao ser selecionado por v*, V será *phi* completo, em que os traços de número e pessoa estão presentes, podendo entrar em relação de *matching* para valorar o Caso estrutural de um N. Em uma construção transitiva, o argumento interno será pareado em *agree* com V e terá seu Caso acusativo valorado. Por extensão, um v *phi*-incompleto (classificado como *passivo* por Chomsky (2001, p.9)) só poderá gerar um V defectivo, dada a transferência de traços *phi* de v para V, nos moldes do que é proposto entre C e T.

¹⁵ De acordo com Chomsky (2001), uma categoria é considerada *phi*-completa quando porta traços de número, gênero e pessoa; já em uma categoria *phi*-incompleta, algum desses traços é ausente, no caso da passiva, o de pessoa. Para maiores detalhes, cf. Chomsky (2001).

(19) vP tratado pelas crianças (WEXLER, 2004)



Em (19) é exemplificado como seria o vP infantil: não-defectivo, independente da sentença ser ativa ou passiva. Wexler (2004) nomeou sua hipótese como *Universal Phase Requirement* (hipótese do Requerimento Universal de Fase, UPR), argumentando que até os cinco anos de idade todas as fases (CP e vP) serão tomadas como sendo fortes (WEXLER, 2004). Para o autor, passivas verbais, inacusativos e estruturas de alçamento teriam um mesmo mecanismo sintático (movimento do DP para uma posição mais alta) e seriam estruturas de aquisição tardia em decorrência da UPR. Contudo, toda evidência apontada pelo autor para justificar tal hipótese é realizada com base em estruturas de alçamento, o que não garante uma explicação (nem evidências) de que a aquisição da voz passiva poderia ser explicada pela UPR. Outro problema dessa hipótese toca na aquisição de inacusativos, uma vez que o movimento do argumento interno destes verbos para a posição de sujeito ocorre antes dos dois anos de idade (ESTRELA, 2013) e a compreensão de sentenças inacusativas na ordem *DP V* se dá por crianças com menos de cinco anos (FRIEDMANN & COSTA, 2011 e COSTA & FRIEDMANN, 2012).

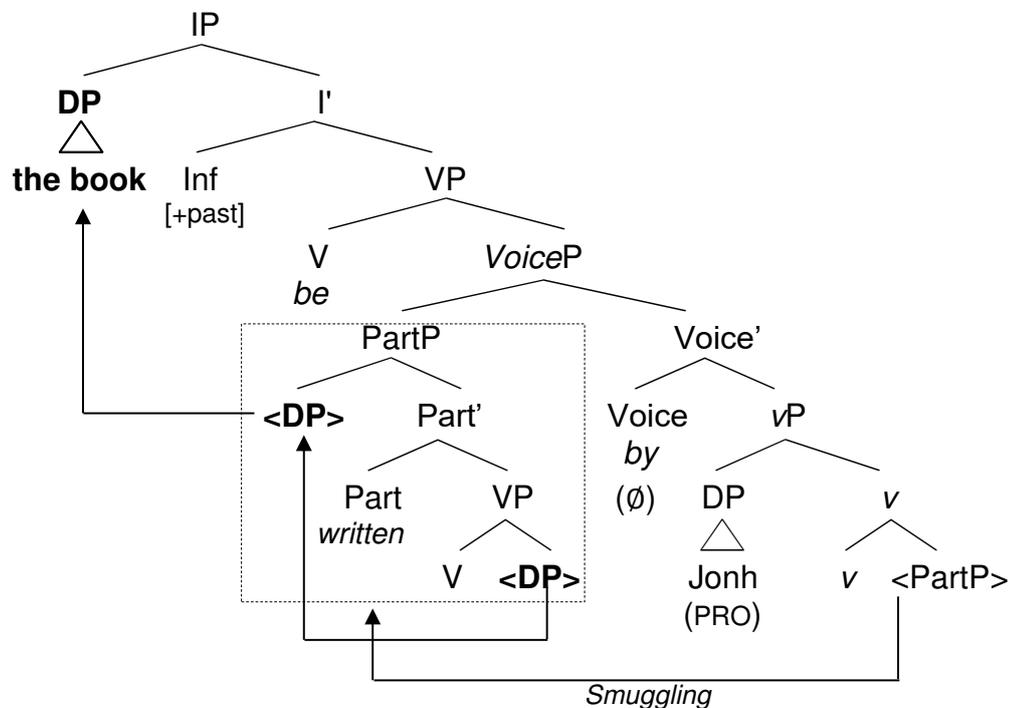
1.1.4. A aquisição de passivas em Hyams & Snyder (2006) e em Snyder & Hyams (2014)

Hyams & Snyder (2006) propuseram a *Universal Freezing Hypothesis* (UFH), a qual afirma que a dificuldade de crianças até a faixa etária dos 4 anos em lidar com passivas se deve à aplicação do *Freezing Principle* (Princípio de congelamento), em que nenhum constituinte pode ser movido ou extraído. A criança, até essa faixa etária, sobregeneralizaria este princípio às construções passivas.

Nessa proposta, os autores assumem a proposta de Collins (2005) para a derivação destas sentenças.

Em Collins (2005), tanto nas sentenças ativas como nas sentenças passivas, o papel temático seria atribuído por Spec de *v*, sendo que a posição do argumento externo será a mesma que a posição do argumento interno. No caso das ativas, essa posição será ocupada pelo argumento externo. Já nas passivas curtas, um *PRO* será o argumento externo, enquanto que nas passivas longas, na posição de Spec de *v* estaria alojado o núcleo do *by-phrase*. Observe a passiva longa em (20) e o processo de derivação desta, extraídos de Collins (2005, p.90).

(20) The book was written by John

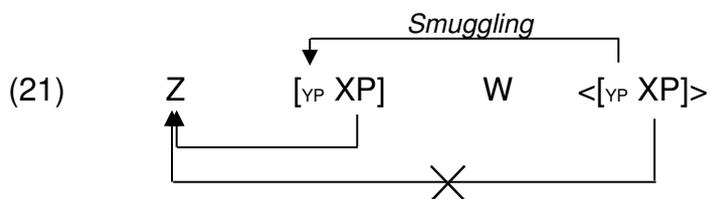


Conforme observado na estrutura em (20), na posição de Spec de *v* está alojado o complemento do *by-phrase* *Jonh*, no caso das passivas longas, ou um *PRO*, no caso das passivas curtas. Nas passivas longas, a preposição *by* é alocada em *Voice*, conforme observado na estrutura acima.

Em decorrência do DP *the book* precisar receber caso Nominativo, pois a morfologia do verbo na forma participial absorve o caso acusativo do verbo (cf. Jaegli, 1986), este DP deve ser movido para SpecInfl. Contudo, a presença do DP *Jonh* alocado em Spec de *v*, levaria o movimento do DP *the book* a violar a *Relativized*

Minimality (Minimalidade Relativizada – RM) (RIZZI, 2001)¹⁶. Collins (2005) propõe então que haveria um movimento específico do PartP para Spec de *Voice*, denominado de *Smuggling*.

De acordo com Collins (2005), *Smuggling* é um tipo de movimento que permite o estabelecimento de relações sintáticas entre um constituinte inacessível para outro constituinte em decorrência da presença de uma barreira ou fase que bloqueia qualquer relação entre esses dois constituintes. Abaixo, pode ser observado em (21) uma ilustração para este tipo de movimento, conforme Collins (2005, p. 97, adaptado neste trabalho), em que o XP está inacessível para Z por causa do interveniente W, ocasionando *smuggling* do YP para que Z possa ver o XP.



A proposta de *Smuggling* baseia-se em um pressuposto do *Freezing Principle* (Princípio de Congelamento), proposto por Wexler & Culicover (1980), e apontado por Hyams & Snyder (2006), de que há situações em que não há congelamento, ou seja, situações em que ocorre movimento de um constituinte interno a um constituinte já movido. De acordo com esses autores, o movimento do DP *the book* para fora do PartP após este já ter sofrido movimento, conforme observado no exemplo (20), se coloca como uma violação do *Freezing Principle*.

Para Hyams & Snyder (2006), a derivação da passiva verbal no inglês depende da realização de *smuggling* seguido do alçamento do DP objeto lógico, o que só é possível em situações nas quais o *Freezing Principle* (Princípio de Congelamento) não se aplica. Os autores, portanto, propõem que o comportamento das crianças com relação à compreensão de passivas verbais as diferenciaria do comportamento dos adultos, pois para as primeiras, o *Freezing Principle* não permitiria exceções, formulando a *Universal Freezing Hypothesis* (Hipótese do Congelamento Universal – UFH), a qual preconiza que a criança na faixa etária dos quatro anos

¹⁶ A *Minimalidade Relativizada* prevê que uma relação local não pode ser estabelecida entre um elemento Y e X se entre eles existir um outro elemento Z pertencente ao mesmo tipo estrutural que X. Para maiores detalhes, cf. Rizzi (2001).

sempre irá aplicar o *Freezing Principle*, em que nenhum constituinte do XP movido pode ser extraído¹⁷.

Em Snyder & Hyams (2014), os autores propõem a *Pure Minimality Hypothesis* (*Hipótese da Minimalidade Pura* – PMH), a qual toma como pressuposto que a criança respeita a RM, entretanto, não tem acesso ainda a mecanismos, tal como o *smuggling*, que permitam a violação da RM ou outros mecanismos que não levem à violação desta propriedade.

De acordo com os autores, os adultos teriam meios para lidar com a passiva verbal do inglês, pois haveria no objeto lógico traços discursivos que o diferenciaria do sujeito lógico. Dessa forma, não haveria violação da RM no movimento do objeto lógico sobre o sujeito lógico, pois os traços do elemento interveniente (o sujeito lógico) não seriam os mesmos do elemento que foi movido. Para os autores, a criança até determinada idade não distinguiria os traços do objeto lógico dos traços do sujeito lógico e, dessa forma, ao lidar com a passiva verbal, violaria a RM. A criança não reconhecer as características diferentes que compõem o objeto lógico e o sujeito lógico e se pautar apenas na RM é o cerne da hipótese defendida pelos autores.

O ponto em comum entre as propostas de Hyams & Snyder (2006) e Snyder & Hyams (2014) é assumir que o *by-phrase* não é um adjunto do vP, mas que o núcleo do sintagma preposicionado está alojado na posição do sujeito das sentenças passivas. Os autores procuram evidências para justificar que a compreensão de passivas possa ser justificada ou pela realização de *smuggling* ou pela atribuição de traços discursivos ao sujeito lógico, independentemente do mecanismo envolvido na derivação de sentenças passivas, tal como será discutido a seguir.

Um ponto levantado pelos autores é que o bom desempenho das crianças com passivas nos trabalhos de Crain et al. (2009), O'Brien et al. (2006) e Pinker et al. (1987) se deve aos traços +*Tópico* ou +*WH* do elemento movido, distinguindo-o do interveniente, não havendo, desta forma, violação da RM.

De acordo com Snyder & Hyams (2014), no estudo de Crain et al. (2009) a obtenção de passivas verbais só foi possível pela presença do traço +*WH*, evitando, assim, a violação da RM. A metodologia dos dois experimentos conduzidos pelos autores resultou na atribuição de um traço +*WH* ao sujeito (núcleo do *by-phrase*), fazendo com que o sujeito lógico não funcionasse mais como um elemento

¹⁷ Conforme Hyams & Snyder (2006, p. 13): *For the immature child (at least until age four), the Freezing Principle always applies: No subpart of a moved phrase can ever be extracted.*

interveniente ao movimento do objeto lógico. Para Snyder & Hyams (2014), a metodologia utilizada em Crain et al. (2009) não resultou em violação da RM.

Em O'Brien et al. (2006), as autoras mostram que crianças com idade entre 3 e 4 anos compreendem sentenças passivas longas com verbos acionais. Snyder & Hyams (2014), contudo, argumentam que a compreensão das crianças no estudo de O'Brien et al. (2006) se deve à presença do traço +*Tópico* no sujeito, o que resultará em processo semelhante ao observado no estudo de Crain et al. (2009), em que ao sujeito se atribuí um traço +*WH*.

A contribuição relevante dos trabalhos de Hyams & Snyder (2006) e Snyder & Hyams (2014) para o presente trabalho se deve a adotar propostas em que o núcleo do *by-phrase* está alocado dentro da concha verbal e não como um adjunto de vP, tal como nas hipóteses apresentadas anteriormente. Outra contribuição dada pelos trabalhos dos autores se refere aos traços de categorias diferentes atribuídos ao argumento externo e ao argumento interno. Contudo, o presente trabalho não irá assumir que há *smuggling* na derivação das passivas, mas sim que na derivação da passiva há uma série de processos morfológicos envolvidos na derivação dessas sentenças, que levarão também à atribuição de traços de categorias diferentes ao DP objeto lógico e ao DP sujeito lógico.

1.2. A aquisição da voz passiva translinguisticamente

Esta seção tem por objetivo apresentar alguns estudos experimentais que tiveram por objetivo estudar a aquisição de passivas com verbos de ação e com verbos de não-ação, a saber, Hirsh & Wexler (2006), para o inglês, Terzi & Wexler (2002) e Driva e Terzi (2007), para o grego e Estrela (2013), para o português europeu (PE), e discuti-los com base nas propostas apresentadas na seção 1.1.

Os estudos de Terzi & Wexler (2002) e Driva & Terzi (2007) investigaram, com base em dados do grego, a hipótese de adjetivação, com o objetivo de verificar se em línguas em que a passiva verbal e a passiva adjetiva não são homófonas, o desempenho das crianças com passivas seriam semelhantes aqueles obtidos para o inglês (TERZI & WEXLER, 2002).

Terzi & Wexler (2002), no intuito de corroborar a hipótese da adjetivação, investigaram se crianças adquirindo o grego, uma língua em que a passiva verbal e a passiva adjetiva não são homófonas, compreenderiam passivas verbais curtas com

verbos de ação via estratégia de adjetivação. Os autores obtiveram os resultados apresentados na Tabela 1, na qual se pode ver uma baixa porcentagem de acertos na compreensão de sentenças passivas. A metodologia utilizada consistiu de uma Tarefa de Seleção de Figura, em que a criança deveria selecionar entre duas figuras, a que melhor representasse a sentença por ela ouvida.

Tabela 1 - Porcentagem de respostas corretas para passivas verbais e adjetivas

Age Groups	Verbal passives of Actional Verbs	Adjectival Passives of Actional Verbs	Verbal Passives of Non-actional verbs
3;8-3;10 (M=3;9) n=5	0.03	0.83	0.20
4;2-4;10 (M=4;7) n=14	0.33	0.77	0.13
5;3-5;10 (M=5;6) n=11	0.44	0.89	0.20

Extraído de Terzi & Wexler (2002, p.533)

Posteriormente, Driva & Terzi (2007), partindo do mesmo objetivo do trabalho de Terzi & Wexler (2002), realizaram um estudo com metodologia semelhante a metodologia usada pelos autores. As principais modificações realizadas por Driva & Terzi (2007) foram a substituição de desenhos por fotos e a escolha da figura-alvo dentre três fotos apresentadas. Neste segundo estudo para o grego, os autores obtiveram os resultados apresentados na Tabela 2, em que a porcentagem de acertos para a passiva com verbo de ação foi muito maior que a encontrada no trabalho de Terzi & Wexler (2002). Os resultados apresentados na tabela 2 indicam que a compreensão de passivas curtas e longas com verbo de ação são semelhantes e que a maior dificuldade da criança residiria na compreensão de sentenças passivas com verbo de não-ação. Os autores não souberam explicar o porquê, para uma mesma língua, os achados dos dois trabalhos apresentarem a discrepância que pode ser visualizada ao se comparar a Tabela 1 com a Tabela 2.

Tabela 2 - Porcentagem de respostas corretas para passivas curtas e longas

Age groups N=10	By- Phrase	Verbal Actional Verbs	Adjectival Actional Verbs	Verbal Non- actional verbs
3;6-4;0 / M=3;7	Yes	0,68	0,78	0,45
	No	0,67	0,75	0,35
4;1-4;10 / M=4;4	Yes	0,68	0,77	0,35
	No	0,75	0,85	0,47
4;11-5;8 / M=5;3	Yes	0,67	0,90	0,45
	No	0,72	0,85	0,52
5;9-6;6 / M=6;0	Yes	0,85	0,87	0,55
	No	0,83	0,88	0,47

Tabela extraída de DRIVA & TERZI, (2007, p.192)

Em um estudo realizado por Hirsh & Wexler (2006) para o inglês, em que os autores tinham por objetivo testar a UPR, os resultados obtidos apontam que a maior dificuldade das crianças se deu na compreensão de passivas com verbos de não-ação, sendo que a compreensão da passiva com verbo de ação foi maior do que a esperada pelos autores. Os resultados obtidos pelos autores podem ser visualizados na tabela 3.

Tabela 3 - Resultados de compreensão de passivas curtas e longas com verbo de ação e de não-ação por grupo etário, para o inglês

Group	Actional Short	Actional Long	Psych Short	Psych Long
	Passives	Passives	Passives	Passives
3-	72,5%	66,2%	30,0%	35,0%
3+	76,2%	53,2%	35,0%	33,8%
4-	80,0%	73,8%	40,0%	38,8%
4+	76,2%	65,0%	50,0%	45,0%
5-	87,5%	88,7%	47,5%	38,8%
5+	92,5%	78,7%	55,0%	43,8%

Extraído de Hirsh & Wexler (2006, sem página)

Estrela (2013), com o objetivo de testar a hipótese de Fox & Grodzinsky (1998), para o português europeu (PE), obteve os resultados apresentados na tabela

4, em que as crianças participantes da pesquisa tiveram um desempenho pior quando a passiva era com verbo de não-ação, em comparação ao desempenho das mesmas crianças em tarefas de compreensão de sentenças passivas, sendo que os resultados obtidos por Estrela (2013) para o PE se aproximam dos resultados obtidos por Hirsh & Wexler (2006) para o inglês.

Tabela 4 - Resultados de compreensão de passivas curtas e longas com verbo de ação e de não-ação por grupo etário, para o português europeu

Grupo etário	Curta com verbo de ação	Longa com verbo de ação	Curta com verbo de não ação	Longa com verbo de não-ação
3 anos	43%	43%	57%	43%
4 anos	86%	86%	57%	43%
5 anos	100%	100%	71%	57%

Extraído de Estrela (2013, p.185)

Abaixo podemos ver um resumo dos verbos utilizados em cada um dos quatro estudos apresentados acima, assim como a metodologia adotada.

Quadro 1 - Resumo dos estudos sobre aquisição da voz passiva

Estudo	Metodologia	Verbo de ação	Verbo de não-ação
Terzi & Wexler (2002)	Tarefa de Seleção de Figura	Empurrar	Amar
		Bater	Cheirar
		Tocar	Ver
		Perseguir	Ouvir
		Escovar	
		Beijar	
Driva & Terzi (2006)	Tarefa de Seleção de Figura	Empurrar	Amar
		Bater	Cheirar
		Chutar	Ver
		Perseguir	Ouvir
		Alimentar	
		Beijar	

Estudo	Metodologia	Verbo de ação	Verbo de não-ação
Hirsh & Wesler (2006)	Tarefa de Seleção de Figura	Push (puxar)	Remember
		Kiss (beijar)	(lembrar)
		Kick (chutar)	Love (amar)
		Hold (segurar)	Hate (odiar)
			See (ver)
Estrela (2013)	Tarefa de Julgamento de Valor de Verdade	Empurrar	Avistar
		Lavar	Odiar
		Pentear	Ver
		Abraçar	Adorar
		Pintar	Detestar
		Tapar	Ouvir
		Fotografar	Amar

A metodologia de testagem usada por Terzi & Wexler (2001), Hirsh & Wexler (2006) e Driva & Terzi (2007) foi a tarefa de seleção de figura, análoga a que foi utilizada com as crianças que participaram do presente trabalho, para o PB; já Estrela (2013) adotou como metodologia Tarefa de Juízo de Valor de Verdade. Tal informação é relevante para descartar, pelo menos inicialmente, que características da metodologia utilizada interferiram no desempenho das crianças testadas, sendo possível assumir que a dificuldade da criança estaria relacionada com a estrutura da passiva com verbo de não-ação.

Os resultados apresentados por Hirsh & Wexler (2006) para o inglês, Driva & Terzi (2007) para o grego e de Estrela (2013) para o PE não corroboram a hipótese da existência de uma estratégia de adjetivação para a compreensão de passivas verbais, assim como as hipóteses que preveem que a dificuldade da criança seja explicada pela impossibilidade do movimento do argumento interno.

Outro estudo realizado recentemente por Liter (2016) sobre a compreensão de sentenças passivas para o inglês observou o desempenho de crianças na compreensão de verbos denominados pelo autor como *eventive agentive*, *eventive nonagentive* e *noneventive nonagentive*. Os verbos testados pelo autor e a classificação realizada podem ser observados no quadro abaixo.

Quadro 2 – Verbos testados no estudo de Liter (2016)

Eventive agentive	Eventive nonagentive	Noneventive nonagentive
Paint (pintar)	Forget (esquecer)	Know (saber/conhecer)
Fix (consertar)	Find (encontrar)	Hate (odiar)
Wash (lavar)	Spot (observar)	Love (amar)

O autor realizou dois experimentos utilizando como metodologia uma Tarefa de Julgamento de Valor de Verdade, testando as variáveis *eventive agentive* e *eventive nonagentive* no primeiro experimento, e as variáveis *eventive nonagentive* e *noneventive nonagentive* No experimento realizado pelo autor, foi observado que as crianças tiveram um melhor desempenho nos verbos por ele classificado como sendo *eventive agentive*, seguido dos verbos *eventive nonagentive* e um desempenho em torno de 50% para os verbos *noneventive nonagentive*. O autor aponta que as evidências sobre a aquisição da voz passiva não estariam na classificação tradicional verbos de ação e de não-ação, mas sim na classificação por ele realizada. A discussão do trabalho de Liter (2016) será retomada no capítulo 2.

1.3. Algumas considerações finais

Nas seções anteriores, foram apresentadas algumas das hipóteses linguísticas sobre o atraso na aquisição de sentenças passivas. O presente trabalho optou por discutir apenas os estudos que assumem a existência de um delay na aquisição dessas sentenças, conforme pode ser observado na seção 1.1.

As propostas de Borer & Wexler (1987), Babyonyshev, Ganger, Pesetsky & Wexler (2001), Wexler (2004), Hyams & Snyder (2006) e Snyder & Hyams (2014), apresentadas na seção 1.1., assumem que o cerne da dificuldade da aquisição da voz passiva se deve ao movimento do argumento interno. Já Fox & Grodzinsky (1998) apostam que há uma dificuldade na atribuição de papel temático diferente do papel temático default de agente para o núcleo do sintagma preposicionado. Como mostrado na seção 1.2., e durante a seção 1.1., existem evidências experimentais que forcem a não adotar as hipóteses apresentadas na seção 1.1.

Contudo, os estudos de Hyams & Snyder (2006) e Snyder & Hyams (2014) trazem alguns pontos que merecem destaque, conforme apresentado anteriormente:

(i) assumir que o núcleo do *by-phrase* está alocado na mesma posição que o sujeito das sentenças ativas; e (ii) sinalizar sobre a presença de traços de categorias diferentes nos DPs sujeito e objeto da passiva verbal.

O presente trabalho assume que o núcleo do *by-phrase* está alocado na posição de sujeito das sentenças passivas, não adotando a hipótese de que o *v* destas sentenças seja defectivo (como pode ser observado em Wexler (2004)). Entretanto, olha para o processo de derivação do particípio passado e para um determinado conjunto de traços presentes durante a derivação, deixando a discussão sobre se há um efeito de interveniência gerado pelo DP sujeito das passivas e os traços envolvidos na derivação deste e do DP objeto das passivas para uma discussão futura.

2. DE OLHAR A SINTAXE PARA OLHAR A MORFOSSINTAXE

O objetivo deste capítulo é apresentar e discutir a hipótese adotada neste trabalho sobre a aquisição de sentenças passivas, sendo assumido que a aquisição de sentenças passivas está associada a relações estabelecidas entre a estrutura argumental e a acionalidade do verbo.

Os trabalhos sobre aquisição de voz passiva apontam que a passiva verbal (daqui em diante, PV) é adquirida mais tardiamente pela criança do que a passiva adjetiva (daqui em diante, PA). As propostas mais discutidas na literatura postulam que a criança, ao compreender a PV, a faria como sendo uma PA, como pôde ser visto no capítulo 1.

De acordo com Embick (2004), a diferença tradicional entre a PV e a PA é que a primeira seria gerada na sintaxe, enquanto que a segunda seria gerada no léxico, tal como um adjetivo. Entretanto, o autor aponta que a distinção das passivas entre verbal e adjetiva não consegue dar conta das características dos participípios envolvidos em construções passivas. Partindo então da discussão sobre a tipologia dos participípios presente em Embick (2004) e em Alexiadou e Anagnostopoulou (2008) (daqui em diante A&A), será assumido por este trabalho que os participípios da passiva verbal e da passiva adjetiva são derivados na sintaxe. Assume-se também que há três tipos de participípios: o participípio eventivo, o participípio resultativo e o participípio estativo. O participípio eventivo seria aquele que convencionalmente é encontrado na PV, enquanto que os participípios resultativo e estativo seriam aqueles tradicionalmente presentes na PA. Desta forma, adota-se como nomenclatura que a passiva com participípio eventivo é a passiva eventiva; já a passiva com participípio resultativo é a passiva resultativa; e a passiva com participípio estativo é a passiva estativa, tal como proposto por Duarte & Oliveira (2010).

Observem os exemplos em (22), para o português brasileiro (PB).

- (22)
- a. A menina está penteada – participípio estativo
 - b. A menina ficou penteada – participípio resultativo
 - c. A menina foi penteada (pela mãe) – participípio eventivo

As sentenças (22a) e (22b), correspondem, respectivamente, a uma passiva estativa e a uma passiva resultativa, enquanto que a sentença em (22c), exemplifica uma passiva eventiva. De acordo com A&A (2008), a diferença entre as três construções é que na passiva eventiva há implicação de um evento e a presença de um agente, enquanto na passiva resultativa haveria apenas a implicação de um evento. Já na passiva estativa não estaria presente um agente nem haveria a implicação de um evento. A discussão sobre as características de cada participio será realizada nas seções a seguir.

As propostas adotadas neste trabalho serão discutidas nas seções que compõem este capítulo. Primeiramente, na seção 2.1. serão apresentados os pressupostos teóricos adotados por este trabalho. Na seção 2.2. será discutida a tipologia dos participios passados. A seção 2.3. discutirá a tipologia desses participios para o português brasileiro (daqui em diante, PB) e sobre o comportamento destes no PB. A sessão 2.4. trará a proposta a ser defendida por este trabalho.

2.1. A morfologia

O presente trabalho se insere dentro do quadro teórico da gramática gerativa, e adota pressupostos da Morfologia Distribuída (HALLE & MARANTZ, 1994; MARANTZ, 1997; e desenvolvimentos posteriores).

A motivação para se assumir pressupostos dessa teoria parte da postulação de que todas as palavras são construídas na sintaxe por meio das mesmas operações que atuam na derivação sintática: *merge* e *move*. Dessa forma, distinções como participios lexicais e sintáticos não se sustentam, pois é assumido que todas as formas participiais partem de uma raiz não definida em termos de uma categoria.

Na seção que segue, as principais assunções da Morfologia Distribuída (daqui em diante, MD) são apresentadas.

2.1.1. A Morfologia Distribuída

O presente trabalho assume como ponto de partida os seguintes pressupostos da MD: a existência de propriedades que a definem e a existência de três listas que operam em momentos diferentes na derivação sintática. Primeiramente, serão apresentadas as

Marantz (1997) propõe a existência de listas que participam em momentos diferentes da derivação sintática. A Lista 1, chamada de *léxico estrito* ou *narrow lexicon*, contém raízes atômicas, acategóricas, desprovidas de informação fonológica; contém, ainda, feixes de traços gramaticais determinados pela Gramática Universal e por princípios que dizem respeito à cada língua. Nos termos de Marantz (1997), a lista 1 é *gerativa*.

A Lista 2 (*Vocabulary*) é responsável por fornecer a forma fonológica para os morfemas:

The Vocabulary includes the connections between sets of grammatical features and phonological features, and thus determines the connections between terminal nodes from the syntax and their phonological realization. (MARANTZ, 1997, p.204).

Por fim, o autor apresenta a Lista 3 (*Encyclopedia*), responsável por conferir significado às raízes. A arquitetura da gramática, a partir dos desenvolvimentos da MD, é tal como apresentada em (22), adaptada de Marantz (1997, p. 277).

Com relação às propriedades, a *inserção tardia* (*Late Insertion*) estabelece que os itens manipulados pela sintaxe são abstratos, compostos por traços sintáticos e semânticos complexos, não possuindo conteúdo fonológico. Os traços fonológicos são atribuídos pós-sintaticamente, em um mapeamento da sintaxe para a Forma Fonológica (*Phonological Form*, PF). A postulação desta propriedade prevê a não-existência de itens fechados a operações sintáticas.

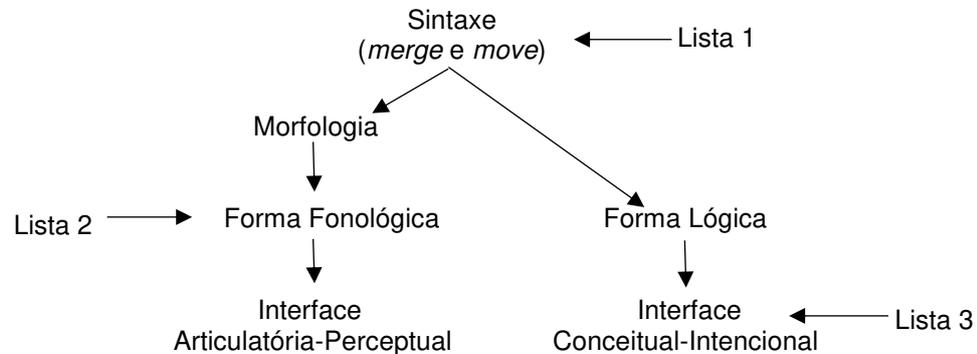
A propriedade de *Subespecificação* (*Underspecification*), postula que as realizações fonológicas não são especificadas, ou seja, os itens de vocabulário são subespecificados para traços nos nós terminais da sintaxe¹⁸, sendo que a especificação de daria pós-sintaticamente.

Outra propriedade assume a existência de uma Estrutura Sintática Hierarquizada (*Syntax-all-the-way-down*). Os itens inseridos em uma derivação são organizados em estruturas determinadas pela sintaxe, e regidos por princípios

¹⁸ Conforme Marantz (1997, p.3), “The Vocabulary items are underspecified with respect to the features of the terminal nodes from the syntax; they compete for insertion at the terminal nodes, with the most highly specified item that doesn’t conflict in features with the terminal node winning the competition (...) the grammatical underspecification of the phonological realizations of morphemes prevents one from constructing inflected forms via combination of morphemes and percolation of features”.

sintáticos (HALLE & MARANTZ, 1994). Tal como afirma Medeiros (2008, p.17), “as palavras também são estruturas hierárquicas geradas na sintaxe”.

(23) Estrutura da Gramática



Na representação em (23), pode ser observado que as listas participam em momentos diferentes na derivação sintática. A Lista 1 é *acionada* na sintaxe estrita (*narrow syntax*). A Lista 2, que fornece informações fonológicas, é *acionada* na Forma Fonológica. Por fim, a Lista 3, é *acionada* na interface conceitual-intencional.

As razões principais por se adotar pressupostos do modelo brevemente apresentados acima parte da observação do comportamento dos participípios terminados em *-do/a* no PB. Conforme Medeiros (2008), esses participípios estão presentes em diversas construções, como tempo verbal composto (24a), passiva eventiva (24b), passiva estativa (24c), como nos exemplos abaixo.

- (24)
- a. A menina tinha penteado o cabelo
 - b. O cabelo foi penteado
 - c. O cabelo está penteado

Como pode ser observado em (24), a mesma morfologia participial ocorre em contextos sintáticos diferentes. Partindo de pressupostos da MD, pode ser dito que o item *-d-* dos participípios passados é subespecificado, trazendo o mínimo de informação possível.

De acordo com Medeiros (2008), o sufixo participial *-do/a* possui uma forma fonética que advém da leitura dos traços morfossintáticos, provenientes da Lista 1, de aspecto perfectivo, estado alvo, estado resultante e voz pela PF. Nesta dissertação, assume-se que traços de telicidade e duratividade também seriam selecionados da

Lista 1 e lidos na PF. A discussão mais detalhada será realizada nas seções que seguem.

2.2. O particípio passado

Uma primeira diferenciação entre os particípios a ser aqui apresentada é vista em Kratzer (2000). No alemão, diferentemente do inglês, não há homofonia entre as passivas. As passivas verbais no alemão selecionam o auxiliar *werden*, enquanto que as adjetivas selecionam o auxiliar *sein*, conforme os exemplos em (25a) e (25b), extraídos de Kratzer (2000, p.3).

(25) a. Das Theorem ist bewiesen worden.

The theorem has been proven

O teorema foi provado

b. Das Theorem ist bewiesen.

The theorem is proven.

O teorema está provado

De acordo com a autora, a passiva verbal seria a construção em que o particípio descreve um evento e inclui um agente que pode ser explícito ou estar implícito, enquanto a passiva adjetiva poderia introduzir dois tipos de estados diferentes, um estado alvo (*target state passives*) e um estado resultante (*resultant state passives*). A distinção entre a passiva de estado alvo e a passiva de estado resultante pode ser realizada através do licenciamento do advérbio *immer noch* (*ainda*). A passiva de estado alvo permitiria esse advérbio, como pode ser observado em (18a), ao contrário da passiva de estado resultante em que a presença do advérbio leva a uma agramaticalidade da sentença, como em (26b). Os exemplos estão presentes em Kratzer (2000, p.11).

(26) a. Das Gebäude ist immer noch geräumt.

The building is still evacuated.

?O edifício ainda está evacuado

b. Die Wäsche ist (* immer noch) getrocknet.

*The laundry is (*still) dried.*

A roupa (?ainda) ficou seca

De acordo com a autora, o termo *resultant states* diz sobre eventos que chegam a determinado ponto e se mantêm neste após o seu término. Por esse motivo, esses eventos não seriam reversíveis, o que explicaria a agramaticalidade das passivas de estado resultante com o advérbio *immer noch*. O termo *target states* diria sobre as passivas que representam um estado a princípio reversível, transitório e não um estado resultante de um evento e que pode sofrer modificações, retornando ao seu estado anterior. Por representar um estado transitório, as passivas de estado alvo licenciam o advérbio *immer noch*.

A autora aponta que a semelhança entre a passiva verbal e a passiva de estado resultante se deve ao fato de que ambas têm aspecto perfectivo, conforme o exemplo (27) presente em Kratzer (2000, p.4). Apenas a primeira irá licenciar um agente.

(27) a. Die Kinder sind gewaschen.

the children are washed

As crianças ficaram lavadas

b. Die Kinder sind gewaschen worden.

the children are washed gotten

The children have been washed

As crianças foram lavadas

No grego, há a realização de passivas que compartilham propriedades com as passivas do alemão. Nas passivas do grego¹⁹, há o auxiliar *ine (be)*, que concorda

¹⁹ Há no grego também passivas eventivas que são formadas pela combinação da morfologia da voz não-ativa, do aspecto, de tempo e de concordância com o sujeito com a raiz verbal, conforme os exemplos em Anagnostopoulou (2003, p.7).

(i) To grama graf-et-e.
the letter-NOM write-NActive IMP-3sg Non Past

The letter is being written now

(ii) To grama graf-tik-e.
the letter-NOM write-NActive PERF-3sg Past

em pessoa, número e tempo e o particípio que concorda com o sujeito em caso, gênero e número (ANAGNOSTOPOULOU, 2003). Essas passivas são formadas com a combinação do sufixo *-tos* ou *-menos* à raiz verbal, conforme o exemplo em (28), presentes em A&A (2008, p.2-4).

- (28) a. To parathiro ine anih**to**
The window is open
A janela está aberta
- b. I kersasia ine anthis**meni**
The cherry tree is blossomed
A cerejeira ficou florescida
- c. To vivlio ine gra-**meno** apo tin Maria.
 the book is written by the Mary
The book is written by Mary
O livro foi escrito pela Maria

Para A&A (2008), o particípio em (28a) é denominado estativo por haver falta de agentividade e por não envolver implicação de um evento. Já o particípio resultativo em (28b) envolve a implicação de evento, entretanto, não possui um agente. Por fim, o particípio eventivo em (28c) envolve tanto a implicação de um evento quanto a presença de um agente. A distinção entre os três tipos de particípios será apresentada no decorrer desta seção.

Os particípios no grego podem ser divididos em dois tipos: aqueles com sufixo *-tos* e aqueles com sufixo *-menos*. Esses particípios podem ser diferenciados com base em critérios encontrados Kratzer (2000), Anagnostopoulou (2003), Embick (2004) e que foram sistematicamente desenvolvidos em A&A (2008) para dados do grego.

The letter was written

Entretanto, as passivas eventivas acima compartilham a mesma forma superficial que construções reflexivas, inacusativas, entre outras, e não serão discutidas neste trabalho. Para maiores detalhes, ver Alexiadou & Anagnostopoulou (1999).

A&A (2008) observaram que há critérios sintáticos e semânticos que podem levar à distinção entre as duas construções, os quais serão apresentados a seguir.

Um primeiro critério apontado pelas autoras aponta para a diferença de interpretação entre as duas construções, sendo que nos participios em *-tos* apenas sobre a característica de um estado estaria presente, enquanto que nos participios em *-menos* algo resultante de uma ação denotada pelo verbo seria depreendido. Observe os exemplos em (29), presentes em A&A (2008).

- (29) a. Afti I varka ine fusko-ti alla den tin exi fuskosi kanis akoma
 this the boat is pump-ed but not it have pumped noone yet
This boat is of the type that can be pumped up but no one has pumped it up yet
Este barco é do tipo que pode ser lançado para cima, mas ninguém ainda o lançou
- b. #Afti I varka ine fusko-meni alla den tin exi fuskosi kanis akoma
 This the boat is pump-ed but not it has pumped noone yet
This boat is pumped up but noone has pumped it up yet
Este barco é lançado para cima, mas ninguém o lançou ainda

De acordo com as autoras, a presença de um evento denotado pelo participio em *-menos* no exemplo (29b) torna a sentença anômala no momento em que esta é negada pela oração adversativa que se segue, o que não aconteceria no exemplo (29a), em decorrência do participio em *-tos* não denotar um evento, mas sim uma característica do barco.

Outros contrastes estabelecidos pelas autoras, é que os participios em *-menos* podem licenciar PPs agentes (*by-phrases*) (30), sintagmas preposicionados instrumentais (31), controle de sujeito nulo em orações adverbiais finais (32) e advérbios orientados para o agente (33), enquanto que os participios em *-tos* não podem.

- (30) a. Ta keftedakia ine tiganis-**men-a apo tin Maria**
The meatballs are fried by Mary
As almondegas foram fritas pela Maria

b. *Ta keftedakia ine tigan-**ita apo tin Maria**

The meatballs are fried by the Mary

**As almôndegas estão fritas pela Maria*

(31) a. Ta malia tis basilisas ine xtenismena **me xrisi xtena**
the hair the queen-GEN are combed with golden comb

The hair of the queen is combed with a golden comb

O cabelo da rainha foi penteado com um pente de ouro

b. *Ta malia ine ahtenista **me hrisi htena**

the hair is uncombed with golden comb

**O cabelo está despenteado com um pente de ouro*

(32) a. Aftos o pinakas ine zografismenos **apo** mia omadha aktiviston gia na sokarun tus anthropus

This painting is painted by a group of activists in order to shock the people

A pintura foi pintada por um grupo de ativistas para chocar as pessoas

b. *Aftos o pinakas ine zografistos **apo** mia omadha aktiviston gia na sokarun tus anthropus

This painting is painted by a group of activists in order to shock the people

**A pintura está pintada por um grupo de ativistas para chocar as pessoas*

(33) a. Ta malia ine **atsala** htenismena

The hair are sloppily combed

O cabelo foi descuidadamente penteado

b. *Ta malia ine **atsala** ahtenista

The hair is sloppily uncombed

?O cabelo está descuidadamente despenteado

Por fim, as autoras concluem que os participios em *-menos* podem ser de dois tipos: aqueles com implicação de evento e aqueles que, além de implicar um

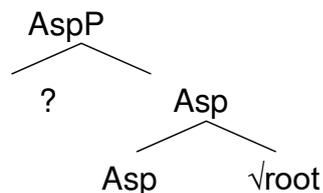
evento, licenciam um agente, como um *by-phrase*, PPs instrumentais e outros modificadores orientados para o agente. Dessa forma, os três participios podem ser classificados como abaixo:

- (i) Participios em *-tos* (estativos): não há implicação de um evento, nem a presença de agentividade.
- (ii) Participios em *-menos* (resultativos): há a implicação de um evento, mas não há presença de agentividade.
- (iii) Participios em *-menos* (eventivos): há tanto a implicação de um evento quanto a presença de agentividade.

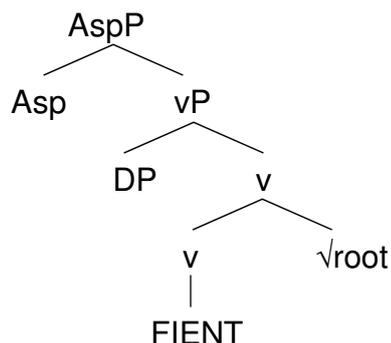
A&A (2008) apontam que os participios em *-menos* devem apresentar camadas que alojam propriedades como a implicação de um evento e agentividade e que não estão presentes nos participios em *-tos*. Para as autoras, essas propriedades estariam localizadas em núcleos funcionais, como *v* e *Voice*.

De acordo com Embick (2004), a diferenciação entre o participio eventivo e resultativo do participio estativo se deve pela presença de um núcleo *v* introdutor de uma eventualidade. Entretanto, a diferença entre o participio resultativo e o eventivo se deve aos traços associados a esse núcleo. Observe abaixo as estruturas propostas por Embick (2004) para os participios estativos, resultativos e eventivos.

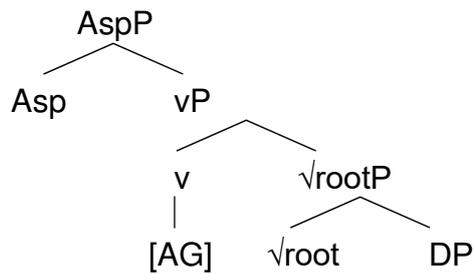
(34) Participio estativo (EMBICK, 2004, p.364)



(35) Participio resultativo (EMBICK, 2004, p.374)



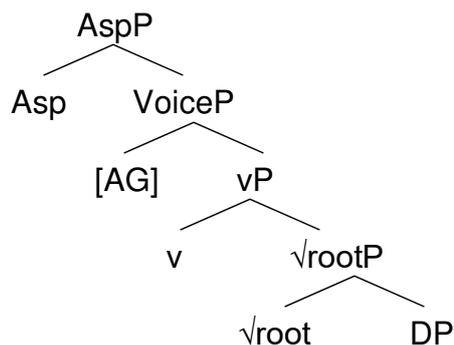
(36) Particípio eventivo (EMBICK, 2004, p.364)



Em (34) é possível observar que não há em sua estrutura o núcleo *v*, o que caracteriza o particípio estativo como sendo um adjetivo. De acordo com o autor, na derivação do particípio estativo, uma raiz verbal se concatena diretamente ao núcleo Asp, não estando presente nenhum outro núcleo que indique que há um evento ou um agente codificado. Como pode ser visto em (35), diferente da estrutura em (34) e (36), a raiz verbal se concatena com um núcleo *v*, no qual estaria presente o traço [FIENT], um traço que denota um evento que se move em direção a um estado (EMBICK, 2004). Na estrutura em (36), a codificação da interpretação agentiva está associada com o traço [AG] em *v*, traço introdutor de uma agentividade e que não está presente na estrutura do particípio resultativo e estativo.

A&A (2008) propõem uma estrutura para o particípio eventivo, partindo da proposta de Embick (2004). A diferença entre a proposta das autoras e a de Embick é que, no particípio eventivo, haveria um núcleo *Voice* acima de *vP*, pois seria *Voice*, tal como proposto por Kratzer (1994), que licenciaria adjuntos agentivos, como PPs agentes, PPs instrumentais e advérbios orientados para o agente. Dessa forma, as autoras assumem que o traço [AG] se concatena na posição de especificador de *Voice*, e não ao *v*, uma vez que *v* licenciaria apenas eventividade. Essa estrutura está representada em (37).

(37) Particípio eventivo em Alexiadou & Anagnostopoulou (2008, p.39)



Como base no que foi apresentado até o momento, adota-se nesse trabalho a proposta de A&A (2008) para o tratamento dos participios passados uma vez que se assume que a diferença entre cada um dos participios se deve à presença de camadas ou à ausência de camadas que alojam núcleos funcionais. Na seção seguinte, discutiremos a natureza desses participios no PB.

2.3. Os participios no português brasileiro

Duarte & Oliveira (2010) apontam que no português europeu (PE) é possível distinguir a passiva eventiva da passiva estativa, com base na distinção entre os auxiliares *ser* e *estar* e também diferenciar estas da passiva resultativa pelo uso do verbo *ficar* usado nessas construções. O exemplo em (38), presente em Duarte & Oliveira (2010, p.401) ilustra essa distinção, a qual se aplica também ao português brasileiro (PB), conforme o exemplo em (39).

- (38) a. O exemplo foi corrigido por um falante nativo
 b. O exemplo ficou corrigido
 c. O exemplo está correcto

- (39) a. A menina foi penteada (pela mãe)
 b. A menina ficou penteada
 c. A menina está penteada

Além da diferenciação das passivas com base nos verbos auxiliares, é possível também aplicar os critérios diagnósticos presentes no quadro 1 para as passivas no PB, obtendo-se, dessa forma, os dados em (40) a (43).

- (40) a. As almondegas foram fritas pela Maria
 b. *As almondegas estão/ficaram fritas pela Maria

- (41) a. O cabelo foi penteado com um pente de ouro
 b. *O cabelo está/ficou penteado com um pente de ouro

- (42) a. A pintura foi pintada por um grupo para causar escândalo
 b. *A pintura está/ficou pintada por um grupo para causar escândalo
- (43) a. O cabelo foi propositadamente penteado
 b. *O cabelo está/ficou propositadamente penteado

Pode ser observado em (40a) que o licenciamento do *by-phrase* só é possível com a passiva com o verbo *ser* eventiva assim como o licenciamento de sintagmas preposicionados instrumentais (41a), controle de sujeito nulo em orações adverbiais finais (42a) e o licenciamento de advérbio orientado para o agente (43a). Contudo, o licenciamento de sintagmas preposicionados argumentais não é um bom diagnóstico para a diferenciação entre passivas eventivas e passivas estativas e resultativas (44) assim como o advérbio *ainda* (45)²⁰.

- (44) a. O vaso foi derrubado com o vento
 b. O vaso caiu com o vento
- (45) a. O gato ainda foi/ficou/está machucado
 b. A parede ainda foi/ficou/está pintada

Entretanto, a presença do advérbio *ainda* confere às sentenças uma interpretação diferente. Na passiva eventiva, tem-se a interpretação de que o argumento interno sofreu várias ações e *ainda* aquela descrita pela sentença. Na passiva resultativa, observa-se a interpretação de que vários eventos aconteceram, entretanto, o DP afetado *ainda* permaneceu da forma que estava antes do início do evento. Já na passiva estativa, há a interpretação de um estado que permanece o mesmo.

Conforme apresentado acima para o PB, a respeito dos contrastes observados para o comportamento das passivas, juntamente com as discussões realizadas na seção anterior para as passivas do grego, e partindo da nomenclatura proposta por Duarte & Oliveira (2010), foi elaborado o quadro 3 a seguir a respeito

²⁰ Agradeço à Janayna Carvalho pela contribuição com relação aos testes diagnósticos discutidos nessa seção.

dos critérios diagnósticos para diferenciar os três tipos de passivas existentes nessas línguas.

Quadro 3 – Critérios diagnósticos para os participípios, com base em A&A (2008)

	Passiva Eventiva	Passiva Resultativa	Passiva Estativa
<i>By-phrase</i>	+	-	-
PP instrumental	+	-	-
Controle de sujeito nulo em orações adverbiais finais	+	-	-
Advérbio orientado para o agente	+	-	-
Advérbio <i>ainda</i>	-	-	+

Outra afirmação encontrada em A&A (2008) e que diz respeito à diferenciação dos participípios passivos, é a de que não há restrição quanto ao verbo que pode formar passivas eventivas, ao contrário das passivas estativas e resultativas. Verifica-se que essa generalização se aplica também ao PB, conforme o exemplo em (46), desde que os verbos sejam transitivos.

- (46)
- a. A menina foi/está/ficou penteada
 - b. O gato foi/*está/*ficou perseguido
 - c. O menino foi/*está/*ficou amado
 - d. *O rapaz foi dançado
 - e. *O vaso foi caído

Um outro aspecto a ser discutido quanto aos participípios é o uso de sintagmas preposicionados adverbiais terminativos *em x tempo* e durativos *por x tempo*, sintagmas que implicam na existência de um evento. As passivas eventivas abaixo em (47a) e (48a) e as resultativas em (47b) e (48b) apontam que não há restrições quanto à presença da expressão durativa nem quanto à presença da expressão terminativa.

- (47) a. O rapaz foi penteado por 10 minutos / em 10 minutos
 b. O rapaz ficou penteado por 10 minutos / em 10 minutos
 c. *O rapaz está penteado por 10 minutos / em 10 minutos
- (48) a. O gato foi lavado por 2 minutos / em 2 minutos
 b. O gato ficou lavado por 2 minutos / em 2 minutos
 c. *O gato está lavado por 2 minutos / em 2 minutos

A gramaticalidade das construções resultativas no PB com a expressão durativa *por x-tempo* e com a expressão terminativa *em x tempo* em (47b) e (48b) sugere que há a estruturação de um evento nos participios resultativos, enquanto que a agramaticalidade das construções estativas com as expressões *por x tempo* e *em x tempo* nos exemplos (47c) e (48c) sugere que esta construção não possui a estrutura de evento, conforme Medeiros (2008), o que implica em dizer que haveria nas construções passivas resultativas uma interpretação de evento que não estaria presente nas passivas estativas.

Contudo, os dados em (49) parecem apontar que as passivas com o auxiliar *estar* possuem estrutura eventiva.

- (49) a. *O rapaz está penteado por 10 minutos / em 10 minutos
 b. O rapaz vai estar penteado ?por 10 minutos / em 10 minutos
 c. O rapaz estará penteado ?por 10 minutos / em 10 minutos
 d. O rapaz estava penteado por 10 minutos / *em 10 minutos
 e. O rapaz esteve penteado por 10 minutos / *em 10 minutos

Ao observar os dados em (49), parece que, no PB, o verbo auxiliar desempenharia algum papel na estruturação do evento nas sentenças passivas. Porém, a mudança no tempo do verbo auxiliar leva à perda da característica de passiva estativa, sendo que esta mudança confere à passiva uma eventualidade, como pode ser visto nos exemplos em (49), por licenciar os sintagmas adverbiais *em x tempo* e *por x tempo*, e uma agentividade, observada em (50), pelo licenciamento do *by-phrase*, e a falta desta em (51).

- (50) a. O rapaz vai estar penteado pela Maria

b. O rapaz estará penteado pela Maria

- (51) a. *O rapaz estava penteado pela Maria
b. *O rapaz esteve penteado pela Maria

Observe agora o exemplo em (52).

- (52) O rapaz é/era/seria/será penteado pelo cabelereiro

Independentemente do tempo em que o verbo auxiliar se encontra, há sempre uma implicação de evento e uma agentividade presente. Entretanto há uma interpretação a mais quando o auxiliar possui um aspecto imperfectivo. Em *o rapaz é penteado*, há também a leitura de um estado habitual. Já em *o rapaz era penteado* se diz sobre um estado anterior à realização de um determinado evento. Essas duas passivas teriam tanto a leitura eventiva quanto a leitura estativa.

Com relação às construções com *ficar+particípio*, a mudança do tempo do auxiliar não modifica a leitura eventiva presente na passiva resultativa - ver (53).

- (53) a. Ela fica/ficava maquiada por uma hora/em uma hora
b. Ela ficará/ficaria maquiada por uma hora/em uma hora

O tempo verbal das sentenças de (49) a (53) parece ter alguma interferência quanto à implicação de um evento e a presença de agentividade apenas nas construções *estar+particípio*. A mudança do tempo verbal do auxiliar *estar* nessas construções resulta na perda da característica “estado” desta, ou seja, deixa de ser estativa. Não pode ser dito que o aspecto perfectivo ou imperfectivo do auxiliar tenha algum papel na implicação de um evento ou na presença de agentividade, mas sim a relação estabelecida entre o auxiliar e características envolvidas na derivação do particípio. Na sentença em (53), o auxiliar *estar* possui aspecto perfectivo e não licencia um agente – há apenas a implicação de um evento. Nas sentenças (52) e (53), o fato de o auxiliar *ser* e *ficar* possuir aspecto perfectivo, imperfectivo ou estar no modo *irrealis* não foi determinante na implicação de uma eventualidade ou na presença de uma agentividade. Os traços que indicam a presença de um evento e de

um agente parecem não estar no domínio do auxiliar em T. Esses traços estariam ligados a *v* ou a *Voice*, tal como apresentado na seção 2.2.

2.4. Estrutura argumental e particípio passivo

No PB, como apresentado anteriormente, é possível haver três tipos de passivas: a passiva eventiva (54), a passiva estativa (55) e a passiva resultativa (56).

- (54) a. O menino foi molhado (pela mãe)
b. O chão foi molhado (pelo rapaz)

- (55) a. O rapaz ficou molhado
b. O chão ficou molhado

- (56) a. O menino está molhado
b. O chão está molhado

Contudo, não são todos os verbos tidos como transitivos no PB que permitem os três tipos de passivas, como apresentado na seção anterior e exemplificado em (57).

- (57) a. O menino foi/*está/*ficou derrubado
b. A menina foi/*está/*ficou amada

Além disso, um DP animado ou inanimado à esquerda do auxiliar parece ter algum papel na aceitabilidade de passivas. Observe as sentenças em (58) e (59).

- (58) a. O palhaço foi maquiado
b. #O quadro foi maquiado

- (59) a. O menino foi assustado
b. #O presente foi assustado

Os verbos transitivos parecem não ter restrições quanto à realização da passiva eventiva se o DP argumento interno for uma entidade animada. Já quando o argumento interno da passiva eventiva é inanimado, alguns verbos não aceitam este tipo de passiva, o que pode ser observado em (58b) e (59b). As restrições acima observadas se devem às propriedades de seleção do argumento pelo verbo.

O DP ser animado ou inanimado parece ter papel nas sentenças passivas com verbos que não permitem a passiva estativa, como pode ser observado em (60) em que a passiva estativa é permitida quando o DP possui o traço inanimado e não é permitida quando o DP possui o traço de animado.

- (60) a. O menino foi/*está/*ficou derrubado
b. O prédio foi/está/?ficou derrubado

Para os propósitos desse trabalho, que tem como objetivo discutir a aquisição de sentenças passivas eventivas reversíveis no PB, ou seja, passivas em que tanto o argumento interno como o argumento externo são animados, serão examinados apenas os contextos em que o traço do argumento interno e do argumento externo da passiva eventiva seja [+animado] e em que o traço do XP à esquerda das passivas estativas e resultativas apresente o mesmo traço.

2.4.1. Estrutura argumental e acionalidade no particípio passado

Nos trabalhos sobre aquisição da passiva verbal, as hipóteses sobre a dificuldade da criança na compreensão dessas sentenças e sobre o aparente atraso na aquisição dessas são formuladas com base no fato do verbo ser de ação ou não ação. Por exemplo, para o inglês, a criança compreenderia a passiva verbal *Mary was combed* como uma passiva adjetiva por ser a passiva adjetiva e a passiva verbal homófonas no inglês. Dessa forma, a criança não deveria compreender a passiva *Mary was seen* pela agramaticalidade da passiva adjetiva com o verbo *see*.

Como apresentado anteriormente, não são todos os verbos tidos como transitivos no PB que permitem os três tipos de passivas. Para discutir os verbos a serem testados nessa dissertação, optou-se por categorizá-los com base nas operações sintáticas permitidas por cada verbo com o objetivo de agrupá-los em

categorias que considerem a estrutura argumental desses e não unicamente com base em critérios de ser ou não de ação.

Para discutir a proposta a ser adotada por este trabalho, foram selecionados verbos transitivos presentes em estudos sobre a aquisição de passivas, os quais são tratados em diversos estudos a partir da propriedade de ser de ação ou não-ação.

O quadro 4 traz os verbos utilizados com o objetivo de elaborar a hipótese desenvolvida. Inicialmente, os verbos aparecerão categorizados como sendo de ação e de não-ação para depois propor-se outra forma de categorização.

Quadro 4 – Classificação dos verbos com base em ser ou não acionais

Verbos de ação	Lavar, molhar, pentear, secar, maquiagem, limpar, cobrir, amarrar, amamentar, alimentar, matricular, internar, agasalhar, vestir, puxar, perseguir, fotografar, esfregar, empurrar, carregar, balançar, girar, cheirar, beijar, derrubar, abraçar, rodar, encontrar
Verbos de não-ação	Aborrecer, assustar, irritar, envergonhar, ver, amar, escutar, ouvir, enganar, lembrar

Os verbos presentes no quadro (4) são verbos encontrados em diversos outros estudos sobre voz passiva para diversas línguas, discutidos no capítulo 1. A motivação para discuti-los parte de uma das perguntas que norteiam esse trabalho: *o desempenho da criança seria pior ou não com verbos de não-ação?* Sabe-se que crianças não têm dificuldades na compreensão de verbos de não-ação quando presentes em sentenças interrogativas *qu*, tal como pode ser observado em Hirsh & Hartman (2006) e em Minello (2015), nem em tarefas de compreensão de sentenças ativas (ESTRELA, 2013). Contudo, os resultados obtidos por outros trabalhos para compreensão de passivas com verbo de não-ação apontam uma maior dificuldade quando o participio passivo é de verbo de não-ação (DRIVA & TERZI, 2004; HIRSH & WEXLER, 2006; ESTRELA, 2013; entre outros), mas poucos desses trabalhos olham para o desempenho das crianças em tarefas de compreensão partindo das características individuais dos verbos.

Ao olhar individualmente para os verbos apresentados no quadro 4, é possível classificá-los a partir dos tipos de passivas que eles permitem. Dos verbos

apresentados neste quadro, há verbos que permitem apenas a voz ativa e a passiva eventiva, enquanto que há verbos que permitem também a passiva resultativa e a passiva estativa.

Observem os exemplos em (61).

- (61) a. O menino foi lavado / O menino está lavado / O menino ficou lavado
 b. O menino foi beijado / *O menino está beijado / *O menino ficou beijado
 c. O menino foi assustado / O menino está assustado / O menino ficou assustado
 d. O menino foi amado / *O menino está amado / *O menino ficou amado

Os verbos *lavar* e *assustar*, como pode ser observado em (61a) e (61c) permitem as passivas estativas e resultativas, ao contrário dos verbos *beijar* e *amar* em (61b) e (61d).

Com relação aos verbos classificados como verbos de ação, *lavar*, além de permitir os três tipos de passivas, permite também alternância para a forma intransitiva principalmente nos contextos em que o XP pré-verbal é [-animado], ao contrário do que acontece com verbos como *beijar*.

- (62) a. O menino lavou a sala / A sala lavou
 b. O pai lavou o menino / ?O menino lavou
- (63) a. O pai beijou o carro / *O carro beijou
 b. A mãe beijou a menina / *A menina beijou

Os verbos de não-ação também podem ser categorizados em duas outras classes, discutidas em Belletti & Rizzi (1988)²¹: verbos sujeito-experienciador e verbos objeto-experienciador. Nos verbos objeto-experienciador (OE), como *assustar*, o argumento interno é tomado como experienciador, enquanto o argumento externo é tomado como tema. Já nos verbos sujeito-experienciador, como *amar*, o argumento interno é tomado como tema, enquanto o argumento externo é tomado como experienciador.

²¹ Cf. Belletti & Rizzi (1988).

A discussão inicial apresentada acima aponta para a existência de pelo menos quatro classes diferentes de verbos quando se olha para seleção argumental, sendo duas classes diferentes dentro dos verbos tradicionalmente referidos como sendo de ação e duas classes diferentes dentro da classe de verbos tradicionalmente tratados como sendo de não-ação pelos trabalhos de aquisição de voz passiva. Na primeira classe, estão os verbos que permitem os três tipos de passivas, denominados aqui de verbos do Tipo 1 (exemplos 61a e 61c); na segunda, os verbos que permitem apenas passivas eventivas, chamados de verbos do Tipo 2 (exemplos 61b e 61d). Os verbos objeto-experienciador foram categorizados juntamente com os verbos do Tipo 1, enquanto os verbos sujeito-experienciador foram classificados como verbos do Tipo 2. O objetivo da classificação presente no quadro 4 é discutir a aquisição de passivas verbais (passivas eventivas) com base na estrutura argumental do verbo e no tipo de argumento que este seleciona.

Os verbos do tipo 1 e do tipo 2 podem ser classificados também com base em classes acionais. Os verbos do tipo 1, são compatíveis com os sintagmas preposicionados *em x tempo*, *por x tempo* e com a expressão *fazer o mesmo*, quando tanto o argumento interno e o externo estão presentes.

(64) O Pedro maquiou a Ana por 1 hora / em uma hora / e a Maria fez o mesmo

O licenciamento dos três adjuntos indica que o verbo maquiar (e os outros presentes como classificados como sendo do tipo 1) são *accomplishments* e descrevem um evento durativo, télico e não-estativo. O ponto em comum aqui entre os verbos de ação e de não-ação (psicológicos deste ponto em diante) usualmente presentes nos estudos sobre aquisição de passivas, é que verbos psicológicos objeto-experienciador são *accomplishment* tal como os verbos de ação alocados como verbos do tipo 1. A descrição realizada para o verbo *maquiar* vale também para o verbo *assustar*, por exemplo.

Já no caso dos verbos do tipo 2, podemos encontrar um ponto em comum entre eles: não são considerados *accomplishment*, mas sim estativos, atividades e *achievements*.

Uma atividade é durativa, atélica e não-estativa. Já um *achievement* é télico, não-durativo e não-estativo e descreve um evento que chega ao fim

instantaneamente (BASSO, 2007), mas não resulta em um processo de mudança de estado. Por fim, um estado é durativo, atélico e estativo e descreve um estado.

Como pôde ser visto, os verbos do tipo 1 possuem um comportamento semelhante, ao contrário dos verbos do tipo 2, que não podem ser classificados como sendo de um tipo único. O quadro 5 traz a divisão realizada e adotada por este trabalho.

Quadro 5 – Classificação dos verbos com base no tipo de particípio permitido

Verbos do Tipo 1 (<i>accomplishment</i>)	Lavar, molhar, pentear, secar, maquiagem, limpar, cobrir, amamentar, alimentar, agasalhar, vestir, esfregar, aborrecer, assustar, irritar, envergonhar, fotografar
Verbos do Tipo 2 (<i>achievements</i>, atividades e estados)	Puxar, perseguir, empurrar, carregar, balançar, girar, cheirar, beijar, abraçar, rodar, ver, amar, escutar, ouvir, enganar, lembrar, derrubar, encontrar

Conforme brevemente apresentado, os verbos do tipo 1 são todos *accomplishment*, ao contrário dos verbos do tipo 2, que são atividades, estados e *achievements*. As passivas eventivas de *accomplishment* seriam télicas e durativas, ao contrário das passivas eventivas de atividades, estados e *achievements*, como pode ser observado no exemplo (65).

- (65)
- a. A moça foi penteada em cinco minutos / por cinco minutos (télica e durativa)
 - b. O menino foi perseguido ?em cinco minutos / por cinco minutos (durativa)
 - c. O rapaz foi derrubado pelo irmão em cinco minutos / ?por cinco minutos (télica)
 - d. O marido foi amado pela esposa ?em cinco minutos / ?por cinco minutos (durativa e estativa, não-dinâmica)

As passivas de *accomplishments* (ver 65a) permitem os sintagmas *em x tempo* e *por x tempo*, e possuem os traços [+durativo] e [+télico]. Esses traços implicariam um processo e um resultado final, pois há uma mudança não-instantânea

que culmina em um resultado, uma mudança de estado²². Na passiva de atividades, o evento é apenas durativo, não podendo seu fim ser determinado, conforme o exemplo em (65b). As passivas de *achievements* seriam télicas e não durativas, ou seja, se vê um evento que chega ao final de forma instantânea, não havendo um processo, mas apenas um resultado. Por fim, a passiva de estativos aponta sobre um estado, permanente ou não, que tem uma duração no tempo, não podendo visualizar um término, uma vez que não pode ser dito que há um evento que resulta em um estado final nessas passivas.

Em Liter (2016), o autor optou olhar para os verbos de ação e de não-ação a partir de uma divisão por ele desenvolvida, na qual os verbos classificados como de ação e de não-ação poderiam ser classificados como sendo *eventive agentive*, *eventive nonagentive* e *noneventive nonagentive*, categorizações não definidas pelo autor. Este observou que os *eventive agentive* são passivizáveis primeiramente pelas crianças, seguidos dos *eventive nonagentive* e, por último, os *noneventive nonagentive*. Abaixo segue copiado o quadro apresentado no capítulo 1.

Quadro 6 – Verbos testados no estudo de Liter (2016)

Eventive agentive	Eventive nonagentive	Noneventive nonagentive
Paint (pintar)	Forget (esquecer)	Know (saber/conhecer)
Fix (consertar)	Find (encontrar)	Hate (odiar)
Wash (lavar)	Spot (observar)	Love (amar)

Ao observarmos o quadro 6, nota-se que os verbos pelo autor classificados como sendo *eventive agentive* são verbos de *accomplishment*. Já os verbos *eventive nonagentive* e os *noneventive nonagentive* são verbos não-*accomplishment*. Os achados do autor mostram que existem características relacionados ao verbo que implicam na compreensão das passivas eventivas.

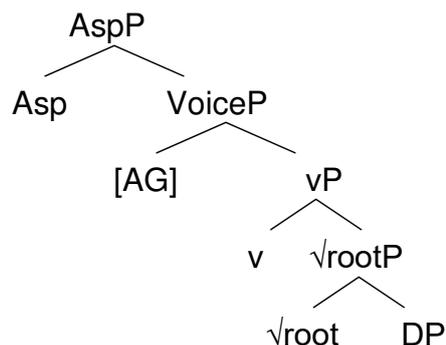
Retornando à seção 2.2, A&A (2008) apontam, a partir dos dados por elas analisados, que o particípio eventivo possuiria um núcleo que aloja uma agentividade, um traço [AG] e um núcleo que aloja uma eventualidade. Conforme as autoras, na derivação dos particípios eventivos, os núcleos *Asp*, *Voice* e *v* seriam licenciados.

²² Para maiores detalhes sobre um *accomplishment* permitir uma mudança não instantânea que culmina em uma mudança de estado, conferir Basso (2007).

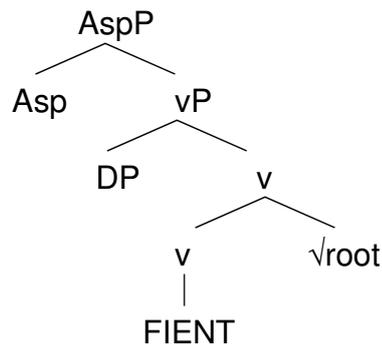
Para as autoras, o núcleo *v* denotaria apenas eventividade, enquanto seria o núcleo *Voice* que licenciaria, na passiva eventiva, PPs agentes, PPs instrumentais e advérbios orientados para o agente. Já o núcleo *Asp* estaria presente nos três tipos de passivas, sendo que neste núcleo estaria alocado o item *-d-* do morfema participial *do/a* no caso do PB, o qual está presente nos três tipos de passivas.

Como discutido anteriormente, e assumindo a proposta de Alexiadou & Anagnostopoulou (2008), nas passivas eventivas, o DP complemento se concatena com uma raiz verbal, projetando um *RootP*. Esta, por sua vez, irá se concatenar com um *v*, projetando um *vP*, o qual irá se concatenar com o núcleo *Voice*, portador do traço [AG], responsável pela agentividade observada nas passivas eventivas, e irá projetar *VoiceP*. Por fim, *VoiceP* se concatena com *Asp*, projetando um *AspP*, conforme a representação em (66). Já nas passivas resultativas, a raiz verbal se concatena com um *v*, portador do traço [+FIENT], projetando um *v*. Esse *v* se concatena a um DP, projetando um *vP*, que irá se concatenar com *Asp*, representado em (67). Nas passivas estativas, a raiz verbal se concatenaria diretamente com *Asp*, não existindo espaço para *v* nem *Voice*, a qual pode ser observada em (68). As representações estruturais foram apresentadas na seção 2.2. e estão copiadas abaixo.

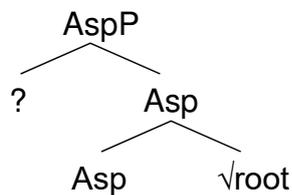
(66) Particípio eventivo



(67) Particípio resultativo



(68) Particípio estativo



Conforme observado nas estruturas apresentadas acima, o núcleo Asp é comum aos três tipos de particípio. Em *v* estariam presentes traços que indicam a presença de um evento, como pode ser visto em seções anteriores para as passivas resultativas e eventivas, e em *Voice* estaria o traço [AG], no caso das passivas eventivas. Os traços de telicidade, duratividade e estatividade estariam concatenados a uma ou outra camada funcional presente na estrutura do particípio, possivelmente na camada comum aos três particípios²³. Como observação, esse trabalho não tem por objetivo discutir de que forma os traços de telicidade, duratividade e estatividade participariam da derivação do particípio passivo.

Conforme apresentado, os verbos do tipo 2 não permitem passivas estativas nem passivas resultativas – apenas os verbos do tipo 1 (*accomplishments*) permitem particípios resultativos e estativos. Assumindo Embick (2004), as passivas resultativas apontam sobre um evento que chega a um ponto final em que o processo pelo qual se passa não pode ser determinado, e, portanto, elas seriam télicas, não-durativas e não-estativas. Já as passivas estativas são durativas, estativas e atélicas. Assume-se que os traços de acionalidade da passiva resultativa só podem ser [+télico], [-durativo] e [-estativo] e, na passiva estativa, [-télico], [+durativo] e

²³ Os trabalhos que tentam discutir a relação entre estrutura argumental e acionalidade ainda são recentes. Para maiores informações, cf. Rothstein (2004) e Medeiros (2008).

[+estativo]. Na estrutura da passiva eventiva, os traços de acionalidade podem ser +/- télicos, +/-durativo e +/-estativo, a depender do verbo na forma participial.

Como conclusão, o presente trabalho defende que a passiva estativa seria a primeira passiva a ser adquirida pela criança por não ser necessário lidar com combinatórias diferentes de traços – elas serão sempre atélicas, durativas e estativas – durante a sua derivação. A passiva resultativa seria adquirida depois da passiva estativa e antes da passiva eventiva em decorrência da presença da camada que aloja *v* e o traço [+FIENT]. E, por fim, a passiva eventiva seria a última adquirida pela criança pela relação estabelecida entre as combinações possíveis dos traços de acionalidade, associado com a presença de traços relacionados com a existência de um agente (o qual pode ou não ser implícito). Em conformidade ao discutido até o momento, a passiva eventiva pode ser realizada com verbos pertencentes às quatro classes aspectuais. As passivas eventivas de verbos *accomplishment* (télicas, durativas e não-estativas) seriam as primeiras a serem compreendidas pelas crianças em decorrência de uma relação estabelecida entre os traços de acionalidade e os traços envolvidos no auxiliar, sendo seguidas pelas passivas eventivas de verbos não-*accomplishments*. No capítulo 3 discutiremos e testaremos a hipótese adotada por este trabalho.

3. MÉTODOS E RESULTADOS

Para investigar a hipótese defendida por este trabalho, no qual se assume que o *delay* na aquisição da passiva eventiva é explicado por mecanismos morfossintáticos envolvidos na derivação do particípio passado, como apresentado no capítulo 2. Foram realizados quatro estudos, sendo três experimentais²⁴ e um com base em dados de produção espontânea.

O primeiro estudo foi realizado com base em dados de produção espontânea de duas crianças, o qual teve por objetivo verificar a emergência das passivas eventivas, resultativas e estativas, através de dados obtidos na Plataforma de Arquivos Sonoros do Centro de Documentação Alexandre Eulálio (CEDAE). O segundo estudo teve por objetivo investigar se a criança compreendia o verbo *ser* e o verbo *estar*, e se distinguia a passiva verbal da passiva adjetiva, sendo o experimento aplicado a 30 crianças, com idade entre 3 anos a 5 anos e 10 meses. No terceiro estudo, realizou-se um experimento com objetivo de eliciar a produção de sentenças passivas, o qual foi aplicado a 30 crianças, com idade entre 3 anos e 2 meses a 5 anos e 8 meses. Por fim, o quarto estudo teve por objetivo investigar a compreensão de passivas através da metodologia de Seleção de Figuras e foi aplicado a 30 crianças com idade entre 3 anos e 2 meses a 6 anos. Os experimentos também foram aplicados em grupo controle composto por 10 adultos, naturais da região metropolitana de Campinas, com idade entre 20 e 29 anos, todos alunos de curso superior.

O capítulo se encontra dividido da seguinte forma: A seção 3.1 discute os dados de produção espontânea que foram obtidos na Plataforma de Arquivos Sonoros do CEDAE. A seção 3.2 apresenta o procedimento, estímulos e materiais que compuseram o primeiro experimento brevemente citado acima, assim como os participantes e resultados obtidos. Na seção 3.3, são apresentados os estímulos, procedimentos, materiais e sujeitos relativos ao experimento de produção eliciada. Já

²⁴ Os experimentos foram realizados após sua aprovação pelo CEP da UNICAMP (nº aprovação: 47878615.9.0000.5404). A participação das crianças na pesquisa foi autorizada pelos seus pais ou responsáveis, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), escrito de acordo com a Resolução 466/2012 do CONEP, permitindo a participação dessas na pesquisa e a gravação de sua imagem. A participação dos adultos se deu após concordância em participarem da pesquisa, assinando também o TCLE, consentindo a gravação de sua voz.

na seção 3.4 são apresentadas as mesmas informações referentes a seção anterior, mas sobre o experimento de compreensão de sentenças passivas.

3.1. Estudo 1: produção espontânea de passivas

O objetivo deste primeiro estudo é investigar a emergência dos três tipos de passivas na fala infantil. Para tal, foram observadas as ocorrências de passivas eventivas, estativas e resultativas na fala espontânea de duas crianças, R. e V., ambas do sexo feminino. Foram analisados dados previamente gravados referentes ao *corpus* do projeto Aquisição da Linguagem Oral, obtidos na Plataforma de Arquivos Sonoros do CEDAE.

A faixa etária observada para a criança R. foi entre dois anos, onze meses e seis dias e quatro anos, dez meses e seis dias, totalizando 23 sessões. Já para a criança V., foram observadas 29 sessões entre as idades de três anos e vinte e dois dias e cinco anos, seis meses e vinte dias. Na tabela 5 pode ser observada a distribuição dos três tipos de participios encontrados na fala das duas crianças.

Tabela 5 - Distribuição das formas participiais na fala de duas crianças

	Particípio Estativo	Particípio Resultativo	Particípio Eventivo	Total
R. (2;11.06 – 4;10.06)	41 (38,7%)	14 (35,7%)	0	56 (37,4%)
V. (3;0.22 – 5;6.20)	65 (61,3%)	27 (64,3%)	2 (100%)	94 (62,6%)
Total	106 (70,6%)	42 (28%)	2 (1,4%)	150 (100%)

Dos participios passados encontrados na fala de R., 41 foram participios estativos, 15 participios resultativos e nenhum eventivo, computando um total de 56 participios. Na fala de V., de um total de 94 participios, 65 ocorrências foram de participios estativos, 27 participios resultativos e 2 participios eventivos. No total, foram encontrados 106 participios estativos, 42 participios resultativos e 2 participios eventivos, como pode ser observado na tabela 5.

Observe agora as tabelas 6 e 7, sendo que nelas estão apresentadas as ocorrências das três formas participiais por faixa etária para cada criança.

Tabela 6 – Formas participiais por faixa etária na fala da criança R.

R.	Particípio Estativo	Particípio Resultativo	Particípio Eventivo	Total
2;11.06 – 3;10.28 (12 sessões)	18	6	0	25
4;00.18 – 4;10.06 (11 sessões)	23	8	0	31
Total	41	14	0	56

Na fala de R., foram encontrados 23 participios estativos e 8 participios resultativos na faixa etária de quatro anos e 18 participios estativos e 7 participios resultativos na faixa etária de 3 anos. Em (69) e (70) pode ser visto, respectivamente, algumas ocorrências de participios estativos e resultativos na fala de R.

- (69)
- Que que **tá escrito** aqui? (4 anos, 10 meses e 6 dias)
 - Tá escrito** aqui. O bambi que rá (**tá**) escrito (4 anos, 6 meses e 17 dias)
 - Joguei fora # o bilhete (es)**tá molhado**. (3 anos, 2 meses e 20 dias)
- (70)
- A tesoura **ficou** bem **grudada**. (4 anos, 9 meses e 9 dias)
 - Enquanto isso ela **fica sentada** esperando (3 anos, 4 meses e 15 dias)

Tabela 7 – Formas participiais por faixa etária na fala da criança V.

V.	Particípio Estativo	Particípio Resultativo	Particípio Eventivo	Total
3;0.22 – 3;11.01 (10 sessões)	16	9	0	25
4;0.21 – 4;11.21 (12 sessões)	41	15	1	57
5;0.0 – 5;6.20 (7 sessões)	8	3	1	12
Total	65	27	2	94

Nos dados encontrados na fala de V., 8 foram de participios estativos, 3 de resultativos e 1 de eventivo na faixa etária de 5 anos. Na faixa etária 4 anos, foram encontrados 41 participios estativos, 15 participios resultativos e 1 participio eventivo e na faixa etária de 3 anos, 16 participios eram estativos e 9 eram resultativos. Em (71) há exemplos de algumas das ocorrências de participio estativo na fala de V., e, em (72), algumas das ocorrências de participio resultativo.

- (71)
- a. Pra quando a gente **tá gripada**. (5 anos, 5 meses e 26 dias)
 - b. **Tava fechada** ss eles tavam lá dentro fechado. (a porta) (4 anos, 10 meses e 25 dias)
 - c. Na porta, na porta qui **tava fechada**. (3 anos, 8 meses e 10 dias)
- (72)
- a. A manteiga **fica derretida**. (5 anos, 3 meses e 7 dias)
 - b. As calcinha **fica encondida**. (4 anos, 3 meses e 15 dias)
 - c. Purquê pa/ purquê a mão, etm di lavá, purquê a mão **fica suja**, daí... (3 anos, 7 meses e 19 dias)

Apenas na fala de V. foi encontrada ocorrência de participio eventivo, apresentada em (73): uma aos quatro anos, sete meses e dez dias e a outra aos cinco anos, seis meses e vinte dias. Ressalta-se que as duas passivas eventivas encontradas na fala de V. permitem também passivas resultativas e passivas estativas

(a depender do traço de animacidade do argumento interno), o que pode sinalizar que as primeiras passivas eventivas da criança sejam passivas de verbos que permitem os três tipos de passivas, sendo necessário uma investigação mais quantitativa sobre a emergência da passiva com particípio eventivo na fala da criança.

- (73) a. Sabê onde **foi partido** *SI* o quê? (5 anos, 6 meses e 20 dias)
 b. É ele **foi mordido** pela cobra. (4 anos, 7 meses e 10 dias)

A predominância de participios na fala das crianças é o particípio estativo, com ocorrência de 70,6%, seguida do particípio resultativo, com uma ocorrência de 28%. É importante salientar que as formas participiais não são comuns na fala da criança, aparecendo predominantemente em situações em que a criança conta uma história ou um evento passado.

Na fala de R., os contextos em que foi mais expressivo o aparecimento dos participios estativos foram aqueles em que a criança relatava uma situação anterior ou contava sobre situações cotidianas. Das 23 sessões de fala infantil observada, 4 sessões correspondem a 41% das ocorrências de participios estativos na fala de R.: em três sessões o aparecimento de participios estativos ocorreu quando a criança falava sobre situações cotidianas (arrumar roupas, limpar a casa, desenhar) e em uma sessão, o uso do particípio estativo se deu no momento em que R. contava uma história acontecida anteriormente. Em relação aos participios resultativos presentes na fala de R., sete ocorrências das 14 observadas se deram ao recontar duas histórias infantis. Todas as outras ocorrências de participios estativos e resultativos se deram isoladamente. Não foram encontrados participios resultativos na faixa etária de dois anos nas sessões observadas para a fala de R., assim como não foi encontrada nenhuma ocorrência de particípio eventivo entre dois anos e quatro anos e dez meses nas transcrições das sessões de fala para essa mesma criança.

Com relação à distribuição dos participios estativos na fala de V., 22 ocorrências se deram ao recontar três histórias infantis e sete ocorrências de participios estativos apareceram ao contar sobre uma tarefa feita pela criança. Ou seja, em quatro das 29 sessões foram encontradas 29 ocorrências (44,5%) de participios estativos. Não foi possível estabelecer um padrão no aparecimento dos participios resultativos que foram observados na fala de V.

A discussão acima a respeito do aparecimento dos participios estativos na fala de duas crianças, atrelada ao fato de que em dados de produção espontânea, o participio estativo ocorre precocemente na fala da criança antes da idade de 2 anos (como pode ser observado em (74)) sugere que os mecanismos envolvidos na formação do participio estativo já fazem parte da gramática dessas crianças, mas sua produção parece estar condicionada a situações de fala específicas, o que pode justificar o número de ocorrência de participios estativos na fala dessas duas crianças.

- (74) A: **Tá ligado** esse filme. (2anos e 1 mês)
 G: **Tá sentada** (a boneca – 1 ano, 10 meses e 21 dias)
 A: **Tá canxado** (o Woody – 1 ano e 8 meses)

Os dados acima apresentados, atrelados às discussões presentes nos pressupostos teóricos, sugerem uma ordem na aquisição das estruturas aqui observadas: a passiva estativa é a primeira a aparecer, seguida da passiva resultativa e por fim, já em fase escolar, surgiriam as primeiras produções de passiva eventiva. Assume-se, portanto, que o participio estativo possui uma estrutura mais simplificada que a do participio resultativo e eventivo, o que pode justificar um possível estágio na aquisição dos participios, em que o estativo aparece primeiramente, seguido do participio resultativo e, por fim, do participio eventivo.

3.2. Estudo 2: compreensão de *ser* e *estar*

Para estudar a distinção entre *ser* e *estar*, foi tomado e adaptado para o português o trabalho de Schmitt & Miller (2007) originalmente desenhado para o espanhol. As autoras apresentaram duas figuras para crianças com idade entre 4 anos e 5 meses e 6 anos e 3 meses, juntamente com a história transcrita abaixo:

- (75) Este es Manolo. Su lengua se puso verde por que estaba tomando este jugo de kiwi, pero el tiene la lengua roja.
Este é Manolo. Sua língua se tornou verde por que ele estava tomando este suco de kiwi, mas ele tem a língua vermelha.
 i. La lengua de Manolo es ____ (roja)
A língua do Manolo é ____ (vermelha)

- ii. La lengua de Manolo está ____ (verde)
 A língua do Manolo está ____ (verde)

No experimento proposto pelas autoras, participaram 35 crianças com idade entre 4 anos e 5 meses e 6 anos e 3 meses falantes monolíngues do espanhol, residentes no México e no Chile. A partir de um experimento de produção eliciada, essas crianças foram testadas com relação à compreensão dos verbos *ser* e *estar*, os quais estavam presentes em contextos em que apenas um deles era permitido. Ao observar a situação experimental em (75), é possível observar que o *ser* foi relacionado a uma característica inerente de uma parte do corpo humano (a de determinada parte do corpo ser vermelha), portanto, uma propriedade permanente, enquanto que o verbo *estar* dizia sobre a mudança de uma característica inerente após a realização de uma ação, portanto, uma propriedade temporária.

Os resultados obtidos pelas autoras mostraram que as crianças trataram os verbos *ser* e *estar* de modo diferente do tratamento dado pelos adultos. Os adultos participantes da pesquisa, em 94% das vezes, associaram a propriedade permanente com o verbo *ser*, enquanto que em 100% das vezes, associaram o verbo *estar* com a propriedade temporária. Já as crianças, associaram a propriedade permanente com o verbo *ser* em 82% das vezes, enquanto a propriedade temporária foi associada com o verbo *estar* em 84% das vezes. Segundo as autoras, a diferença entre o desempenho das crianças e o desempenho dos adultos se mostrou estatisticamente significativa apenas para a associação entre o verbo *estar* e a propriedade transitória. Entretanto, segundo as autoras, o desempenho das crianças nas duas condições foi acima do nível de chance, mostrando que as crianças associam o verbo *ser* com características permanentes de uma entidade, enquanto que o verbo *estar* é predominantemente associado com propriedades temporárias, sabendo diferenciá-los.

O experimento proposto para o PB foi elaborado de modo análogo ao teste descrito acima. Por ser um teste que tem como objetivo verificar se a criança consegue diferenciar os verbos *ser* e *estar*, é necessário que esses verbos não estejam presentes na frase veículo. Para que o teste desenvolvido por Schimitt & Miller (2007) pudesse ser aplicado com crianças brasileiras, ele foi adaptado, conforme apresentado abaixo, de (76) à (79), em que os personagens *Pedrinho*, *Aninha* e *Lulu* são crianças e o personagem *Juquinha* é um coelho.

- (76) Esse é o Pedrinho. O Pedrinho tomou sorvete e o sorvete deixou a língua dele azul, mas ele tem a língua vermelha.

A língua do Pedrinho é___. **Resposta esperada:** vermelha.

A língua do Pedrinho está___. **Resposta esperada:** azul.

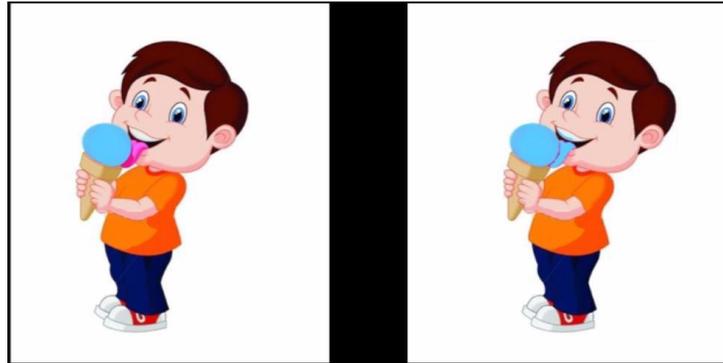


Figura 1: Cena referente ao Contexto 1

- (77) Esse é o Juquinha. O Juquinha caiu na tinta e a tinta deixou o pelo dele vermelho, mas ele tem o pelo amarelo.

O pelo do Juquinha está___. **Resposta esperada:** vermelho.

O pelo do Juquinha é___. **Resposta esperada:** amarelo.

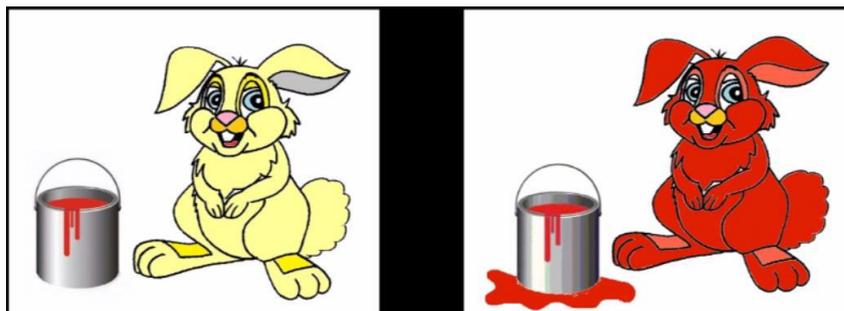


Figura 2: Cena referente ao Contexto 2

- (78) Essa é a Lulu. A Lulu passou batom e o batom deixou a boca dela verde, mas ela tem a boca vermelha.

A boca da Lulu é___. **Resposta esperada:** vermelha.

A boca da Lulu está___. **Resposta esperada:** verde.

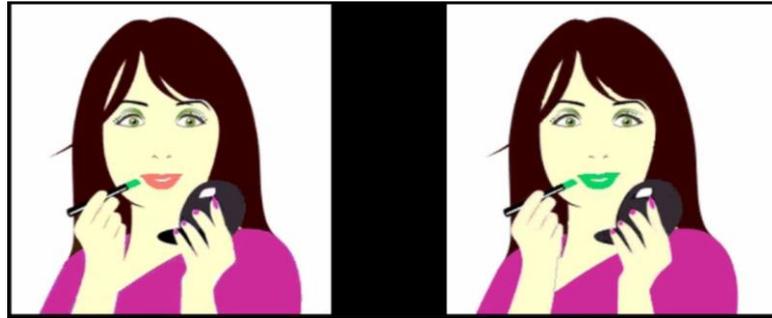


Figura 3: Cena referente ao Contexto 3

(79) Essa é a Aninha. A Aninha comeu amora e a amora deixou o dente dela roxo, mas ela tem o dente branco.

O dente da Aninha está__ **Resposta esperada: roxo.**

O dente da Aninha é___. **Resposta esperada: branco.**

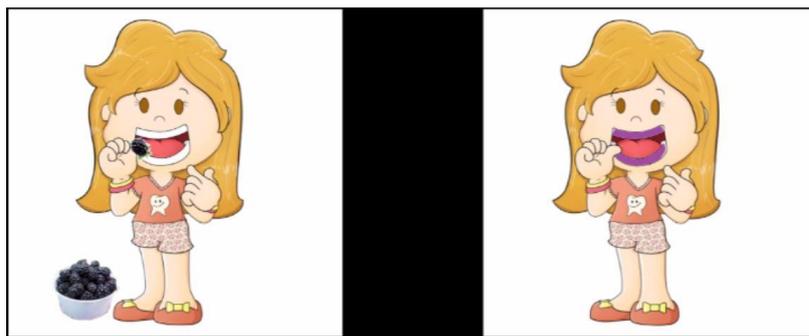


Figura 4: Cena referente ao Contexto 4

Foram apresentadas aos sujeitos duas figuras simultâneas, uma em que o personagem se encontra em seu estado original e outra na qual o personagem aparece modificado, e juntamente escutaram as histórias acima. Após escutar uma história, a criança ouviu a sentença que deveria completar. A segunda sentença foi apresentada ao participante após completar a primeira sentença. Participaram desse experimento 10 sujeitos adultos, com idade entre 21 e 27 anos, que compuseram o grupo controle e 30 crianças de ambos os sexos, divididas em três grupos (G1, G2 e G3), conforme sua faixa etária. Dessas 30 crianças, 10 tinham entre 3 anos e 3 anos e 11 meses, com idade média de 3 anos e 7 meses e compuseram o G1, 10 tinham entre 4 anos e 4 anos e 6 meses, com idade média de 4 anos e 4 meses, as quais compuseram o G2 e 10 crianças com idade entre 5 anos e 5 anos e 10 meses, com idade média de 5 anos e 5 meses, que compuseram o G3, conforme a tabela abaixo.

Tabela 8 – Faixa etária testada pelo experimento de compreensão de *ser* e *estar*

Grupo Experimental	Faixa etária
G1	3a - 3a11m (m: 3a7m)
G2	4a – 4a6m (m: 4a4m)
G3	5a – 5a10m (m: 5a5m)

Os resultados obtidos são apresentados na tabela 9.

Tabela 9 – Resultados obtidos no experimento de compreensão de *ser* e *estar*

	Contexto 1		Contexto 2		Contexto 3		Contexto 4	
	<i>Ser</i>	<i>Estar</i>	<i>Estar</i>	<i>Ser</i>	<i>Ser</i>	<i>Estar</i>	<i>Estar</i>	<i>Ser</i>
G1	8	8	9	5	7	7	9	6
G2	10	10	10	9	10	10	9	9
G3	10	10	9	10	10	10	10	10
Controle	10	10	10	10	10	10	10	10

Como pode ser observado na tabela 9, os sujeitos do grupo controle, como era esperado, conseguiram o máximo de acerto em todas as situações testadas. As crianças do G3 e G2 tiveram, respectivamente 98,7% (79 de 80) e 96% (77 de 80) de acertos.

As crianças do G1 tiveram 74% de acertos (ou seja, acertaram 59 situações de 80), sendo possível observar que para o Contexto 2 e para o Contexto 4, as crianças mais novas tiveram um desempenho pior ao eliciar a resposta com o verbo *ser* quando esta apareceu após eliciar a resposta com o verbo *estar*. Para verificar a relevância deste achado, será necessário um maior número de contextos testados.

Era esperado que a criança não tivesse dificuldades na realização de tarefas de compreensão de *ser* e *estar*, uma vez que esses verbos estão presentes precocemente na fala infantil, não existindo para o PB trabalhos na literatura que remetam a uma dificuldade da criança no uso de tais verbos. Observando apenas os resultados infantis, a condição *ser* obteve 104 respostas certas de um total de 120, correspondendo a um total de 86,6% de acertos. Já a condição *estar* teve 108 acertos

de 120, o que corresponde a 90% de acertos. A diferença entre esses valores não se mostra estatisticamente significativa para um nível de significância de 5% (*p-value*: 0.8355), não sendo possível observar um efeito entre as condições *ser* e *estar*, tal como Schmitt & Miller (2007) observaram para dados do espanhol. Contudo, o objetivo desse experimento era verificar se crianças compreendiam a diferença entre os verbos *ser* e *estar* no PB, o que foi verificado.

O outro experimento, baseado em Estrela (2013), que tinha como objetivo verificar se crianças conseguiam diferenciar passivas eventivas de passivas resultativas e de passivas estativas através de uma tarefa de julgamento de gramaticalidade não foi possível de ser aplicado, uma vez que as crianças não conseguiram compreender o teste. Desta forma, é necessário elaborar outro desenho experimental que tenha como objetivo verificar se a criança consegue diferenciar os três tipos de passivas com o particípio passado.

3.3. Estudo 3: produção eliciada de voz passiva

Esse estudo teve como objetivo investigar se, em uma língua em que passivas verbais são marginais, é possível obter sentenças passivas por meio de um experimento de produção eliciada, partindo da hipótese de que as crianças em processo de aquisição não irão utilizar sentenças passivas como uma principal escolha. Para testar esta hipótese, aplicou-se um experimento que buscava eliciar sentenças passivas em crianças no processo de aquisição de linguagem e em adultos monolíngues falantes de PB.

O grupo experimental foi composto por 30 crianças de ambos os sexos, sendo que dez crianças tinham entre 3 anos e 3 anos e 11 meses, com idade média de 3 anos e 7 meses, 10 com idade entre 4 anos e 4 anos e 6 meses, com idade média de 4 anos e 4 meses e 10 com idade entre 5 anos e 5 anos e 10 meses, com idade média de 5 anos e 5 meses, conforme apresentado na tabela 10. As crianças participantes deste experimento são as mesmas que participaram do experimento apresentado na seção 3.2.

Tabela 10 – Faixa etária testada pelo experimento de produção eliciada

Grupo Experimental	Faixa etária
G1	3a - 3a11m (m: 3a7m)
G2	4a – 4a6m (m: 4a4m)
G3	5a – 5a10m (m: 5a5m)

A essas crianças, foram apresentados 10 vídeos em que dois fantoches realizaram uma ação, correspondente ao verbo testado. Os verbos testados foram: *beijar, cheirar, derrubar, cobrir, maquiar/pintar, puxar, pentear, fotografar, esfregar e abraçar*. Os fantoches utilizados foram: *cachorro, urso, rato, galinha, coelha e vaca*. Os personagens foram combinados de forma a um personagem do gênero masculino não interagir com um personagem do gênero feminino, evitando quaisquer pistas extras que a criança pudesse utilizar para realizar a atividade. Anteriormente à apresentação dos vídeos, a criança passou por uma etapa de treinamento com vídeos que não compuseram o experimento e, posteriormente, foi ambientada em relação aos verbos que seriam testados.

As crianças participantes assistiram a um vídeo curto, no qual os personagens eram apresentados, seguido de um momento de silêncio, correspondente ao momento em que a ação era realizada. Os únicos sons escutados pelas crianças nesse momento correspondiam a onomatopeias associadas a alguns verbos, tais como *beijar* e *cheirar*. Após esse momento, as crianças escutaram uma sentença perguntando sobre o que tinha acontecido com o personagem que sofreu a ação, sendo solicitado que dessem uma resposta. Abaixo segue um exemplo ilustrado de como o experimento foi realizado.

- (80) Olha. Esses são meus amiguinhos (*os dois fantoches, um cachorro e um urso, estão se movimentando mutuamente*). Esse é o urso (*nesse momento, o personagem cachorro permanece parado*) e esse é o cachorro (*o personagem urso permanece parado*). (*Silêncio – o fantoche do cachorro permanece parado com os braços para baixo enquanto o fantoche do urso vai em direção ao cachorro e o abraça*).

O que aconteceu com o cachorro? (*após essa pergunta, era solicitado que a criança respondesse*)

Resposta esperada: *Foi abraçado pelo urso*



Figura 5: Imagem do vídeo para o verbo *abraçar*

Por ter sido um experimento demasiadamente longo, não foi realizado juntamente um experimento em que se perguntava sobre o que aconteceu com o agente. O único critério para a criança participar dessa fase do experimento era compreender como proceder na atividade durante a fase de habituação, momento em que se apresentaram quatro vídeos com quatro outros verbos que não fizeram parte do experimento em si.

Os distratores desse primeiro estudo experimental foram intercalados com os vídeos que buscavam eliciar a produção de passivas, sendo apresentadas figuras de dois objetos em estados diferentes, sendo que na primeira figura o objeto não tinha sofrido nenhuma ação e na segunda, sim, sendo perguntado ao fim o que aconteceu com o objeto. Optou-se por esse tipo de distrator, pois um que era análogo ao estudo experimental, elevou o tempo de realização do experimento pelas crianças mais novas para cerca de 30-40 minutos. Após a modificação para os distratores utilizados, o tempo final de realização do experimento pelas crianças mais novas foi de cerca de 20 minutos e pelas crianças mais velhas, de 10 minutos.

O mesmo experimento foi previamente apresentado a um grupo controle composto por 10 adultos com idade entre 21 e 27 anos de idade, cursando ensino superior na Universidade Estadual de Campinas, nas áreas da saúde, exatas e humanas, todos naturais da região de Campinas, no estado de São Paulo. Optou-se

por trabalhar com sujeitos controles apenas da região de Campinas, pois as crianças são naturais dessa região.

3.3.1. Apresentando os resultados do estudo experimental de produção eliciada de voz passiva

Serão primeiramente discutidos os resultados obtidos para os sujeitos controles e, em seguida, os resultados obtidos para os grupos experimentais.

Conforme apresentado anteriormente, o grupo controle é composto por 10 sujeitos de ambos os sexos, com idade entre 21 e 27 anos de idade. Cada um desses sujeitos produziu 10 sentenças no teste de produção eliciada, obtendo-se no total, 100 sentenças. A tabela (11) abaixo ilustra os dados obtidos.

Tabela 11 – Resultados obtidos pelos adultos no experimento de produção eliciada

Tipo de sentença	Resultados
Passivas	60
Ativas	19
<i>Ter</i> + participípio	10
Inversões	04
Outras construções	06
Total	100

Do total de 100 sentenças produzidas pelo grupo controle, 60 foram passivas verbais, sendo que 36 foram passivas com *by-phrase* e 24 sem *by-phrase*.

- (81) a. O cachorro foi abraçado pelo urso
b. Ele foi abraçado

Dentre as outras 40 sentenças, 19 eram ativas, 10 sentenças com participípio (*ter+participípio*), 4 inversões, em que o objeto foi tomado como sujeito, 6 outras sentenças e uma única realização com um VP único.

Das 10 sentenças com o *ter+participípio*, 6 ocorrências foram com o verbo *puxar*, e três com o verbo *fotografar*. Exemplos dessas construções podem ser observadas nos exemplos (82a) e (82b).

- (82) a. A coelha teve a orelha puxada pela vaca
b. A vaca teve uma foto tirada pela galinha

As quatro inversões ocorreram apenas com o verbo *maquiar*, sendo que duas eram passivas e duas ativas, como exemplificado em (83).

- (83) a. A galinha foi pintada pela coelha (em vez de *A coelha foi pintada*)
b. A coelha maquiou a galinha (em vez de *A galinha maquiou a coelha*)

Das outras sete sentenças, uma foi realizada apenas com um verbo e nas outras seis sentenças, o argumento interno está na posição do sujeito, como pode ser observado nos dados em (84).

- (84) a. Apanhou
b. Ela ganhou um beijo
c. Recebeu um beijo do coelho
d. Ela recebeu um cafuné da coelha
e. Levou um tapa do urso
f. O rato levou um tapa nas costas pelo urso
g. Ele tava andando, encontrou o cachorro e recebeu um abraço dele

Em relação ao desempenho das crianças no experimento de produção eliciada de voz passiva, obteve-se sete possíveis respostas, como apresentadas na tabela 12.

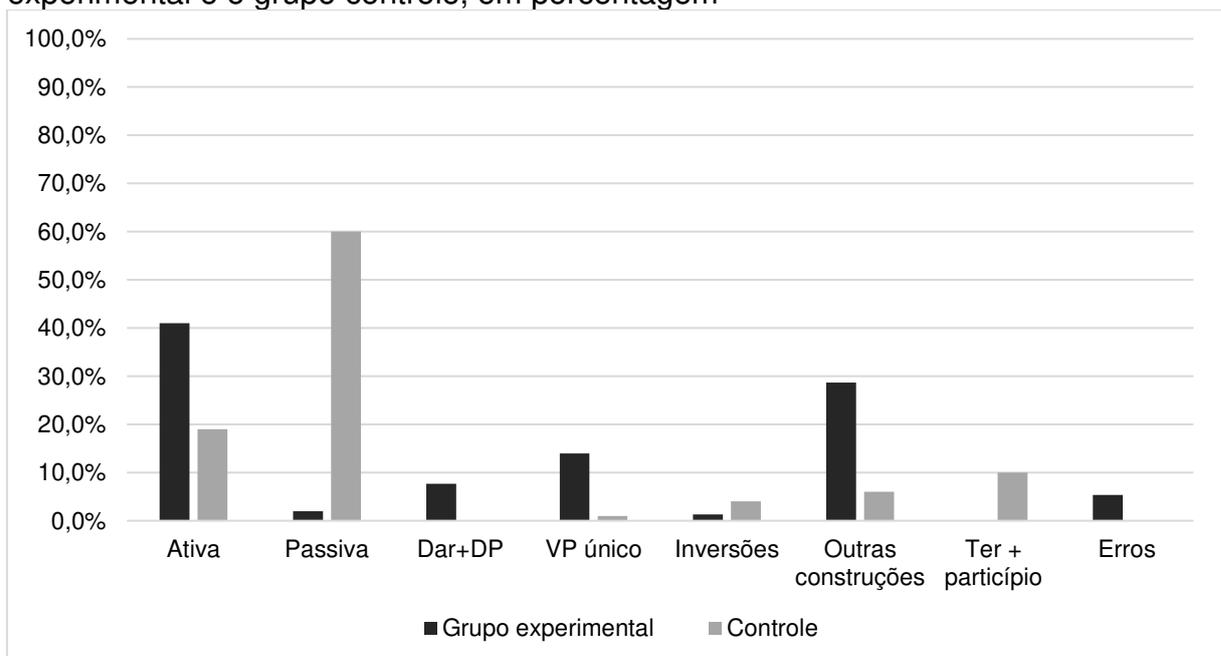
Tabela 12 – Resultados obtidos pelas crianças no experimento de produção eliciada

Sentença	G1	G2	G3	Total
Ativa	30 (24,4%)	51 (41,5%)	42 (34,1%)	123 (41%)
Passiva	0	05 (83,3%)	01 (16,7%)	06 (2%)
<i>Dar+DP</i>	09 (39,1%)	06 (26,1%)	08 (34,8%)	23 (7,7%)

Sentença	G1	G2	G3	Total
VP único	19 (45,2%)	11 (26,2%)	12 (28,6%)	42 (14%)
Inversões	02 (50%)	01 (25%)	01 (25%)	04 (1,3%)
Outras construções	35 (40,7%)	20 (23,3%)	31 (36,6%)	86 (28,7%)
Erros	05 (31,3%)	06 (37,5%)	05 (31,3%)	16 (5,3%)
Total	100 (33,3%)	100 (33,3%)	100 (33,3%)	300 (100%)

Como pode ser observado na tabela 12, as crianças escolheram sentenças semelhantes aquelas escolhidas pelos adultos e outras construções, as quais não foram observadas nas respostas dadas pelos adultos. No gráfico 1, abaixo, pode ser observado o desempenho dos três grupos experimentais em sua totalidade em comparação com os resultados obtidos para o grupo controle.

Gráfico 1 – Respostas obtidas pelo experimento de produção eliciada para o grupo experimental e o grupo controle, em porcentagem



No gráfico 1, pode ser observado a preferência pela escolha de sentenças ativas pelas crianças em comparação com os adultos, os quais optaram por sentenças passivas. Outras estratégias escolhidas pelas crianças foram a produção de VPs únicos, construções *dar+DP* e outras construções. Todas as produções das crianças serão discutidas abaixo, iniciando-se pelas sentenças passivas.

Foram produzidas apenas seis sentenças passivas pelas crianças, sendo que as cinco passivas verbais do grupo G2 foram produzidas pela mesma criança.

- (85) a. Ele foi empurrado – 4 anos, 6 meses e 26 dias
b. Ela foi penteada – 4 anos, 6 meses e 26 dias

Em relação às construções ativas, as crianças do grupo experimental G1 produziram 10 ativas com sujeito e objeto preenchido, seis com apenas o sujeito preenchido e 14 apenas com objeto preenchido. Já as crianças do grupo G2, produziram 25 sentenças ativas com sujeito e objeto preenchido, 14 com sujeito preenchido e 12 com objeto preenchido. As crianças do grupo G3 produziram 26 sentenças ativas com sujeito e objeto preenchido (86b), apenas 11 com sujeito preenchido (86c) e cinco com objeto preenchido (86a).

- (86) a. (o urso) Abraçou ele – 3 anos, 06 meses e 11 dias
b. O ratinho cheirou a vaca – 3 anos, 06 meses e 27 dias
c. A coelha beijou (a vaca) – 3 anos, 10 meses e 24 dias

Das 23 ocorrências totais da forma *dar+DP*, onze ocorreram com o verbo *abraçar* (*deu um abraço / deu abraço*) e oito com o verbo *beijar* (*deu um beijo / deu beijo*).

Das 300 sentenças produzidas pelos três grupos experimentais, 86 foram classificadas como *outras construções*. Dessas 86 construções, 58 se referem aos verbos *cobrir*, *fotografar* e *esfregar*. Ressalta-se que a forma *fotografar* não é a forma escolhida pelas crianças, existindo uma preferência pela forma *tirar foto* (87a). Em relação ao verbo *esfregar*, se obteve respostas com o verbo *lavar* ou com a forma *tomar banho* (87b) - apenas três sentenças foram produzidas com o verbo *esfregar*. Já em relação ao verbo *cobrir*, as principais respostas foram com a forma

por/colocar+DP (87c). Esses resultados indicam que a escolha desses dois verbos deve ser evitada em um estudo posterior.

- (87)
- a. A galinha tirou uma foto assim – 3 anos, 10 meses e 24 dias
 - b. A vaca pegou a bucha de tomar banho e lavou a cabeça da galinha - 5 anos, 9 meses e 09 dias
 - c. A vaca pôs o cobertor na coelha – 3 anos, 06 meses e 27 dias

Foram computadas também como *outras construções*, por exemplo, topicalizações produzidas pelas crianças, apresentadas em (88). Em (88a) e (88b), o elemento topicalizado é sujeito e em (88c), o DP topicalizado é o objeto.

- (88)
- a. A galinha, a galinha penteou o cabelo dela – 5 anos e 3 meses
 - b. O urso, abraçou ele – 5 anos e 3 meses
 - c. A vaca, ela beijou – 5 anos, 9 meses e 09 dias

As outras 25 produções classificadas como *outras construções* correspondem a produções que possuem alguma relação com o que foi solicitado, tal como observado em (89).

- (89)
- a. O ursinho caiu nele (derrubar) – 3 anos, 10 meses e 17 dias
 - b. A galinha pegou o pincel e pôs assim e assim – 4 anos e 07 dias
 - c. Ela tá fazendo uma maquiagem – 5 anos e 09 dias

Com base nos dados apresentados, é possível apontar que a passiva verbal foi principal estratégia a ser utilizada pelos falantes letrados do PB, mas não pelas crianças. Não era esperado que as crianças utilizassem a passiva.

Outro estudo sobre a produção eliciada de passivas verbais no PB viu que essa construção não está presente na fala infantil. Rubim (2004) obteve sentenças predicativas, de tópico e sentenças ativas em um estudo de produção eliciada de passivas, sendo que para a autora, esse fato se deve às passivas verbais não serem correntes no discurso oral.

3.4. Estudo 4: compreensão de passivas eventivas

Trabalhos prévios sobre a aquisição de passivas eventivas, conforme apresentado no capítulo 1, apontam que crianças apresentam dificuldades na compreensão destas sentenças, tomando como hipótese que essa dificuldade se deve ao fato de a passiva ter ou não o *by-phrase* ou ser realizada com verbo de ação ou com verbo de não-ação (BORER & WEXLER, 1987; FOX & GRODZINSKY, 1998; entre outros). Contudo, o presente estudo não opta por discutir a aquisição dessas sentenças com base no verbo ser acional ou não-acional, mas sim com base em processos morfossintáticos envolvidos na formação dos participípios. Dessa forma, defende-se a hipótese de que os traços de acionalidade presentes na derivação do participípio terão papel determinante na compreensão de sentenças passivas. Espera-se que as crianças compreendam primeiro passivas eventivas de verbos *accomplishment* em comparação com as passivas de verbos de atividade, *achievement* e de estado, conforme discutido no capítulo 2.

Partindo, portanto, da hipótese defendida por este trabalho, o objetivo deste estudo experimental é verificar a compreensão de sentenças passivas eventivas por crianças adquirindo o PB por meio de uma tarefa de Seleção de Figuras. Sabe-se que existem outras metodologias para investigar a compreensão desse tipo de sentença (ver O'BRIEN et al., 2006), mas a escolha por uma Tarefa de Seleção de Figuras tomou como base trabalhos prévios que usam de metodologia semelhante para corroborar as hipóteses de que o atraso observado na aquisição de sentenças passivas se deva a uma dificuldade do argumento interno se mover, conforme apresentado no capítulo 1.

A descrição detalhada do experimento, assim como dos participantes será feita na seção 3.4.1. A apresentação e discussão dos resultados pode ser observada na seção 3.4.2.

3.4.1. Materiais e métodos

Foram recrutadas para este estudo 45 crianças com idade entre três e seis anos, sendo que quinze não tiveram seus resultados computados no teste por não terminarem a atividade, por desistirem de participar durante a realização do teste ou por que não quiseram retornar em outro dia para dar continuidade. Não participaram

do experimento as crianças que mostrassem possuir alguma alteração auditiva, de linguagem ou que tivessem dificuldades para entender a atividade. Com relação aos adultos, de doze adultos testados, dois tiveram suas respostas descartadas por terem tido resultados discrepantes aos dos outros sujeitos, por exemplo, o tempo de realização do teste. O tempo médio de realização do teste foi de dezoito minutos para os dez adultos que tiveram seus dados computados, enquanto que os dois adultos que tiveram suas repostas descartadas obtiveram um tempo médio de resposta de mais de 40 minutos, pois tiveram dificuldades para compreender as sentenças.

Participaram efetivamente do primeiro estudo trinta crianças, com idade entre três anos, dois meses e vinte e três dias e seis anos, e dez sujeitos adultos, que compuseram o grupo controle, com idade entre 21 e 27 anos, sendo as crianças e adultos naturais da Região Metropolitana de Campinas. As trinta crianças foram divididas em três grupos com dez crianças em cada, sendo o G1 composto por crianças com idade entre 3 anos e 2 meses e 3 anos e 11 meses, com idade média de 3 anos e 7 meses; o G2 foi composto por crianças com idade entre 4 anos e 4 anos e 10 meses, com média de 4 anos e 5 meses; e o G3, por crianças com idade entre 5 anos e 6 anos, sendo a idade média de 5 anos e 6 meses. As crianças que participaram deste estudo não foram as mesmas que participaram dos estudos apresentados nas seções 3.2. e 3.3.

Tabela 13 – Faixa etária testada pelo experimento de compreensão de passivas eventivas

Grupo Experimental	Faixa etária
G1	3a2m – 3a11m (m: 3a7m)
G2	4a – 4a10m (m: 4a5m)
G3	5a – 6a (m: 5a6m)

Foi inicialmente proposto que os participantes desse estudo escolhessem, entre quatro figuras, a que melhor correspondesse à sentença por eles ouvida. Após a aplicação de um piloto com essa metodologia em cinco adultos, houve a

necessidade de adotar apenas duas figuras, pois estes tiveram dificuldades em lembrar da sentença ouvida e associá-la com uma das quatro figuras. As duas figuras que compuseram o teste foram a figura alvo e a figura inversa. Na figura alvo, está presente a ação que corresponde à sentença ouvida em que um personagem A realiza uma ação sobre o personagem B, e na figura inversa há os mesmos dois personagens, mas o personagem B realiza a ação sobre o personagem A.

Após a modificação da metodologia, foi solicitado que as crianças e os adultos controle participantes deste estudo experimental escutassem uma sentença e escolhessem a figura que correspondesse à sentença por eles ouvida.

Em cada figura havia três personagens: o *pai*, o *avô* e o *menino*, ou a *mãe*, a *avó* e a *menina*, sendo que dois realizavam uma ação, e um outro personagem estava presente, conforme adaptado do estudo de Armon-Lotem et al. (2012)²⁵ e Estrela (2013). Na figura alvo, que correspondia à sentença ouvida pela criança, o personagem A realizava alguma ação em relação ao personagem B e na figura inversa, o personagem B realizava alguma ação sobre o personagem A. Nas duas figuras, havia um personagem C que não estava envolvido com as situações representadas nas figuras. O experimento foi apresentado em um *notebook*, por meio de uma apresentação em que a figura alvo e a figura inversa estão dispostas uma do lado da outra e, após a apresentação das figuras, escutava-se a sentença-alvo. Abaixo podem ser observados exemplos de sentenças-alvo escutadas pelos participantes desta pesquisa.

- (90) a. O menino foi molhado (pelo pai)
 b. A menina foi amada (pela avó)

A aplicação do experimento com as crianças foi realizada em dois dias diferentes, geralmente com uma semana de distância entre a primeira aplicação e a segunda, de forma que a criança não ouvisse sentenças passivas curtas e longas de um mesmo verbo em um mesmo dia. Desta forma, foram apresentados aos participantes 30 pares de figuras, sendo que em 10 pares se investigou a

²⁵ O estudo de Armon-Lotem et al. (2012) descreveram um estudo interlinguístico realizado em diversos países do continente europeu, no qual se investigou a compreensão de passivas eventivas. Esse estudo foi realizado no âmbito do COST ACTION A33 (Crosslinguistically Robust Stages of Children's Linguistic Performance). Para maiores detalhes, cf. Armon-Lotem et al. (2012).

compreensão de sentenças ativas, em 10 a compreensão de passivas curtas (PC) e em 10, a compreensão de passivas longas (PL). No primeiro dia, apresentou-se 15 pares de figuras, em que cinco correspondiam a sentenças ativas, cinco a sentenças PC e cinco a sentenças PL. No segundo dia, apresentou-se os outros 15 pares. Não foram utilizados distratores em decorrência do tempo de aplicação do teste, que durou em média 30 minutos para as crianças mais novas. Cada criança participou individualmente da sessão, permanecendo sentada em uma mesa, em frente ao *notebook*. Foi explicado para a criança que ela ouviria uma pequena história e teria que apontar para a figura que correspondia à história escutada.

A escolha dos estímulos se deu com base na primeira hipótese defendida por este trabalho, a qual foi abandonada: de que haveria relações entre a passiva eventiva, passiva estativa, passiva resultativa e os verbos de alternância. Contudo, optou-se por olhar os verbos com base em permitir ou não os três tipos de passivas, uma vez que parte dos verbos que alternam não sofrem necessariamente alternância causativa e sim outro tipo de alternância, que não será discutida neste momento. Foi selecionado um conjunto de verbos entre aqueles presentes em outros estudos sobre a compreensão de voz passiva, os quais foram categorizados com base em ter ou não uma estrutura argumental mais restrita.

A escolha dos verbos testados em sua forma passiva se deu com base nos seguintes critérios:

- (i) permitir passiva eventiva, resultativa e estativa, ou seja, com uma estrutura argumental menos restritiva – *accomplishments*;
- (ii) permitir apenas passiva eventiva, ou seja, possuem uma estrutura argumental mais restrita – *achievements*, estados e atividades.

Os verbos em (i) podem ser acionais como não-acionais, sendo que os verbos de não-ação são verbos objeto-experienciador (OE). Os verbos em (ii) também podem ser acionais e não-acionais, mas esses verbos de não-ação são verbos sujeito-experienciador (SE), conforme apresentado na seção 2.4.

Com base nos critérios apresentados acima, os verbos escolhidos foram agrupados em dois grupos, conforme apresentados no quadro 7.

Quadro 7 – Verbos selecionados para compor o experimento de compreensão de passivas eventivas

Verbos do tipo 1	<i>Pentear, molhar, lavar, assustar, aborrecer, envergonhar</i>
Verbos do tipo 2	<i>Beijar, perseguir, derrubar, amar, ver, ouvir</i>

A testagem com os adultos foi realizada com os doze verbos presentes no quadro 7. Contudo, durante a aplicação de um piloto com quatro crianças com idade entre três anos e dois meses e quatro anos, foi necessário reduzir o número de verbos, uma vez que o tempo total para a aplicação do experimento de seleção de figuras ultrapassava quarenta e cinco minutos. Para tal, foram retiradas as figuras que estavam resultando em ambiguidade, *beijar* e *ouvir*²⁶.

Os verbos efetivamente testados em sua forma passiva foram categorizados em duas classes com base em ter ou não uma estrutura argumental mais restritiva: verbos do Tipo 1, com uma estrutura argumental menos restrita e verbos do Tipo 2, com uma estrutura argumental mais restrita. O quadro 8 apresenta os verbos testados.

Quadro 8 – Verbos testados no experimento de compreensão de passivas eventivas

Verbos do tipo 1	<i>Pentear, molhar, lavar, assustar, aborrecer, envergonhar</i>
Verbos do tipo 2	<i>Perseguir, derrubar, amar, ver</i>

Seguem abaixo exemplos das figuras aplicadas no experimento de compreensão de passivas eventivas.

²⁶ MINELLO (2015) observou que a compreensão de passiva eventivas com o verbo *beijar* por meio da metodologia de seleção de figura foi baixa em comparação com outros verbos acionais, possivelmente em decorrência da dificuldade em se visualizar a ação. Sobre a forma passiva do verbo *ouvir*, é discutido em outros estudos sobre esta não ser comum. Entretanto, como o presente estudo se baseia em estudos anteriores que buscam justificar a aquisição de passivas por causa de dificuldades na realização de movimentos sintáticos, optou-se por manter uma fidelidade quanto aos verbos selecionados.



Figura 6: Cena referente ao verbo *lavar*



Figura 7: Imagem referente ao verbo *amar*

3.4.2. Resultados

Nesta sessão, serão apresentados e discutidos os resultados obtidos no experimento de compreensão de passiva verbal. Primeiramente, serão apresentados e comparados os resultados obtidos para a compreensão de sentenças ativas e PC e PL e comparados com os resultados obtidos na compreensão de sentenças ativas. Em um segundo momento, serão apresentados os resultados obtidos para os verbos do tipo 1 e do tipo 2.

Todos os resultados apresentados nesta seção foram submetidos a um tratamento estatístico, sendo utilizado o teste *Qui-Quadrado* para tabelas de contingência 2×2 , com o objetivo de comparar os resultados obtidos entre grupos experimentais e entre condições dentro de um mesmo grupo experimental.

3.4.2.1. Compreensão de ativas e passivas eventivas

Nesta sessão, será apresentado e discutido o experimento de compreensão de passivas eventivas curtas e longas, e compreensão de sentenças ativas. Serão apresentados primeiramente os resultados de compreensão de sentenças ativas pelo grupo experimental e pelo grupo controle. Esses resultados serão discutidos também nos termos de PC e PL e comparados com os resultados obtidos na compreensão de sentenças ativas. A tabela 14 traz os resultados

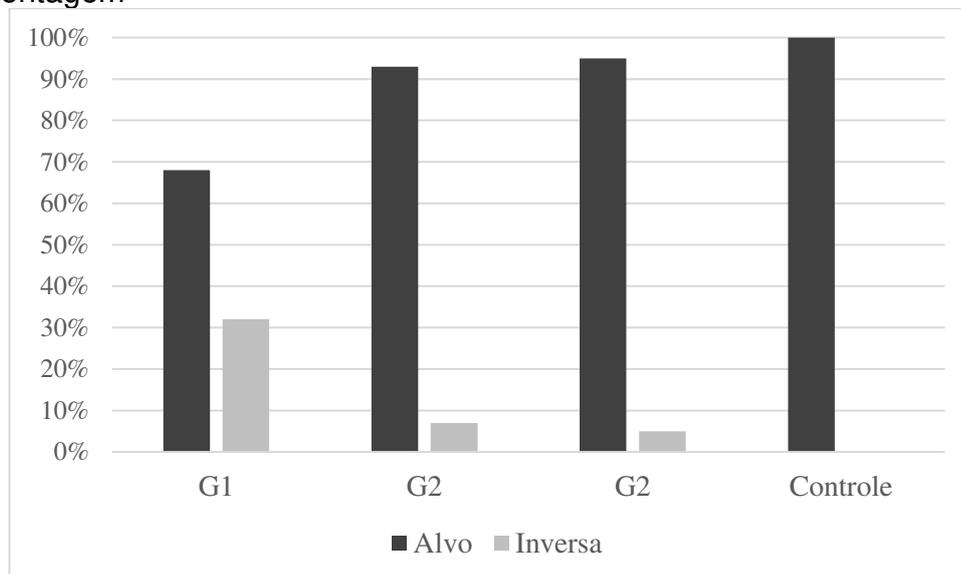
referentes à escolha da figura alvo ou inversa na tarefa de compreensão de sentenças ativas.

Tabela 14 – Percentagem de escolha da figura alvo e da figura inversa para sentenças ativas por grupo experimental

	Alvo	Inversa
G1	68 (68%)	32 (32%)
G2	93 (93%)	7 (7%)
G3	95 (95%)	5 (5%)
Controle	100 (100%)	0

Abaixo segue gráfico 1 ilustrativo dos resultados obtidos na tarefa de compreensão de sentenças ativas por meio de uma metodologia de seleção de figuras pelas crianças e pelo grupo Controle.

Gráfico 2 – Escolha da figura alvo e da figura inversa para cada grupo experimental, em porcentagem



Ao comparar o total de escolhas de sentenças ativas alvo pelas crianças mais novas com as crianças dos grupos G2, G3 e Controle, é possível notar que as primeiras mostraram menor compreensão das sentenças que os outros três grupos, como pode ser visto ao analisar o gráfico 2. A diferença no desempenho de G1, em comparação com o desempenho de G2, G3 e do grupo controle, mostrou-se estatisticamente significativa (com valores de p muito menores que 0.001, (nível de

significância de 5%)). Já a comparação entre G2 com G3 e com o grupo controle, e entre G3 e o grupo controle não se mostrou estatisticamente significativa para um nível de significância de 5%.

O desempenho das crianças do G1 na tarefa de compreensão de ativas pode ser justificado pela dificuldade na escolha de figuras que representavam os verbos *derrubar*, *perseguir* e *aborrecer*. A escolha da ativa alvo para esses verbos foi de 40% nos três casos, o que não foi observado nos grupos G2 e G3.

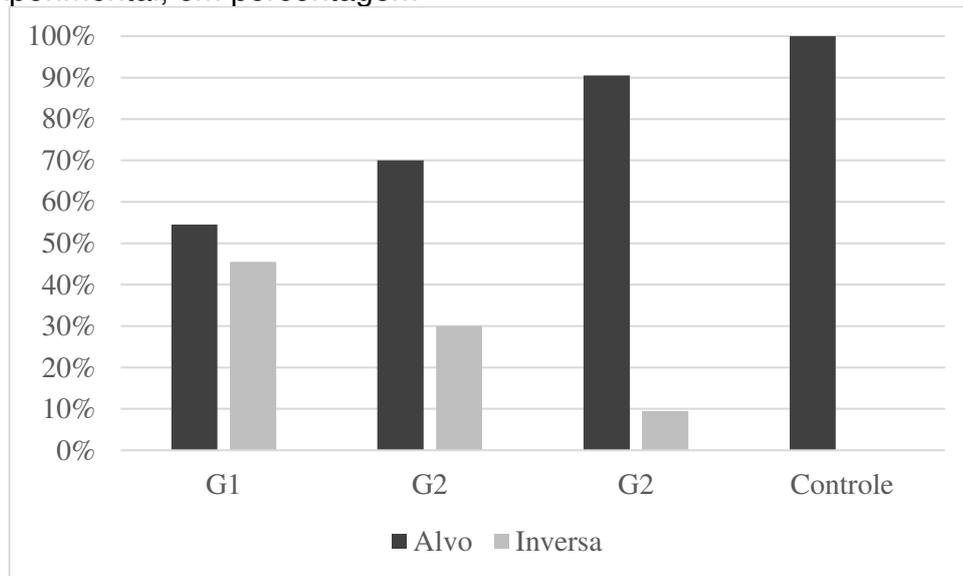
Com relação aos resultados obtidos para a compreensão de passivas eventivas, obteve-se a tabela 15.

Tabela 15 – Porcentagem de escolha da figura alvo e da figura inversa para passivas eventivas por grupo experimental

	Alvo	Inversa
G1	109 (54,5%)	91 (45,5%)
G2	140 (70%)	60 (30%)
G3	181 (91%)	19 (9%)
Controle	200 (100%)	0

A escolha da passiva alvo pelo grupo G1 se deu em 54,5% das vezes (109 escolhas da imagem alvo e 91 escolhas da imagem inversa). Pelo grupo G2, a escolha da passiva alvo ocorreu em 70% das situações (140 escolhas da imagem alvo e 60 escolhas da imagem inversa) e pelo grupo G3, 91% das ocorrências correspondem a escolha da imagem alvo (181 imagens alvo escolhidas contra 19 imagens inversas). O grupo controle escolheu a imagem alvo em 100% das situações (200 imagens alvos). O gráfico 3 ilustra esses resultados.

Gráfico 3 – Escolha da figura alvo e da figura inversa para passivas eventivas por grupo experimental, em porcentagem



A escolha da imagem inversa na tarefa de compreensão de sentenças passivas é maior na faixa etária de 3 anos, como pode ser visto ao observar os resultados, sendo possível notar que há um aumento gradativo no desempenho na tarefa de compreensão de passivas com a idade. A diferença no desempenho entre os grupos na escolha da imagem que representava a passiva alvo se mostrou significativa em todas as situações, para um nível de significância de 5% (valores de p menor que 0,001), evidenciando que o fator idade é um dos fatores fundamentais na aquisição de passivas eventivas.

Ao comparar o desempenho de um mesmo grupo experimental na tarefa de compreensão de passivas e de compreensão de ativas, foi possível observar uma diferença estatisticamente significativa entre as respostas dadas para a ativa e para a passiva pelas crianças dos grupos G1 e G2. O desempenho das crianças do grupo G3 na compreensão de passivas e ativas foi semelhante. A tabela 16 ilustra esses resultados.

Tabela 16 – Comparação do desempenho de compreensão de ativas e passivas entre os grupos experimentais, em porcentagem

	Ativa alvo	Passiva Alvo	<i>p-value</i>
G1	68 (68%)	109 (54,5%)	0,03429
G2	93 (93%)	140 (70%)	> 0,001
G3	95 (95%)	181 (91%)	0,2591

De acordo com os resultados apresentados até o momento, pode-se observar que há uma diferença entre o desempenho das mesmas crianças na tarefa de compreensão de sentenças ativas e de sentenças passivas, existindo um relevante fator de idade na aquisição de passivas verbais, quando comparado ao desempenho de grupos experimentais diferentes, o que não é observado na compreensão de sentenças ativas.

Observe agora a tabela 17, em que os resultados são apresentados em termos de passiva curta (PC) e passiva longa (PL).

Tabela 17 – Compreensão de passivas eventivas curtas e longas, em porcentagem

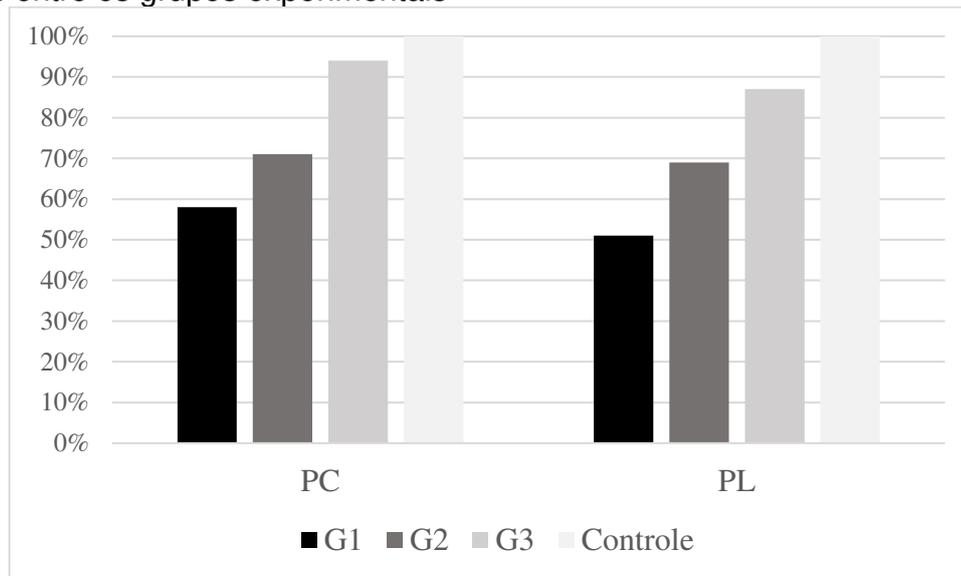
	PC		PL	
	Alvo	Inversa	Alvo	Inversa
G1	58 (58%)	42 (42%)	51 (51%)	49 (49%)
G2	71 (71%)	29 (29%)	69 (69%)	31 (31%)
G3	94 (94%)	6 (6%)	87 (87%)	13 (13%)
Controle	100 (100%)	0	100 (100%)	0

Conforme apresentado anteriormente, a preferência pela escolha da figura alvo na situação de compreensão de passivas aumenta com a faixa etária. A tabela 17 evidencia esse comportamento linguístico tanto para compreensão de PC, como para compreensão de PL. Os resultados obtidos ao comparar o desempenho de dois grupos experimentais na compreensão de uma mesma estrutura mostraram-se todos estatisticamente significativos para $\alpha=0,05$, com exceção da diferença entre o desempenho de G3 em relação ao grupo controle para a condição de compreensão de PC. Isso sugere que o desempenho linguístico dos grupos nas outras condições

para uma mesma variável é diferente, corroborando a existência de um efeito de idade em relação à compreensão de passivas.

O gráfico 4 ilustra os resultados obtidos, comparando os resultados dos grupos experimentais e controle em relação às PC e PL.

Gráfico 4 – Comparação das porcentagens de respostas alvos para passivas curtas e longas entre os grupos experimentais



Ao comparar o desempenho na compreensão da PC e da PL por um mesmo grupo experimental, não houve diferenças estatisticamente significativas em relação ao fato da passiva ter ou não o *by-phrase*. Os resultados podem ser observados na tabela 18.

Tabela 18 – Comparação do desempenho na compreensão de passiva curta e longa entre os grupos experimentais

	PC	PL	<i>p-value</i>
G1	58 (58%)	51 (51%)	0,3942
G2	71 (71%)	69 (69%)	0,8774
G3	94 (94%)	87 (87%)	0,1479

Os resultados da tabela 18 sugerem que a presença ou não do *by-phrase* não aparenta apresentar nenhum efeito em relação à compreensão de sentenças

passivas, sendo a idade, até o momento, o principal fator com real efeito na compreensão de sentenças passivas.

3.4.2.2. Compreensão de passivas eventivas e sua relação com a acionalidade

A partir deste momento, será discutida a influência do verbo no desempenho das crianças em tarefas de compreensão de sentenças passivas. Em um primeiro momento, serão apresentados os resultados obtidos para a compreensão de sentenças ativas, passivas curtas e passivas longas em relação a permitir ou não apenas passiva eventiva. Em seguida, esses resultados serão contrastados com uma análise que olhou para o fato de os verbos serem ou não acionais, com objetivo de discutir a hipótese proposta por esse trabalho.

A discussão que o presente trabalho pretende estabelecer neste momento parte de uma das questões norteadoras da presente pesquisa: *qual ou quais fatores explicariam o desempenho de crianças em atividades de compreensão de passivas eventivas?* Ressalta-se que as duas análises partem de um mesmo experimento, realizado com os mesmos participantes, sendo testados os mesmos verbos.

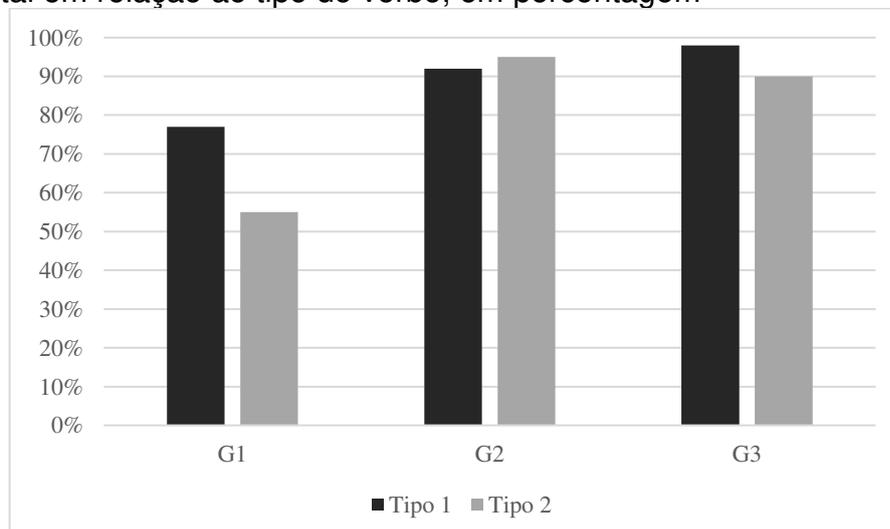
Os verbos que permitem os três tipos de participípios, denominados aqui do Tipo 1, são: *pentear, molhar, lavar, envergonhar, assustar e aborrecer*. Já os verbos do Tipo 2, que permitem apenas participípio eventivos são: *derrubar, perseguir, amar e ver*. Em estudos sobre compreensão de voz passiva, os verbos apresentados são classificados como sendo de ação ou de não-ação. Os verbos tradicionalmente denominados de ação são: *pentear, molhar, lavar, derrubar e perseguir*. Já os verbos denominados como sendo de não-ação são: *ver, amar, envergonhar, assustar e aborrecer*. Neste primeiro momento, olharemos para os verbos chamados de verbos do Tipo 1 e do Tipo 2. Os dados estão apresentados na tabela 19.

Tabela 19 – Porcentagem de escolha da figura alvo e da figura inversa para ativas por grupo experimental em relação ao tipo do verbo

	Ativa com verbo do Tipo 1	Ativa com verbo do Tipo 2	<i>p-value</i>
G1	46 (77%)	22 (55%)	0,0397
G2	55 (92%)	38 (95%)	0,8103
G3	59 (98%)	36 (90%)	0,1601

Ao comparar o desempenho entre os grupos para a condição Ativa com verbo Tipo 1, a diferença no desempenho de G1 em comparação com os resultados obtidos para G2, G3 e Grupo Controle, se mostra estatisticamente significativa ($p < 0,001$, para um nível de significância de 5%). Já as comparações entre G2 e G3, G2 e Grupo controle e G3 e Grupo Controle não se mostraram estatisticamente significativas. Resultados semelhantes foram encontrados ao se comparar o desempenho das crianças nas atividades de compreensão de sentenças ativas com verbos do Tipo 2, sendo possível observar que G1 tem um comportamento linguístico diferente dos grupos G2, G3 e Controle ($p < 0.01$, para $\alpha = 5\%$). Os achados referentes à compreensão dos dois tipos de verbos sugerem que as crianças do grupo experimental G1 se comportam de maneira diferente das crianças dos grupos experimentais G2 e G3 e dos adultos do Grupo Controle. O gráfico 5 ilustra os resultados obtidos.

Gráfico 5 – Escolha da figura alvo e da figura inversa para ativas por grupo experimental em relação ao tipo do verbo, em porcentagem



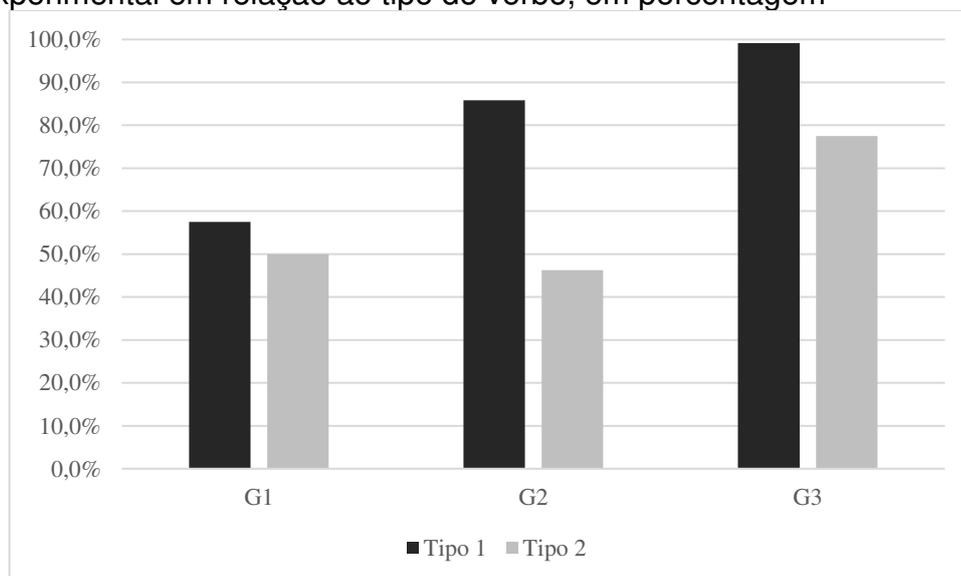
Não era esperado, contudo, que houvesse dificuldades na compreensão de sentenças ativas pelos três grupos experimentais. As crianças do G1 tiveram um desempenho baixo em relação aos outros grupos experimentais com os verbos *molhar*, *derrubar*, *perseguir*, *amar*, *ver*, *assustar* e *aborrecer*, sendo que a taxa de escolha da figura alvo foi menor que 50% nos verbos *derrubar*, *perseguir* e *aborrecer*. Os verbos com mais de 90% de respostas alvo escolhidas foram *pentear*, *lavar* e *envergonhar*.

Tabela 20 – Porcentagem de escolha da figura alvo e da figura inversa para passivas eventivas por grupo experimental em relação ao tipo do verbo

	Passiva com verbo do Tipo 1	Passiva com verbo do Tipo 2	<i>p</i> -value
G1	69 (57,5%)	40 (50%)	0,3689
G2	103 (85,8%)	37 (46,3%)	>0,001
G3	119 (99,2%)	62 (77,5%)	>0,001

Abaixo observa-se o gráfico obtido a partir dos dados presentes na tabela 20, em que se vê um desempenho melhor nas passivas eventivas com verbos do tipo 1.

Gráfico 6 – Escolha da figura alvo e da figura inversa para passivas eventivas por grupo experimental em relação ao tipo do verbo, em porcentagem



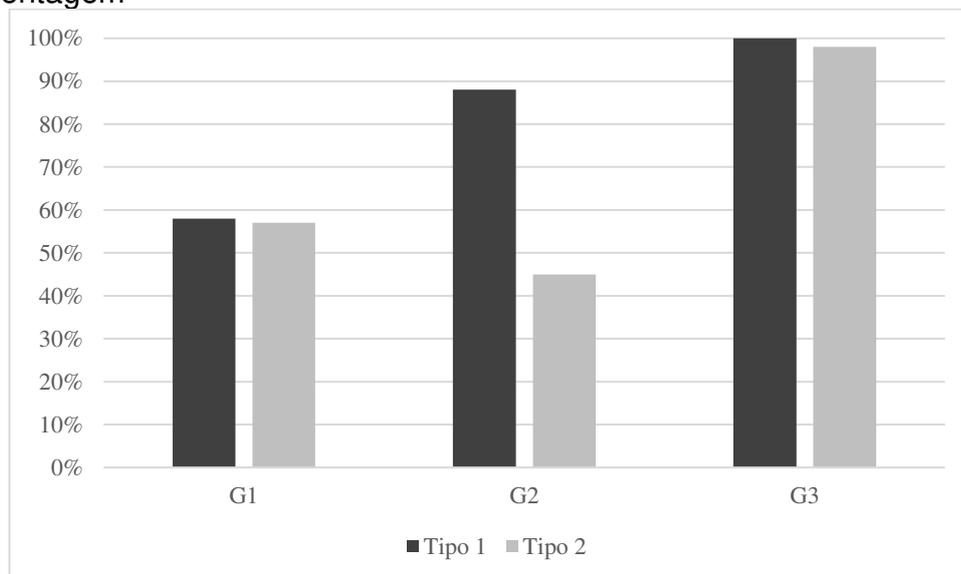
Na tabela abaixo estão presentes os dados ao se olhar individualmente para a passiva sem *by-phrase*.

Tabela 21 – Compreensão de passivas eventivas curtas com relação ao tipo do verbo, em porcentagem

	PC com verbo do Tipo 1	PC com verbo do Tipo 2	p-value
G1	35 (58%)	23 (57%)	1
G2	53 (88%)	18 (45%)	>0,001
G3	60 (100%)	34 (98%)	0,4773

Observa-se que a faixa etária de quatro anos foi a única em que se nota uma diferença na compreensão de passivas com verbo do tipo 1 e verbo do tipo 2. A compreensão desses dois tipos de sentenças pelo grupo G1 e G3 mostrou uma taxa de acerto semelhante, com melhor desempenho pelas crianças do grupo G3. O gráfico 7 ilustra esses achados.

Gráfico 7 – Compreensão de passivas eventivas curtas com relação ao tipo do verbo, em porcentagem



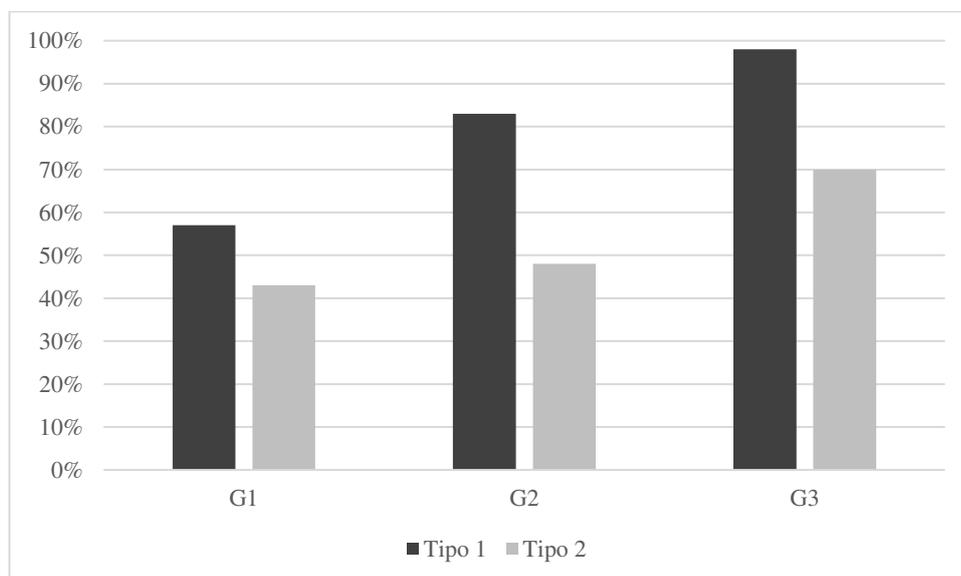
Ao observar a compreensão de passivas eventivas com *by-phrase*, se observa um desempenho melhor em relação à passiva eventiva com verbo do tipo 1 nas três faixas etárias.

Tabela 22 – Compreensão de passivas eventivas longas com relação ao tipo do verbo, em porcentagem

	PL com verbo do Tipo 1	PL com verbo do Tipo 2	p-value
G1	34 (57%)	17 (43%)	0,2364
G2	50 (83%)	19 (48%)	>0,001
G3	59 (98%)	28 (70%)	>0,001

A diferença de desempenho na compreensão de passivas com *by-phrase* por parte das crianças dos três grupos entre os dois tipos de verbo se mostrou estatisticamente significativa nos grupos G2 e G3, como pode ser visto na tabela 22. O gráfico em 8 ilustra os resultados obtidos.

Gráfico 8 – Compreensão de passivas eventivas longas com relação ao tipo do verbo, em porcentagem



Pode ser observado nos resultados apresentados nas tabelas 21 e 22 e representados nos gráficos 7 e 8 que as crianças do G1 tiveram um desempenho semelhante na tarefa de compreensão de passiva sem e com o *by-phrase* com verbos do tipo 1 e sem o *by-phrase* no caso de verbos do tipo 2. A compreensão de passiva com o *by-phrase* com verbos do tipo 2 foi menor, mas como apresentado acima, a diferença não foi estatisticamente significativa. Com relação à faixa etária de quatro

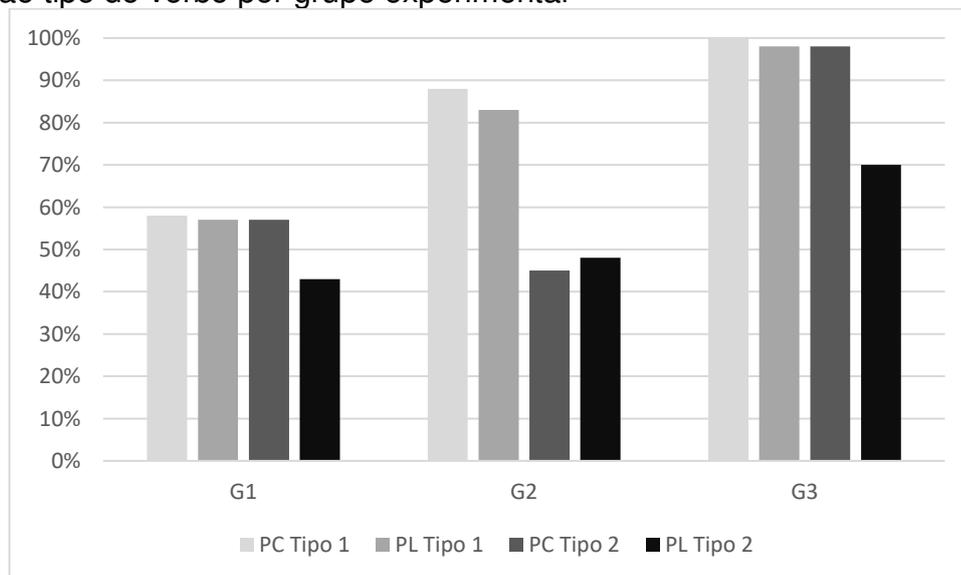
anos (G2), observou-se um desempenho semelhante na compreensão de passivas com verbos do tipo 1, obtendo-se 88% de respostas alvo para a passiva sem o *by-phrase* e 83% de respostas alvo para a passiva com *by-phrase*. Nessa mesma faixa etária, observou-se um desempenho semelhante quanto aos dois tipos de passivas para verbos do tipo 2: 45% de escolha de respostas alvo quando sem o *by-phrase* e 48% de respostas alvo com a presença do *by-phrase*. Já para a faixa etária do grupo G3, foram obtidas respostas com quase 100% de escolha da passiva alvo para três tipos de passivas, com exceção da passiva com *by-phrase* com verbos do tipo 2, em que a taxa de escolha da sentença alvo foi de 70%. Os dados separados para os quatro tipos de passiva podem ser observados na tabela 23, abaixo.

Tabela 23 – Compreensão de passivas eventivas curtas e longas com relação ao tipo do verbo, em porcentagem

	PC Tipo 1	PL Tipo 1	PC Tipo 2	PL Tipo 2
G1	35 (58%)	34 (57%)	23 (57%)	17 (43%)
G2	53 (88%)	50 (83%)	18 (45%)	19 (48%)
G3	60 (100%)	59 (98%)	34 (98%)	28 (70%)
Controle	60 (100%)	60 (100%)	40 (100%)	40 (100%)

O gráfico 9 ilustra os achados para cada grupo etário.

Gráfico 9 – Porcentagem de compreensão de passivas eventivas curtas e longas com relação ao tipo do verbo por grupo experimental



A diferença no desempenho das crianças em tarefas de compreensão de passivas sem e com o *by-phrase* para verbos do tipo 1 se mostrou estatisticamente significativa, assim como a diferença entre os dois tipos de passivas com verbos do Tipo 2, como pode ser visto os *p*-valores presentes nas tabelas 21 e 22, respectivamente, para PC e para a PL. Entre o grupo etário G1 e o G2, houve um crescimento na taxa de resposta apenas para passivas com verbo do tipo 1, sendo que o desempenho do grupo G2 na compreensão de passivas com verbos do tipo 2 é semelhante à taxa de resposta dada pelo grupo G1 para as passivas com o mesmo tipo de verbo. É possível observar que o fator idade parece não ser relevante para a compreensão de passivas sem e com *by-phrase* com verbos do tipo 2, ao comparar o desempenho das crianças dos grupos G1 e G2. Já para o grupo G3, o aumento da idade leva a um aumento na compreensão dos quatro tipos de passivas, mas a compreensão da passiva longa com verbo do tipo 2 se mostra baixo com relação aos outros três tipos de passivas.

Seguindo agora para a análise realizada a partir da variável verbo ser de ação ou não-ação, tem-se que os resultados serão apresentados nos termos de passiva curta com verbo de ação (PCVA), passiva longa com verbo de ação (PLVA), passiva curta com verbo de não-ação (PCVN) e passiva longa com verbo de não-ação (PLVN).

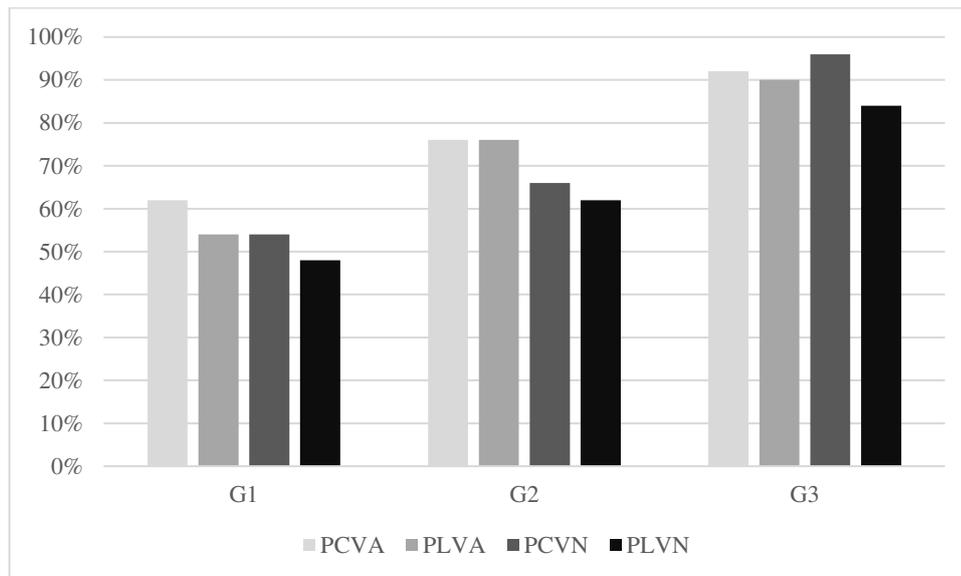
Tabela 24 – Compreensão de passivas curtas e longas em relação a verbo de ação e de não-ação, em porcentagem

	PCVA	PLVA	PCVN	PLVN
G1	31(62%)	27 (54%)	27 (54%)	48 (48%)
G2	38 (76%)	38 (76%)	33 (66%)	31 (62%)
G3	46 (92%)	45 (90%)	48 (96%)	42 (84%)
Controle	50 (100%)	50 (100%)	50 (100%)	50 (100%)

A partir da observação da tabela 24, é possível notar um crescimento na compreensão de passivas ao longo da idade, independentemente do tipo de passiva (se é curta com verbo de ação, longa com verbo de ação, curta com verbo de não-ação ou longa com verbo de não-ação). Em um mesmo grupo experimental, ocorreram variações em relação ao tipo da passiva, sendo que a PLVN sempre obteve um pior resultado ao compará-la com outras condições. Contudo, as diferenças entre

os tipos de passivas em um mesmo grupo não foram estatisticamente significantes, sendo que todos os p -valores foram muito maiores do que 0,1. Esses resultados sugerem não haver um efeito relativo ao verbo ser de ação ou de não-ação na aquisição de passivas eventivas. O gráfico 10 ilustra os resultados obtidos.

Gráfico 10 – Compreensão de passivas curtas e longas em relação ao verbo ser de ação e não-ação por faixa etária, em porcentagem



Ao se comparar as faixas etárias G1 e G2, observa-se uma diferença estatisticamente significativa apenas na condição PLVA (p -value de 0.03156, com $\alpha=0.05$). Em relação à compreensão dos outros três tipos de passivas (PCVA, PCVN e PLVN) não é possível notar nenhum efeito de idade. Já ao comparar os grupos G1 e G2 com o grupo G3 e com o grupo Controle, há uma diferença significativa na compreensão dos quatro tipos de passivas testadas (p -value <0.05 , para $\alpha=0.05$). Por fim, ao comparar o grupo G3 com o grupo Controle, o resultado foi estatisticamente significativo apenas para a PLVN (p -value de 0.02574, para $\alpha=0.05$).

Ao comparar a análise que olha para aspectos da derivação do participio com relação a traços de acionalidade com uma análise que lida com o desempenho da criança a partir de características dos verbos serem de ação ou de não-ação, observam-se diferenças que merecem ser discutidas. Ao se analisar os gráficos 9 e 10 para cada proposta, observa-se que há um efeito relacionado ao tipo do verbo quando se olha para as propriedades de acionalidade deles, ou seja, quando a passiva

eventiva é de *accomplishment*, efeito que não é observado ao se olhar para quando o verbo é de ação ou não-ação.

A compreensão de passivas verbais com verbos do tipo 1 teve um aumento gradativo com o aumento da faixa etária, o que não foi observado na compreensão de passivas com verbos do tipo 2 pelas crianças do grupo G1 e G2 como ilustrado no gráfico 9, acima. Apenas na terceira faixa etária testada (G3) se obtiveram resultados próximos àqueles obtidos pelo grupo controle para três dos quatro tipos de passivas. Já ao observar o gráfico 10, referente à análise que considera verbos de ação e de não-ação, não pode ser dito que há um efeito do tipo do verbo na compreensão de sentenças passivas, mas apenas um efeito de idade, em que a compreensão aumenta com o aumento da idade, não sendo possível concluir que a dificuldade observada na compreensão de sentenças por crianças adquirindo o PB se deva ao fato de a passiva ser com verbo de ação ou de não-ação.

A hipótese adotada por este trabalho aponta que há um papel do tipo do verbo na compreensão de passivas eventivas, mas que esse efeito se deve a traços tais como telicidade, duratividade e estatividade. Por ser uma proposta recente, são necessários outros trabalhos que visem corroborar tal hipótese ou negá-la.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs a investigar a aquisição de passivas, de forma a contribuir com uma discussão sobre as passivas eventivas, partindo de pressupostos teóricos da Morfologia Distribuída.

Ao observar a produção das crianças no experimento de produção eliciada, foi possível perceber que a passiva eventiva dificilmente será uma estratégia utilizada por elas para focalizar o argumento interno. Nos dados do Grupo Controle, um pouco mais que a metade das respostas foram com passivas eventivas, quando era perguntado o que aconteceu com o personagem que sofreu a ação, como pode ser observado na seção 3.3. Isso aponta que, mesmo sendo a passiva eventiva a estrutura preferencial pelos adultos, há outras formas para se focalizar o argumento interno.

Na análise dos resultados obtidos pelo experimento de seleção de figura, pode ser observado que as crianças, no processo de aquisição do português brasileiro, passam a compreender passivas eventivas gradativamente, com o aumento da idade, principalmente se essas passivas forem télicas e durativas, conforme descrito na seção 3.4. Quando a combinação de traços de acionalidade é diferente, a compreensão das crianças diminui, e mesmo na faixa etária de cinco anos, é significativamente menor que a compreensão pelos adultos do grupo controle. Logo, não pode ser dito que, na faixa etária dos cinco anos, as passivas não-*accomplishments* estão adquiridas, principalmente se são longas. Assume-se que o *delay* na aquisição de passivas eventivas se deve à criança ainda não conseguir lidar com todos os traços presentes na derivação do particípio eventivo e associá-los com os traços do verbo auxiliar. Isso não significa dizer que a criança tenha dificuldades em lidar com traços de um modo geral, mas com a combinatória de traços presentes na derivação do particípio eventivo. Como mostramos na seção 2.4, na passiva estativa e na passiva resultativa, há apenas um conjunto de traços, que não oscila a depender do particípio, ao contrário das passivas eventivas, que permitem passivas com os traços télico e atélico e durativo e não-durativo.

Os dados obtidos no estudo de compreensão de passivas eventivas, associados com os dados de produção espontânea, levam-nos a considerar mais fortemente a hipótese adotada: *de que as crianças realizam primeiro os particípios*

com um número menor de camadas funcionais e com uma menor oscilação quanto à possibilidade de traços de acionalidade. Não se assume que o auxiliar tenha papel determinante na dificuldade da aquisição de passivas eventivas pela criança, pois as crianças não apresentaram dificuldades na compreensão desses verbos, como atestado no estudo que observou a produção de *ser* e *estar*. Contudo, é possível que os traços de aspecto do auxiliar possam ter também alguma implicação no *delay* na aquisição de passivas com verbos não-*accomplishment* em comparação com as passivas com verbos *accomplishment*, o que merece investigação mais detalhada.

A hipótese discutida neste trabalho não assume que a criança terá dificuldades com movimento do argumento interno para a posição de sujeito, nem assume que há a falta de uma camada que indica agentividade. Assume-se, portanto, que há processos morfossintáticos presentes na derivação do particípio eventivo que irão levar as crianças a apresentarem um *delay* na aquisição da passiva eventiva – ou seja, a dificuldade principal da criança está em lidar com as camadas funcionais e os feixes de traços presentes na derivação deste particípio, principalmente os traços relacionados com acionalidade. É desejável que essa hipótese seja submetida a outros estudos, para verificar sua plausibilidade.

REFERÊNCIAS

ALEXIADOU, Artemis; ANAGNOSTOPOULOU, Elena. Voice morphology in the causative inchoative alternation: evidence for a non-unified structural analysis of unaccusatives. In: ALEXIADOU, Artemis et al. **The Unaccusativity Puzzle: Explorations of the Syntax–Lexicon Interface**. Oxford: Oxford University Press, 2004. p. 114-136.

ALEXIADOU, Artemis; ANAGNOSTOPOULOU, Elena. Structuring participles. In Charles Chang & Hannah Haynie (orgs.) **Proceedings of the 26th West Coast Conference on Formal Linguistics. Somerville: Cascadilla Proceedings Project**. 2008, p. 33-41. (disponível em <http://alturl.com/4c8yo>).

ANAGNOSTOPOULOU, Elena. Participles and voice. In: ALEXIADOU, Artemis. **Perfect Explorations**. Berlin: de Gruyter Mouton, 2003. p. 1-36.

ARMON-LOTEM, Sharon et al. A large-scale cross-linguistic investigation of the acquisition of passive. **Language Acquisition**, [s.l.], v. 23, n. 1, p.27-56, 11 maio 2015. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/10489223.2015.1047095>.

BABYONYSHEV, Maria et al. The Maturation of Grammatical Principles: Evidence from Russian Unaccusatives. **Linguistic Inquiry**, Cambridge, v. 32, n. 1, p.1-44, winter 2001.

BAKER, Mark; JOHNSON, Kyle; ROBERTS, Ian. Passive arguments raised. **Linguistic Inquiry**, Cambridge, v. 20, n. 2, p.219-251, spring 1989.

BELLETTI, Adriana. The Case of Unaccusatives. **Linguistic Inquiry**, Cambridge, v. 19, n. 1, p.1-34, winter 1988.

BORER, Hagit; WEXLER, Kenneth. The Maturation of Syntax. **Studies In Theoretical Psycholinguistics**, [s.l.], p.123-172, 1987. Springer Netherlands. http://dx.doi.org/10.1007/978-94-009-3727-7_6.

CHOMSKY, Noam. **Lectures on Government and Binding: The Pisa Lectures.** Dordrecht: Foris Publications, 1981.

CHOMSKY, Noam. **The minimalist program.** Cambridge: The Mit Press, 1993. 393p
 CHOMSKY, Noam. Derivation by phase. In: KENSTOWICZ, Michael. **Ken Hale: a Life in Language.** Cambridge: The Mit Press, 2001. p. 1-52.

COLLINS, Chris. A smuggling approach to the passive in english. **Syntax**, [s.l.], v. 8, n. 2, p.81-120, ago. 2005. Wiley-Blackwell. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1467-9612.2005.00076.x>.

COSTA, João; FRIEDMANN, Naama. Hebrew and arabic children going romance: on the acquisition of word order in semitic and romance. In: ABOH, Enoch et al. **Romance Languages and Linguistic Theory.** Amsterdam: John Benjamins, 2009. p. 51-66.

COSTA, João; FRIEDMAN, Naama. Children Acquire Unaccusatives and A-Movement Very Early. In: SILONI, Tal; EVERAERT, Martin; MARELJ, Marijana. **The Theta System: Argument Structure at the Interface.** Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 354-378.

CRAIN, Stephen; THORNTON, Rosalind. **Investigations in Universal Grammar: A Guide to Experiments on the Acquisition of Syntax and Semantics.** Cambridge: The Mit Press, 1998. 342 p.

CRAIN, Stephen; THORNTON, Rosalind; MURASUGI, Keiko. Capturing the Evasive Passive. **Language Acquisition**, [s.l.], v. 16, n. 2, p.123-133, 27 mar. 2009. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/10489220902769234>.

DEMUTH, Katherine; MOLOI, Francina; MACHOBANE, Malillo. 3-Year-olds' comprehension, production, and generalization of Sesotho passives. **Cognition**, [s.l.], v. 115, n. 2, p.238-251, maio 2010. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.cognition.2009.12.015>.

DRIVA, Evangelia; TERZI, Arhonto. Children's passives and the theory of grammar. In: GAVARRO, Anna; FREITAS, Maria João. **Generative Approaches to Language Acquisition**. Newcastle: Cambridge Scholar Publishers, 2007. p. 188-198.

DUARTE, Inês; OLIVEIRA, Fátima. Participípios resultativos. In: BRITO, Ana Maria et al. **Textos Seleccionados, XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**. Porto: Portuguesa de Linguística, 2010. p. 397-408.

EMBICK, David. On the Structure of Resultative Participles in English. **Linguistic Inquiry**, [s.l.], v. 35, n. 3, p.355-392, jul. 2004. MIT Press - Journals. <http://dx.doi.org/10.1162/0024389041402634>.

ESTRELA, Antónia. **A Aquisição da Estrutura Passiva em Português Europeu**. 2013. 1 v. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Ciências da Linguagem, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2013. Disponível em: <<https://digitalis.uc.pt/handle/10316.2/32244>>. Acesso em: 12 jul. 2014.

FOX, Danny; GRODZINSKY, Yosef. Children's Passive: A View from the By-Phrase. **Linguistic Inquiry**, [s.l.], v. 29, n. 2, p.311-332, abr. 1998. MIT Press - Journals. <http://dx.doi.org/10.1162/002438998553761>.

FRIEDMANN, Naama. Young Children and A-chains: The Acquisition of Hebrew Unaccusatives. **Language Acquisition**, [s.l.], v. 14, n. 4, p.377-422, 19 out. 2007. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/10489220701600523>.

FRIEDMANN, Naama; COSTA, João. The child heard a coordinated sentence and wondered: On children's difficulty in understanding coordination and relative clauses with crossing dependencies. **Lingua**, [s.l.], v. 120, n. 6, p.1502-1515, jun. 2010. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.lingua.2009.10.006>.

FRIEDMANN, Naama; COSTA, João. Acquisition of SV and VS Order in Hebrew, European Portuguese, Palestinian Arabic, and Spanish. **Language Acquisition**, [s.l.], v. 18, n. 1, p.1-38, 10 jan. 2011. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/10489223.2011.530507>.

GABRIEL, Rosângela. **A Aquisição das Construções Passivas em Português e Inglês: Um Estudo Translinguístico**. 2001. 209 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001. Disponível em: <<http://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/413/1/RosangelaGabriel.pdf>>. Acesso em: 09 jan. 2017.

HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed morphology and the pieces of inflection. In: HALE, Kenneth; KEYSER, Samuel Jay. **The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger**. Cambridge: The Mit Press, 1994. p. 111-176.

HAEGEMAN, Liliane. The get-passive and burzio's generalization. **Lingua**, [s.l.], v. 66, n. 1, p.53-77, maio 1985. Elsevier BV. [http://dx.doi.org/10.1016/s0024-3841\(85\)90256-6](http://dx.doi.org/10.1016/s0024-3841(85)90256-6).

HYAMS, Nina; SNYDER, William. Young Children Are Frozen: Reflexive Clitics and the Universal Freezing Hypothesis. **UCLA/University Of Connecticut Manuscript**, Los Angeles, v. sn, n. sn, p.1-26, June 2006. Disponível em: <http://web.uconn.edu/snyder/papers/Hyams_Snyder_2006.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2014.

HIRSCH, Christopher; HARTMAN, Jeremy. Some (wh-) questions concerning passive interactions. In: BELLETTI, Adriana et al. **Language Acquisition and Development**. Cambridge: Cambridge Scholars Press, 2005. p. 256-268.

HIRSCH, Christopher; WEXLER, Ken. The late acquisition of raising: what children seem to think about seem. In: DAVIES, William D.; MAGNITSKAIA, Tatiana; DUBINSKY, Stanley. **New Horizons in the Analysis of Control and Raising**. New York: Springer, 2007. p. 35-70.

JAEGGLI, Osvaldo. Passive. **Linguistic Inquiry**, [s.i.], v. 17, n. 4, p.587-622, 1986.

KRATZER, Angelika. Severing the external argument from its verb. In: ROORYCK, Johan; ZARING, Laurie. **Phrase Structure and the lexicon**. Dordrecht: Kluwer, 1996. p. 109-138.

KRATZER, Angelika. Building Statives. **Annual Meeting Of The Berkeley Linguistics Society**, [s.l.], v. 26, n. 1, p.385-399, 25 set. 2000. Linguistic Society of America. <http://dx.doi.org/10.3765/bls.v26i1.1131>.

LITER, Adam. **The acquisition and syntax of the passive in English**. 2016. 68 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Linguistics, Michigan State University, East Lansing, 2016. Disponível em: <<https://d.lib.msu.edu/etd/3840>>. Acesso em: 26 jun. 2017.

MARANTZ, Alec. No escape from syntax: Don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. **University of Pennsylvania working papers in linguistics**, v. 4, n. 2, p. 14, 1997.

MEDEIROS, Alessandro Boechat de. **Traços Morfossintáticos e Subespecificação Morfológica na Gramática do Português: Um estudo das Formas Participiais**. 2008. 299 f. Tese (Doutorado) - Curso de Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&o_obra=118465>. Acesso em: 15 nov. 2015.

O'BRIEN, Karen; GROLLA, Elaine; LILLO-MARTIN, Diane. Long passives are understood by young children. In: 30TH ANNUAL BOSTON UNIVERSITY CONFERENCE ON LANGUAGE DEVELOPMENT, 30., 2005, Somerville.: **Proceedings of the 30th Annual Boston University Conference on Language Development**. Somerville.: Cascadilla Press, 2006. v. 2, p. 441 - 451.

ORFITELLI, Robyn. **Argument intervention in the acquisition of A-movement**. 2012. 169 f. Tese (Doutorado) - Curso de Linguistics, University Of California, Califórnia, 2012. Disponível em:

<<http://linguistics.ucla.edu/general/Dissertations/Orfitelli-DissertationUCLA2012.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2015.

PERLMUTTER, David. Impersonal passives and the unaccusative hypothesis. In: 4TH ANNUAL MEETING OF THE BERKELEY LINGUISTICS SOCIETY, 4., 1978, Berkeley. **Proceedings of the 4th Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**. Berkeley: BLS, 1978. p. 157 - 189.

RIZZI, Luigi. Relativized minimality effects. In Baltin, Mark; Collins, Chris. **The Handbook of Contemporary Syntactic Theory**. Oxford: Blackwell, 2001. p. 89-110.

RUBIM, Maraci Coelho. **A Passiva na Síndrome de Down**. 2004. 224 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1884/27895>>. Acesso em: 01 out. 2012.

SCHER, Ana Paula; MEDEIROS, Alessandro Boechat; MINUSSI, Rafael. Estrutura argumental em morfologia distribuída. In: NAVES, Rozana Reigota; LIMA-SALLES, Heloisa Masia. **Estudos formais da gramática das línguas natura**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2009. p. 123-138.

SCHMITT, Cristina; MILLER, Karen. Making discourse-dependent decisions: The case of the copulas ser and estar in Spanish. **Lingua**, [s.l.], v. 117, n. 11, p.1907-1929, nov. 2007. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.lingua.2006.11.007>.

SNYDER, William; HYAMS, Nina. Minimality effects in children's passives. **Linguistik Aktuell/linguistics Today**, [s.l.], p.343-368, 2015. John Benjamins Publishing Company. <http://dx.doi.org/10.1075/la.223.16sny>.

WEXLER, Kenneth. **Theory of phasal development**: Perfection in child grammar. MIT Working Papers in Linguistics 48, 2004. p. 159–209

ANEXOS

ANEXO 1

COMITÊ DE ÉTICA EM
PESQUISA DA UNICAMP -
CAMPUS CAMPINAS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Aquisição da voz passiva no português brasileiro: questões para uma teoria da gramática

Pesquisador: Carla Pereira Minello

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 47878615.9.0000.5404

Instituição Proponente: Instituto de Estudo da Linguagem

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.212.488

Apresentação do Projeto:

Trata-se de pesquisa experimental. Serão aplicados testes linguísticos de compreensão e produção em 45 crianças de ambos os sexos que frequentem instituição de ensino infantil, com idade entre 3 anos e 8 anos. O primeiro teste consiste na escolha, pela criança, da figura, dentre 4 apresentadas simultaneamente, que corresponde a sentença dita a ela. O teste será aplicado como se a criança estivesse vendo um álbum de fotos, sendo controlada as variáveis sentenças na voz ativa e sentença na voz passiva, com verbos de ação e de não-ação. O segundo teste consiste na resposta à perguntas feitas à criança após a apresentação de um pequeno vídeo, em que fantoches realizam ações. As variáveis controladas serão voz ativa e voz passiva. O terceiro teste consiste em três figuras apresentadas em sequência à criança, juntamente com uma história, sendo solicitado que esta responda as questões realizadas posteriormente. As variáveis controladas serão o verbo ser e o verbo estar. O quarto teste consiste em contar uma pequena história à criança. A criança terá que julgar se a sentença produzida após o término da história é aceitável ou não no português. As variáveis controladas serão voz passiva eventiva, passiva estativa e passiva resultativa.

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
Bairro: Barão Geraldo **CEP:** 13.083-887
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 **Fax:** (19)3521-7187 **E-mail:** cep@fcm.unicamp.br

COMITÊ DE ÉTICA EM
PESQUISA DA UNICAMP -
CAMPUS CAMPINAS



Continuação do Parecer: 1.212-488

Objetivo da Pesquisa:

O presente trabalho tem por objetivo discutir e analisar o fenômeno da voz passiva na aquisição da linguagem, procurando estabelecer paralelos entre as discussões da aquisição da voz passiva em outras línguas (inglês, grego e português europeu (PE)), disponíveis na literatura da área, e no Português Brasileiro (PB), por meio da produção e compreensão de passivas verbais curtas e longas com verbo de ação e de não ação por crianças adquirindo o (PB), através da elaboração e aplicação de estudos experimentais

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: Não há riscos previsíveis envolvidos na pesquisa. Nesse caso, sequer serão utilizados quaisquer materiais que possam envolver algum risco para a criança como brinquedos, por exemplo. A criança apenas participará de um experimento que funciona, para ela, como um jogo de escolha de figuras e um jogo de produção de respostas, os quais ocorrerão na frente de um computador portátil. O máximo que se pode prever é que a criança ou o adulto eventualmente se sintam entediados com a tarefa e queiram parar de executá-la, o que será respeitado.

Benefícios:

Não há benefícios diretos para as crianças ou para seus pais. Os benefícios advirão do conhecimento que se conseguir auferir com a pesquisa para que possamos entender se as crianças conseguem compreender uma estrutura, a voz passiva, que praticamente não existe na fala do adulto ao seu redor.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto interessante por visar compreender o processo de normalidade sobre a aquisição da voz passiva do português brasileiro

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Projeto, projeto plataforma, folha de rosto, autorização da instituição, TCLE (experimental), TLCE (controle)

Recomendações:

Sem recomendações

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

- O sujeito de pesquisa deve receber uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado.

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
Bairro: Barão Geraldo CEP: 13.083-887
UF: SP Município: CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 Fax: (19)3521-7187 E-mail: cep@fcm.unicamp.br

COMITÊ DE ÉTICA EM
PESQUISA DA UNICAMP -
CAMPUS CAMPINAS



Continuação do Parecer: 1.212.488

- O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado.

- O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado. Se o pesquisador considerar a descontinuação do estudo, esta deve ser justificada e somente ser realizada após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou. O pesquisador deve aguardar o parecer do CEP quanto à descontinuação, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade de uma estratégia diagnóstica ou terapêutica oferecida a um dos grupos da pesquisa, isto é, somente em caso de necessidade de ação imediata com intuito de proteger os participantes.

- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo. É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.

- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial.

- Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, inicialmente seis meses após a data deste parecer de aprovação e ao término do estudo.

- Lembramos que segundo a Resolução 466/2012, item XI.2 letra e, "cabe ao pesquisador apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento".

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
----------------	---------	----------	-------	----------

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
 Bairro: Barão Geraldo CEP: 13.083-887
 UF: SP Município: CAMPINAS
 Telefone: (19)3521-8936 Fax: (19)3521-7187 E-mail: cep@fcm.unicamp.br

**COMITÊ DE ÉTICA EM
PESQUISA DA UNICAMP -
CAMPUS CAMPINAS**



Continuação do Parecer: 1.212.488

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE GrupoExperimental Ago2015.pdf	05/08/2015 00:43:58		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE GrupoControle Ago2015.pdf	05/08/2015 00:44:12		Aceito
Outros	AutorizaçãoInstituição ago2015.pdf	05/08/2015 00:44:26		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoDetalhado Ago2015.pdf	05/08/2015 00:44:39		Aceito
Folha de Rosto	Folha de Rosto ago2015.pdf	05/08/2015 00:39:57		Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_455902.pdf	05/08/2015 00:47:41		Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPINAS, 02 de Setembro de 2015

Assinado por:
Renata Maria dos Santos Celeghini
(Coordenador)

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
Bairro: Barão Geraldo **CEP:** 13.083-887
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 **Fax:** (19)3521-7187 **E-mail:** cep@fcm.unicamp.br

ANEXO 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO GRUPO CONTROLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: Aquisição da voz passiva no português brasileiro: questões para uma Teoria da Gramática

Pesquisadoras responsáveis: Carla Pereira Minello e Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes

Número do CAAE: (47878615.9.0000.5404)

Você está sendo convidado a participar como voluntário para compor o grupo controle de uma pesquisa sobre a aquisição do português brasileiro. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Se você não quiser participar ou retirar sua autorização, a qualquer momento, não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo.

Justificativa e objetivos:

Interessa-nos observar o processo de aquisição de sentenças na voz passiva (por exemplo, O menino foi visto pela menina), de forma que se possa compreender melhor o processo de aquisição do português brasileiro e compará-lo com o desempenho adulto nessas atividades.

Procedimentos:

Participando do estudo você está sendo convidado para compor o grupo controle da pesquisa acima. Você será convidado a realizar quatro atividades diferentes, acompanhado do pesquisador responsável. A primeira atividade consiste em escolher dentro de um conjunto de quatro figuras, aquela que corresponde a sentença por você. Na segunda atividade, você irá assistir a vídeos e depois terá que responder a perguntas. Na terceira atividade, serão apresentados duas figuras e uma história, seguida de uma frase em que será solicitado que complete-a. E na quarta atividade, você irá assistir um pequeno vídeo e terá que dizer qual personagem falou a frase de forma correta e repetir qual foi esta frase. As respostas obtidas serão anotadas em um formulário previamente elaborado pela pesquisadora. Os personagens das figuras serão desenhos coloridos de seres vivos e os personagens do vídeo, fantoches de pelúcia. O tempo previsto para a realização das atividades é de aproximadamente trinta minutos. Será necessário filmar a execução das atividades propostas para que a pesquisadora possa analisá-las posteriormente. Saliento que a câmera ficará disposta ao seu lado, não filmando-o por inteiro, mas apenas as escolhas feitas por ele/ela e gravando sua voz.

Desconfortos e riscos:

Você não deve participar deste estudo se apresentar déficits em seu desenvolvimento cognitivo ou surdez.

Não há riscos previsíveis envolvidos na pesquisa. Você apenas participará de um experimento em que terá que escolher figuras e produzir respostas. O máximo que se pode prever é que você se sinta entediada com a tarefa e queira parar de executá-la, o que será respeitado.

Em relação à possibilidade de algum tipo de desconforto com a pesquisa, você terá a liberdade de interromper sua participação a qualquer momento.

Benefícios:

Não se preveem benefícios diretos aos voluntários, mas apenas aqueles advindos da pesquisa científica, contribuindo para que possamos entender melhor o processo de aquisição do português brasileiro.

Acompanhamento e assistência:

Após seu consentimento, você será convidado a participar do teste descrito. Não haverá nenhum tipo de avaliação e não haverá acompanhamento após o encerramento da pesquisa. Não se espera detectar situações que indiquem intervenção.

Sigilo e privacidade:

Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados desse estudo, seu nome não será citado. As informações obtidas serão utilizadas apenas pelas pesquisadoras com interesse acadêmico para fins científicos

Ressarcimento:

Não haverá ressarcimento aos participantes. O estudo será realizado durante os intervalos do seu horário de trabalho e/ou estudo.

Contato:

Em caso de dúvidas sobre o estudo, você poderá entrar em contato com as pesquisadoras Carla Pereira Minello, Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, localizado na Rua Sérgio Buarque de Holanda, nº 571, CEP: 13083-859, Campinas, SP, Brasil, Telefone: (19) 98148-1058. e-mail: carlaminello@gmail.com e Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes, Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, localizado na Rua Sérgio Buarque de Holanda, nº 571, CEP: 13083-859, Campinas, SP, Brasil, Telefone: (19) 35211755; (19) 35211756. e-mail: ruth@iel.unicamp.br.

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você pode entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNICAMP das 08:30hs às 13:30hs e das 13:00hs as 17:00hs na Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126; CEP 13083-887 Campinas – SP; telefone (19) 3521-8936; fax (19) 3521-7187; e-mail: cep@fcm.unicamp.br

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar:

Nome do(a) participante: _____.

_____ Data: ____/____/____.

(Assinatura do participante ou nome e assinatura do seu responsável LEGAL)

() Autorizo minha filmagem durante a execução da tarefa proposta

() Não autorizo minha filmagem durante a execução da tarefa proposta

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado e pela CONEP, quando pertinente. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

_____ Data: ____/____/____.

(Assinatura do pesquisador)

ANEXO 3 - TERMO DE CONSENTIMENTO GRUPO EXPERIMENTAL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: Aquisição da voz passiva no português brasileiro: questões para uma Teoria da Gramática

Pesquisadoras responsáveis: Carla Pereira Minello e Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes

Número do CAAE: (47878615.9.0000.5404)

Seu/sua filho/filha está sendo convidado/a participar como voluntário/voluntária de uma pesquisa sobre a aquisição do português brasileiro. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir autorizar seu filho/sua filha participar. Se você não quiser que ele/ela participe ou decidir retirar sua autorização, a qualquer momento, não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo.

Justificativa e objetivos:

Interessa-nos observar o processo de aquisição de sentenças na voz passiva (por exemplo, O menino foi visto pela menina), de forma que se possa compreender melhor o processo de aquisição do português brasileiro.

Procedimentos:

Seu/sua filho/filha, ao participar do estudo, será convidado a realizar quatro atividades diferentes, acompanhado do pesquisador responsável. A primeira atividade consiste em escolher dentro de um conjunto de quatro figuras, qual figura corresponde a sentença escutada seu/sua filho/filha. Na segunda atividade, seu/sua filho/filha, irá assistir a vídeos e depois terá que responder a pergunta feita para ele. Na terceira atividade, serão apresentados duas figuras e uma história, seguida de uma frase em que será solicitado que complete-a. E na quarta atividade, seu/sua filho/filha irá assistir um pequeno vídeo e terá que apontar qual personagem falou a frase de forma correta e repetir qual foi esta frase. As respostas obtidas serão anotadas em um formulário previamente elaborado pela pesquisadora. Os personagens das figuras serão desenhos coloridos de seres vivos e os personagens do vídeo, fantoches de pelúcia. O tempo previsto para a realização das atividades é de aproximadamente quarenta minutos, divididas em dois dias de atividades. Será necessário filmar seu/sua filho/filha executando as atividades propostas para que a pesquisadora possa analisá-las posteriormente. Saliento que a câmera ficará disposta ao lado do seu/sua filho/filha, não filmando-o por inteiro, mas apenas as escolhas feitas por ele/ela e gravando sua voz.

Desconfortos e riscos:

Você não deve autorizar a participação de seu/sua filho/filha nesse estudo se este/esta apresentar déficits em seu desenvolvimento cognitivo ou surdez.

Não há riscos previsíveis envolvidos na pesquisa. Nesse caso, sequer serão utilizados quaisquer materiais que possam envolver algum risco para a criança como brinquedos, por exemplo. A criança apenas participará de um experimento que funciona, para ela, como um jogo de escolha de figuras e um jogo de produção de respostas. O máximo que se pode prever é que a criança eventualmente se sinta entediada com a tarefa e queira parar de executá-la, o que será respeitado.

Em relação à possibilidade de algum tipo de desconforto com a pesquisa, você terá a liberdade de interromper sua participação a qualquer momento.

Benefícios:

Não se prevêem benefícios diretos aos voluntários, mas apenas aqueles advindos da pesquisa científica, contribuindo para que possamos entender melhor o processo de aquisição do português brasileiro.

Acompanhamento e assistência:

Após autorização, seu filho/sua filha será convidado a participar de uma brincadeira. Após o encerramento da pesquisa, esta será apresentada à escola e aos responsáveis pelos participantes. Não haverá nenhum tipo de avaliação de seu/sua filho/a, pois entendemos que a aquisição de uma língua é um processo natural do desenvolvimento infantil. Caso surja alguma intercorrência, a escola será informada sobre o fato.

Sigilo e privacidade:

Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados desse estudo, seu nome não será citado. As informações obtidas serão utilizadas apenas pelas pesquisadoras com interesse acadêmico para fins científicos.

Ressarcimento:

Não haverá ressarcimento aos participantes. O estudo será realizado durante o horário de permanência seu/sua filho/filha na escola, de forma que o estudo interfira o mínimo possível nas atividades escolares.

Contato:

Em caso de dúvidas sobre o estudo, você poderá entrar em contato com as pesquisadoras Carla Pereira Minello, Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, localizado na Rua Sérgio Buarque de Holanda, nº 571, CEP: 13083-859, Campinas, SP, Brasil, Telefone: (19) 98148-1058. e-mail: carlaminello@gmail.com e Ruth Elisabeth Vasconcellos

Lopes, Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, localizado na Rua Sérgio Buarque de Holanda, nº 571, CEP: 13083-859, Campinas, SP, Brasil, Telefone: (19) 35211755; (19) 35211756. e-mail: ruth@iel.unicamp.br.

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você pode entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNICAMP das 08:30hs às 13:30hs e das 13:00hs as 17:00hs na Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126; CEP 13083-887 Campinas – SP; telefone (19) 3521-8936; fax (19) 3521-7187; e-mail: cep@fcm.unicamp.br

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar:

Nome _____ do(a) _____ participante: _____

_____ Data: ____/____/____.

(Assinatura do participante ou nome e assinatura do seu responsável LEGAL)

() Autorizo a filmagem do meu/minha filho/filha

() Não autorizo a filmagem do meu/minha filho/filha

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado e pela CONEP, quando pertinente. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

_____ Data: ____/____/____.

(Assinatura da pesquisadora)

ANEXO 4
SENTENÇAS TESTADAS NO EXPERIMENTO DE COMPREENSÃO DE PASSIVAS
EVENTIVAS

Tipo de sentença testada	Estímulo apresentado
Ativas	<p>A mãe lavou a menina A avó penteou a mãe A mãe viu a avó A menina amou a mãe A avó envergonhou a menina O pai molhou o menino O avô derrubou o pai O menino perseguiu o avô O pai assustou o menino O pai aborreceu o avô</p>
Passivas curtas	<p>A menina foi lavada A mãe foi penteada A avó foi vista A mãe foi amada A menina foi envergonhada O menino foi molhado O pai foi derrubado O avô foi perseguido O menino foi assustado O avô foi aborrecido</p>
Passivas longas	<p>A menina foi lavada pela mãe A mãe foi penteada pela avó A avó foi vista pela mãe A mãe foi amada pela menina A menina foi envergonhada pela avó O menino foi molhado pelo pai O pai foi derrubado pelo avô O avô foi perseguido pelo menino O menino foi assustado pelo pai O avô foi aborrecido pelo pai</p>

ANEXO 5
SITUAÇÕES TESTADAS NO EXPERIMENTO DE PRODUÇÃO ELICIADA

Contexto de testagem	Pergunta
Essa é a coelha e essa é a vaca. (O fantoche do coelho se dirige em direção ao fantoche da vaca e o beija).	O que aconteceu com a vaca?
Essa é a rata e essa é a vaca. (O fantoche do rato se dirige em direção ao fantoche da vaca e o cheira).	O que aconteceu com a vaca?
Esse é o urso e esse é o rato. (O fantoche do urso se dirige em direção ao fantoche da vaca e o derruba).	O que aconteceu com o rato?
Essa é a vaca e essa é a coelha. (O fantoche da vaca cobre o fantoche da coelha).	O que aconteceu com a coelha?
Essa é a galinha e essa é a coelha. (O fantoche da galinha maquia o fantoche do coelho).	O que aconteceu com a coelha?
Essa é a vaca e essa é a coelha. (O fantoche da vaca se dirige em direção ao fantoche do coelho e o puxa).	O que aconteceu com a coelha?
Essa é a galinha e essa é a vaca. (O fantoche da galinha se dirige em direção ao fantoche da vaca e a penteia).	O que aconteceu com a vaca?
Essa é a galinha e essa é a vaca. (O fantoche da galinha fotografa o fantoche da vaca).	O que aconteceu com a vaca?
Essa é a vaca e essa é a galinha. (O fantoche da vaca se dirige em direção ao fantoche da galinha e a esfrega).	O que aconteceu com a galinha?
Esse é o urso e esse é o cachorro. (O fantoche do urso se dirige em direção ao fantoche do cachorro e o abraça).	O que aconteceu com o cachorro?

ANEXO 6
RESPOSTAS OBTIDAS NO EXPERIMENTO DE PRODUÇÃO ELICIADA

GRUPO EXPERIMENTAL 1

G1	BEIJAR	CHEIRAR	DERRUBAR	COBRIR	MAQUIAR	PUXAR	PENTEAR	FOTOGRAFAR	ESFREGAR	ABRAÇAR
S1	Mexeu	Cheirou	Empurrou	Cubriu ela	Pintou	Purrou	Penteou	Tirou uma foto	Tomou banho	Abraçou
S2	Deu um beijo	Ela vai sera	Empurrou e caiu no chão		Pintou no rosto	Puxou a orelha dela assim	Penteou com o pente	Tirou uma foto dessa (aponta)	Deu banho	Ele deu um abraço
S3	Beijou	Cheiro no pescoço dela	Um derrubou o outro	Tá cobrindo na cabeça	Passou aqui, aqui, aqui (aponta)	Puxou o cabelo	Penteou o cabelo	Não sei	Esfregando a belo	Abraçou
S4	Deu um beijo e fez assim	Cheirou a vaca e deu um beijo nela	Fez assim nele	Ela ficou cuberta	Fez assim	Puxou a orelha dela	Penteou a vaca	A galinha tirou a foto	Deu banho assim	Abraçou ele
S5	O coelhinho beijou na vaca	O ratinho cheirou a vaca	O ursinho empurrou	A vaca pôs o cobertor na coelha	A galinha passou blush na coelha	A vaca puxou a orelha da coelha	A galinha penteou o cabelo da vaca	A galinha, ela tirou foto da vaca	A galinha pegou uma bucha de tomar banho e coisou com ela na galinha	A urso deu um abraço no cachorro
S6	(fez onomatopeia, indicando o ato de beijar)	(fez gesto indicando)	Tapão	Te cobriu	Batom (gestos de maquiar)	Puxou assim (gestos)	Penteou. Espanou tudo o cabelo dela	Tirou foto	Pegou isso e fez assim	Deu um abraço no primo (acompanhado por gestos)
S7	Ela beijou o coelho	O rato cheirou ela	Ele, ele, o ursinho caiu nele	A coelha se escondeu	Ela, ela fez a maquiagem	Pegou ela e puxou ela	A vaca, ela se mexeu	Ela fez assim (=coelha). Ela se mexeu (=vaca)	Ela passou isso aqui nela.	Se abraçou
S8	Deu beijo	Deu um cheiro	Derrubou	Cobriu	Pintou	Puxou a orelha dela	Penteou	Não sei	Lavou	Abraçou
S9	A coelha beijou	O rato cheirou	O urso derrubou	A vaca cobriu ela	A galinha passou blush na coelha	A vaca, a orelha da coelha	A galinha penteou a orelha da vaca	A galinha tirou uma foto assim	Ela penteou ela	O urso, o cachorro
S10	Aconteceu que a coelha beijou a vaca	O rato beijou a vaca	O rato derrubou	Cobriu ele	Pintou	Puxou a orelha dela	Tava penteando ela e penteou porque tava muito feio	Tiro foto	Limpou	Abraçou

GRUPO EXPERIMENTAL 2

G2	BEIJAR	CHEIRAR	DERRUBAR	COBRIR	MAQUIAR	PUXAR	PENTEAR	FOTOGRAFAR	ESFREGAR	ABRAÇAR
S1	A coelhinha cheirou ela	Cheirou	O urso abaixou, abaixou o rato	A vaca pôs a coberta em cima da coelha	A galinha pegou o pincel e pôs assim e assim	A vaca, puxou a orelha da coelha e ela ficou assim e depois assim	A galinha pegou um pente e penteou a vaca	A galinha pegou uma câmera e tirou foto dela, da vaca	A vaca pegou, pegou a bucha e esfregou o olho dela	Deu um abraço no urso
S2	Ela beijou	Cheirou	O urso bateu	Colocou casaco	Pintou o rosto	Puxou o cabelo	Colocou o pente aqui	Tirou foto	Penteou o cabelo	Deu um abraço
S3	A vaca beijou ela (inverteu o agente)	Beijo de novo	Ele bateu nele aqui	Coberta	Você passou maquiagem aqui e aqui	Puxou a orelha dela	Penteou o cabelo dela	Não sei	Penteou	Ele fez assim, abraçou
S4	Beijou	Ele cheirou	Ela abaixou ele	Ela cobriu	Ela pintou	Ela puxou a orelha dela	Ela pegou uma coisa e fez assim nela	Ela tirou foto da vaca	Ela esfregou coisinha de sabãozinho	Ele abraçou ele
S5	A coelha beijou a vaca	Cheirou a vaca	O urso abaixou o rato	A vaca cobriu	A galinha tava // pintou a coelha	A vaca puxou a orelha	A galinha penteou a vaca	A galinha passou negócio na vaca	A vaca passou negócio na galinha	O urso abraçou o cachorro
S6	Beijou	A rata cheirou?	Ele empurrou?	Ela cobriu	Pintou ela	A vaca puxou	A galinha penteou a vaca	A galinha tirou foto?	A vaca deu banho	O urso abraçou
S7	Deu um beijo	Cheirou	O urso derrubou o rato	A coelha se cobriu	Passou blush	Puxou a orelha	Penteou	Não sei	Tava tomando banho	Deu um abraço
S8	Ela deu beijo	Cheirou	O urso empurrou	A vaca encobriu a coelha	Pintou com pincel	A vaca puxou a orelha dela assim	Penteou o cabelo da vaca	Ficou quieta	A vaca limpou assim ca escova	Deu abraço
S9	Coelho beijou a vaca	Cheirou	O coelho derrubou ele	A vaca se cobriu a coelha	A popó pintou o rosto da coelha	Puxou a orelhinha dela	Penteou o cabelo da (aponta)	Tirou foto da vaca	Limpou	Abraçou
S10	Foi abraçada	Ela cheirou a vaca	Ele foi empurrado	A vaca cobriu a coelha	Ela foi pintada	A vaca puxou a orelha da coelha	Ela foi penteada	A galinha tirou uma foto	Ela tomou banho	Ele foi abraçado

GRUPO EXPERIMENTAL 3

G3	BEIJAR	CHEIRAR	DERRUBAR	COBRIR	MAQUIAR	PUXAR	PENTEAR	FOTOGRAFAR	ESFREGAR	ABRAÇAR
S1	Beijou	Ela está cheirando	Derrubou	Ele cobriu ela	Ela tá fazendo uma maquiagem	Puxou o cabelo	Penteando o cabelo	Tirou uma foto	Tomou um banho	Abraçou
S2	Essa cheirou essa	Cheirou	Empurrou	Foi coberta	A galinha pintou a coelha	A vaca puxou a coelha	A galinha penteou o cabelo dela	A galinha tirou foto da vaca	Lavou	O urso abraçou o cachorro
S3	A coelha veio e escondeu uma coisa no ouvido da vaca	A rata veio e cheirou a vaca	O urso derrubou o rato	A vaca veio e pôs um cobertor na coelha	A galinha abaixou, pegou um pincel de blush e passou na coelha	A vaca puxou a orelha da coelha	A galinha pegou um pente e penteou o pelo da vaca	A galinha pegou uma máquina de tirar foto e a vaca olhou pra máquina de tirar. Ai, tirou foto e pôs lá embaixo de novo	A vaca pegou uma bucha de esfregar e limpou coisa e passou no pelo da galinha	O urso foi, veio e deu um abraço no cachorro
S4	Ela deixou um beijo na outra	Cheirou?	-	Ficou coberta	Ela passou maquiagem	A vaca mordeu a orelha	Penteou o cabelo	Tirou uma foto	Ficou de pena penteada. Ficou limpa	Abraçou
S5	O coelho cheirou ela	O ratinho cheirou ela	O urso empurrou ele	A vaca jogou um pano nela	A galinha passou o pozinho nela	A vaca puxou a orelha dela	A galinha, a galinha penteou o cabelo dela	A galinha tirou uma foto dela	A vaca, a vaca tava dando um banho nela	O urso, abraçou ele
S6	Beijou	Cheirou	Ele empurrou	Cubriu	Ponho blush na coelha	Puxou a orelha	Penteou o cabelo dela	Tirou foto	Lavar	Abraçou
S7	A coelhinha beijou?	O ratinho cheirou?	O ursinho bateu nele	A vaquinha escondeu ela?	A galinha pintou ela?	A vaquinha puxou a orelhinha dela?	A galinha penteou ela?	Ela tirou uma foto dela	A vaquinha esfregou ela	O ursinho abraçou ele
S8	Deu um beijo	Cheirou	O ursinho empurrou	Ela pôs um pano nela	A galinha passou uma coisa aqui	Ela puxou a orelha dela	A galinha, ela passou uma coisa aqui	A vaca imitou ela	A vaca passou bucha nela	O ursinho deu abraço
S9	A vaca, ela beijou	A vaca cheirou	Ele deu um empurrãozinho na cabeça do rato	A vaca pegou esse pano vermelho e depois colocou na cabeça da coelha	A galinha pintou a coelha	A vaca puxou uma das orelhas da coelha	A galinha penteou o cabelinho da vaca	A galinha filmou a vaca	A vaca pegou a bucha de tomar banho e lavou a cabeça da galinha	O urso deu um abraço no cachorro
S10	Ela deu um (som)	Ela cheirou a rata	O urso derrubou o rato	Ela pegou uma coberta e colocou nela	A galinha passou blush na bochecha da coelha	A vaca puxou a orelha da coelha	A galinha penteou a vaca	A galinha tirou foto da vaca	A vaca lavou a galinha	O urso deu um abraço no cachorro

GRUPO CONTROLE

GC	BEIJAR	CHEIRAR	DERRUBAR	COBRIR	MAQUIAR	PUXAR	PENTEAR	FOTOGRAFAR	ESFREGAR	ABRAÇAR
S1	O coelho beijou a vaca	Ela foi cheirada pela rata	Ele foi empurrado pelo urso	Ela foi coberta pela vaca	A galinha foi pintada pela coelha (inverteu)	Ela teve a orelha puxada pela vaca	Ela foi penteada pela galinha	Ela foi fotografada pela galinha	Ela foi esfregada pela vaca	Ele foi abraçado pelo urso
S2	O coelho beijou a vaca	A rata cheirou a vaca	O urso bateu no rato	A vaca cobriu a coelha	A coelha escovou a galinha (inverteu)	A vaca puxou a orelha da coelha	A galinha penteou ela	A galinha tirou uma foto dela	A vaca passou uma bucha na cabeça dela	O urso abraçou ele
S3	Foi beijada pela coelha	Foi cheirada	Apanhou	Foi coberta	Foi maquiada	Teve a orelha puxada	Foi penteada	Foi fotografada	Foi esfregada	Foi abraçado
S4	Ela recebeu um cafuné da coelha	Foi cheirada pela rata	Levou um tapa do urso	A vaca colocou uma coberta em cima da coelha	A galinha foi pincelada pela coelha (inverteu)	A coelha teve a orelha puxada pela vaca	A vaca teve o cabelo penteado pela galinha	A vaca teve uma foto tirada pela galinha	A vaca lavou a cabeça da galinha com a bucha	Ele tava andando, encontrou o cachorro e recebeu um abraço dele
S5	Foi beijada pela coelha	Foi cheirada pela rata	O rato levou um tapa nas costas pelo urso	A coelha foi coberta pela vaca	Foi pintada pela galinha	Teve a orelha puxada pela vaca	Foi penteada pela galinha	Teve uma foto tirada pela galinha	A galinha foi limpada pela vaca	Foi abraçado pelo urso
S6	Ela ganhou um beijo	Ela foi cheirada	Ele foi empurrado	Ela foi coberta	Ela foi maquiada	A orelha dela foi puxada	Ela foi penteada	Ela foi fotografada	Ela foi lavada	Ele foi abraçado
S7	A coelha beijou	A rata cheirou a vaca	O urso bateu no rato	A vaca cobriu a coelha com um pano	A coelha maquiou a galinha (inverteu)	A vaca puxou a orelha da coelha	A galinha penteou o cabelo da vaca	A galinha tirou uma foto da vaca	A galinha foi esfregada pela vaca por uma esponja	O cachorro foi abraçado pelo urso
S8	Ela foi beijada	Ela foi cheirada	Ele foi agredido violentamente por um urso	Ela foi coberta	Ela foi maquiada	Ela teve a orelha puxada pela vaca	Ela foi penteada	Ela foi fotografada	Ela foi lavada	Ele foi abraçado
S9	Foi beijada pela coelha	Foi cheirada pela rata	Foi derrubado pelo urso	Foi escondida pela vaca	Foi maquiada pela galinha	Foi abraçada pela vaca	Foi penteada pela galinha	Foi fotografada pela galinha	Foi limpa pela vaca	Foi abraçado pelo urso
S10	Recebeu um beijo do coelho	Foi cheirada pela rata	Foi empurrado pelo urso	Foi coberta pela vaca	Foi pintada pela galinha	Teve a orelha puxada pela vaca	Foi penteada pela galinha	Teve uma foto tirada pela galinha	Foi esfregada pela vaca	Foi abraçado pelo urso